



CARTAS & IMPRESSÕES DE LEITURA

LITERATURA JAPONESA I
2021

LICA HASHIMOTO (org.)



fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



Universidade de São Paulo

Reitor

Vahan Agopyan

Vice-Reitor

Antonio Carlos Hernandez



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretor

Paulo Martins

Vice-Diretora

Ana Paula Torres Megiani

Catálogo na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
Maria Imaculada da Conceição – CRB-8/6409

C322 Cartas e impressões de leitura [recurso eletrônico] : literatura japonesa I
2021 / Organização: Lica Hashimoto, diagramação: Marcela Sayuri. –
São Paulo : FFLCH/USP, 2021.
41.904 Kb ; PDF.

ISBN 978-65-87621-78-4
DOI 10.11606/9786587621784

1. Literatura japonesa. 2. Epistografia. I. Hashimoto, Lica. II.
Sayuri, Marcela.

CDD 895.65

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada



LICA HASHIMOTO (organização)
MARCELA SAYURI (diagramação)

CARTAS & IMPRESSÕES DE LEITURA

LITERATURA JAPONESA I
2021



fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

São Paulo, 2021

Capa e projeto gráfico

Marcela Sayuri Nakagawa Leite

Imagem da capa

竹取物語 | The Tale of the Bamboo Cutter

Imagens do miolo

pp. 15: 富本豊ひな | The Lady Tomimoto Toyohina Reading a Letter

Kitagawa Utamaro, 1790

pp. 189: 『北国五色墨』 「おいらん」
| “High-Ranking Courtesan” (Oiran),
from the series Five Shades of Ink
in the Northern Quarter (Hokkoku
goshikizumi),

Kitagawa Utamaro, 1794–95

Revisão

Lica Hashimoto

[2021]



SUMÁRIO

CARTA PARA UM AMIGO

- 15** MORTE EM PLENO VERÃO Yukio Mishima
Alan C. Abílio
- 19** DEZ NOITES DE SONHOS Natsume Soseki
Aline Kobori
- 23** NORWEGIAN WOOD Haruki Murakami
Aline Kubo
- 27** O LIVRO DO TRAVESSEIRO Sei Shōnagon
Amanda Stephanie Pereira
- 31** TSUGUMI Banana Yoshimoto
Ana Carolina
- 37** TOMIE Junji Ito
Brenda Kapp de Paula
- 42** O CONTO DO CORTADOR DE BAMBU
Brenda Ribeiro Argolo
- 46** O ELEFANTE DESAPARECE Haruki Murakami
Bruna Florence de Moura
- 49** O FIO DA ARANHA Ryunosuke Akutagawa
Caio Perin Ribeiro
- 53** A HISTÓRIA DO CORTADOR DE BAMBU
Caroline M. Gomes
- 56** MIL TSURUS Yasunari Kawabata
Daniel Akira Hasimoto
- 62** O PAÍS DAS NEVES Yasunari Kawabata
Débora Mayumi Yamaguti Zimmer

- 67** **CONTOS JAPONESES DE MISTÉRIO E IMAGINAÇÃO** Edogawa Ranpo
Éveli Maciel Barbosa
- 72** **A HISTÓRIA DO CORTADOR DE BAMBU**
Fernanda Kaory
- 76** **SUL DA FRONTEIRA, OESTE DO SOL** Haruki Murakami
Francisco de Assis Leão Neto
- 80** **AS NARRATIVAS DE ISE**
Gabriel Dias Coelho
- 84** **O LIVRO DO TRAVESSEIRO** Sei Shōnagon
Gabriela Miranda Macena
- 88** **HAIKU** Matsuo Bashō
Gabriela Yuri Kamida
- 93** **KITCHEN** Banana Yoshimoto
Heloísa Iaconis da Costa
- 98** **O PAÍS DAS NEVES** Yasunari Kawabata
Henrique C. F. Prado
- 107** **FIGURAS SEMELHANTES** Takahashi Takako
Isabel Cristina Lima da Cruz
- 112** **TRILHAS LONGÍNQUAS DE OKU** Matsuo Bashō
Jéssica M. Noguchi
- 116** **SONO** Haruki Murakami
Julia Mazzi dos Santos
- 121** **HAIKU** Matsuo Bashō
Kellen Queiroz
- 124** **O CONTO DO CORTADOR DE BAMBU**
Liliane K. Ito Ishikawa
- 128** **O CONTO DO CORTADOR DE BAMBU**
Lucas W. P. Silva
- 132** **UMA QUESTÃO PESSOAL** Kenzaburo Ōe
Marcela Sayuri Nakagawa Leite

- 137 KAPPA E O LEVANTE IMAGINÁRIO** Ryunosuke Akutagawa
Maria Flora Marcantonio I. de Alvarenga
- 141 TRILHAS LONGÍNQUAS DE OKU** Matsuo Bashō
Matheus Nagao
- 145 SONO** Haruki Murakami
Mirian M. Santos
- 150 KYOTO** Yasunari Kawabata
Monique Mosso
- 155 NIKKI** Izumi Shikibu
Natalie Fuzii
- 159 BECK: MONGOLIAN CHOP SQUAD** Harold Sakuishi
Natan M. S. Oliveira
- 163 CRÔNICAS DO JAPÃO**
Rafael S. Ferreira
- 167 RASHOMON** Ryūnosuke Akutagawa
Renan Hamaguchi Mota
- 171 O CONTO DO CORTADOR DE BAMBU**
Renan souza
- 174 OUÇA A CANÇÃO DO VENTO** Haruki Murakami
Sara B. R. Souza
- 177 DEZ NOITES DE SONHOS** Natsume Soseki
Tayná Yoko Hatori
- 182 O CONTO DO CORTADOR DE BAMBU**
Veronica Mei
- 186 TERRA MORTA** Ryūnosuke Akutagawa
William Lorete Silva

IMPRESSÕES DE LEITURA

- 191** O GRANDE ESPELHO DO AMOR ENTRE HOMENS Ihara Saikaku
Alceu Rocha Perdigão Alves
- 196** MINHA QUERIDA SPUTNIK Haruki Murakami
Amanda Menezes de Souza
- 202** KAPPA E O LEVANTE IMAGINÁRIO Ryunosuke Akutagawa
Amanda Tiemi
- 207** DEZ NOITES DE SONHOS Natsume Soseki
Ana Beatriz Rocha
- 211** SONO Haruki Murakami
Andressa Moraes
- 215** SÉTIMA NOITE, DEZ NOITES DE SONHOS Natsume Soseki
Bianca Aya Muto
- 220** SONO Haruki Murakami
Bruna Dyesyca Cardoso da Silva
- 225** QUERIDA KONBINI Sayaka Murata
Camila Telles Santana
- 230** O ELEFANTE DESAPARECE Haruki Murakami
Carole de Andrade Marques
- 235** CRÔNICAS DO JAPÃO
Daphne Almassi Hamburgo
- 241** ESSAYS IN IDLENESS AND HŌJŌKI Kenkō & Chōmei
Drix Piccioni Marques Nogueira
- 245** FRUITS BASKET Natsuki Takaya
Giovanna Marques Balasco
- 251** RELATOS DE UM GATO VIAJANTE Hiro Arikawa
Iara Pinheiro

- 255 APÓS O ANOITECER** Haruki Murakami
Isabela Kashima
- 258 DECLÍNIO DE UM HOMEM** Osamu Dazai
João Pedro Boechat Pereira
- 262 DEZ NOITES DE SONHO** Natsume Sôseki
Laura Camacho de Azevedo
- 267 O PAÍS DAS NEVES** Yasunari Kawabata
Luiza Anselmi Cantoni
- 272 O FIO DA ARANHA** Ryūnosuke Akutagawa
Mariana Somera
- 277 DEZ NOITES DE SONHO** Natsumi Soseki
Matheus de Sá
- 281 KAPPA E O LEVANTE IMAGINÁRIO** Ryūnosuke Akutagawa
Matheus Gabriel Torres
- 285 TRILHAS LONGÍNQUAS** Matsuo Bashō
Pablo Oliveira Causo
- 289 CONTO DO CORTADOR DE BAMBU**
Rafael Schwarzwald
- 295 KAFKA À BEIRA-MAR** Haruki Murakami
Raissa Aparecida Silva Costa
- 299 SOBRE O MARIDO DA PRINCESA DE ROKUNOMIYA QUE SE TORNOU
MONGE E RENUNCIOU AO MUNDO**
Renato Santiago
- 304 RELATOS DE UM GATO VIAJANTE** Hiro Arikawa
Tatiana Valéria Silva
- 308 KAPPA E O LEVANTE IMAGINÁRIO** Ryunosuke Akutagawa
Thaisa T. C. Barros
- 312 RELATOS DA MINHA CABANA** Kamo no Chōmei
Vitor Ceschini

APRESENTAÇÃO

Lica Hashimoto

– Uma leitura valiosa é aquela que sentimos vontade de compartilhar com quem amamos –

Em algum momento da vida, esquecemos que uma obra literária é como um portal que nos convida a viajar pelo tempo e espaço. Esquecemos que a leitura nos transporta para outros mundos, outros tempos, outros espaços e que, nesse local, somos convidados a participar da história de um ponto de vista privilegiado. Em algum momento da vida, esquecemos que somos capazes de viajar na máquina do tempo chamada literatura. Em algum momento da vida, esquecemos que somos capazes de ampliar os nossos conhecimentos e percepções sobre a nossa vida do presente, estimular a nossa imaginação, sentir com intensidade emoções e sentimentos, conhecer a vida de pessoas de culturas e modos diferentes de pensar. Esquecemos que a literatura nos revela histórias que desconheceríamos se dependêssemos apenas das nossas experiências de vida. Em algum momento da vida, o prazer da leitura foi substituído pela obrigação, e deixou de ser uma fonte seletiva e reflexiva de autoconhecimento e desenvolvimento da sensibilidade. Agora, mais do que nunca, precisamos resgatar o prazer de uma boa leitura para nos ajudar a enfrentar os desafios impostos pela pandemia que, queríamos ou não, protagoniza uma história que marcará a minha, a sua e a nossa história.

Introdução à literatura japonesa

O objetivo da disciplina FLO1295 Literatura Japonesa I foi apresentar um conjunto de obras representativas da literatura japonesa moderna com especial

ênfoque na prosa.

Estudamos Natsume Sôseki (Dez noites de sonho, 1908), Akutagawa Ryûnosuke (Fio da aranha, 1918), Kawabata Yasunari (País das neves, 1937) e obras da literatura japonesa clássica que continuam a dialogar com a literatura moderna, contemporânea e que estão presentes na cultura japonesa pop. Conhecemos o Relatos de fatos antigos, 712 ; Crônicas do Japão, 720; Registro dos relatos milagrosos, 787-824; narrativas monogatari (O cortador de bambu, X); o zuihitsu – escrever ao correr da pena – (O livro do travesseiro, XI; Anotações numa cabana de nove metros quadrados, 1212; Anotações no ócio, 1330); diários literários (Diários de Tosa, 935; Diário da efemeridade, 974; Diário de Izumi Shikibu, 1007); narrativas setsuwa (Coletânea de narrativas em que o agora é passado, XII); poemas waka, haiku, tanka e haikai no Brasil (Antologia poética de ontem e hoje, 905; Trilhas longínquas de Oku, 1702; Haikai do Brasil de Adriana Calcanhoto, 2014); literatura do sobrenatural (hyaku monogatari, XV a XVIII) e a chegada dos jesuítas portugueses no Japão (crônica da espingarda, 1606; preceitos éticos do bushidô e carta de amor da esposa de Kimura Shiguenari, 1615).

Apresentar o panorama da literatura japonesa é proporcionar uma viagem no tempo. Um convite para conhecer obras milenares escritas em outro tempo, outro espaço, outra cultura.

A avaliação teve como objetivo resgatar a leitura como fonte de prazer e conhecimento. O importante não é a quantidade de leituras, mas a relação significativa que o leitor estabelece com a obra. Exige, portanto, que o leitor reaprenda a ordenar ideias, relacionar conceitos e expor reações e opiniões que a leitura suscitou. A sugestão de escrever uma carta ou uma impressão de leitura possui três desafios: o primeiro é o da escolha da obra que a pessoa vai indicar; o segundo é o exercício da escrita criativa e o terceiro é o poder de síntese. É, portanto, um exercício que desenvolve a habilidade de contar uma história de modo criativo, expressivo e capaz de compartilhar significados e sentidos

captados pela sensibilidade e a experiência de vida de quem escreve. Todas as indicações de obras – em carta ou impressão de leitura – possuem o tom da escrita criativa e compartilham uma leitura valiosa.

Gostaria de expressar meu agradecimento especial à Marcela Sayuri pela iniciativa de editar este e-book e pela extrema dedicação e carinho com que realizou todas as etapas desta publicação. Gostaria também de agradecer os alunos que autorizaram a publicação de suas cartas e impressões de leitura que, neste formato E-book, materializa uma singela lembrança da nossa disciplina de Literatura Japonesa I do curso de Letras Japonês da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, ministrado no primeiro semestre de 2021.

Desejo a todos, boas leituras!


Cuidem-se com carinho.

Lica Hashimoto é professora, palestrante, tradutora e autora de livros e artigos relacionados à Língua e Literaturas Japonesa e Brasileira. Atualmente é coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa (2005) e Doutora em Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira (2012), ambos pela FFLCH-USP. Bolsista do Ministério da Educação do Japão (atual MEXT), estudou Língua e Cultura Japonesa na Universidade de Waseda (1986-1988-Tóquio) e do Programa de Treinamento de Professores estrangeiros de Língua Japonesa da Fundação Japão (Saitama, 2005) organização vinculada ao Ministério das Relações Exteriores.

富木豊心

Carta para
um amigo


哥三磨筆



MORTE EM PLENO VERÃO

Yukio Mishima

ALAN C. ABILIO

Ferraz de Vasconcelos, 17 de julho de 2021

Caro Bruno,

Como vai? Há alguns dias eu reparei que não lembro como é sua voz e isso me deixou bem triste. Éramos muito jovens naquela época e acho que toda lembrança que eu tenho de nós dois foi criada em cima das histórias que nossos pais me contaram ao longo desses anos. A vez que você foi me dar Coca-Cola e acabou me dando um banho é a história que eu mais gosto. Fiquei pensando, irmão, o jeito que me falam de você é como faziam os antigos, antes de resolverem escrever suas histórias. Farei questão de continuar essa tradição em nossa família.

Assim como nossos pais fazem questão de contar sua história pra mim, escrevo essa carta para te contar um pouco da minha. Cresci bastante desde a última vez que você me viu, tenho até barba e estou na faculdade de Letras. Escolhi a habilitação de japonês, acredita? Tem sido bom, leio bastante coisa interessante e aprendi muito até aqui. Quando escolhi aprender essa língua, fui atrás de autores japoneses para conhecer mais das narrativas de lá (tive a sensação de que Dragon Ball não era tudo que o Japão tinha pra oferecer) e logo em minha primeira leitura fui surpreendido.

O primeiro conto que li se chama Morte em pleno verão do autor Yukio Mishima e, durante toda minha leitura, fiquei imaginando se talvez o que Tomoko estava passando não era

parecido com o que nossa mãe passou quando você se foi. O luto que a personagem enfrenta, a forma com que isso vai indo embora com o passar do tempo e o filho novo que chega para mesmo assim, ao final, ela encarar o horizonte à espera de algo foram coisas que realmente me tocaram durante a leitura. É muito bonita a maneira com que o autor escreve essa triste história. A imagem da cena final ficou marcada na minha cabeça e relendo esta história, o trecho que copio aqui foi o que mais me chamou atenção.

“Autumn wore on, and the life of the family became day by day more tranquil. Not of course that grief was quite discarded. [...] No one went mad, no one committed suicide. No one was even ill. The terrible event had passed and left scarcely a shadow.”

Yukio Mishima. *Death in midsummer and other stories*.

Penguin Books, 1966:28-29.

Pois é, eu peguei esse livro na biblioteca e agora só encontro essa versão em inglês para te mostrar. Mas dá pra entender, né? Você se foi e nós continuamos a viver por aqui. Pode parecer egoísmo, mas saiba que sentimos sua falta. O terrível acontecimento passou e o que sobrou foram as boas histórias e memórias compartilhadas em família na hora do almoço.

Querido Bruno, espero que essas palavras te alcancem onde quer que você esteja e que um dia nós possamos nos en-

contrar novamente, afinal, preciso saber se você também gostou do conto.

Abração,
Alan

DEZ NOITES DE SONHOS

Natsume Soseki

ALINE KOBORI

São Paulo, 08 de julho de 2021

Querida Batian,

Que susto a senhora nos deu! Sempre que penso em você partindo, as lágrimas involuntariamente molham o meu rosto. No entanto, nestes dias de sufoco e desespero, entrei em estado de negação; me senti anestesiada e com os olhos secos, não tive coragem de contar a ninguém sobre. Pior... não senti esta vontade.

Neste meio tempo, para minhas aulas de Literatura Japonesa da faculdade, li um conto do Natsume Sôseki e, embora à primeira vista pareça não fazer sentido, não pude deixar de pensar na senhora e em nós. A obra se chama "Dez dias de sonho" e o narrador conta dez de seus sonhos; enquanto passávamos pelas diferentes situações, uma me chamou mais a atenção. A 4ª noite - prometo só contar este sonho! - retrata um idoso que fazia uma refeição com sakê e nishime e, após dizer que transformaria os lenços em cobra, some no rio enquanto dançava e fazia suas "mágicas". A primeira lembrança despertada foi a da comida: o seu nishimê é o mais gostoso! A segunda, agora divagando um pouco mais, é sobre partir, sobre quebrar expectativas. E quando a senhora partir? Minhas expectativas, ainda que oníricas, serão totalmente esmigalhadas pela ordem natural da vida.

(...) E, enquanto isto, ele ia caminhando... caminhando... Até que já não se podia ver nem sua barba, nem seu rosto, nem sua cabeça, nem mesmo seu chapéu.

Pensando que o velho mostraria a serpente quando chegasse ao outro lado do tio, aguardava-o sozinho em pé onde os juncos soavam. Porém, o velho nunca mais apareceu. [Soseki, Natsume. "Dez noites de sonhos". In Contos da Era Meiji. São Paulo. Centro de Estudos Japoneses-USP, 1993:98]

Eu sei que você anda apreciando muito mais os "romances Sabrina", mas acredito que gostará deste conto. Ele é curtinho e nos envolve em mundos misteriosos, com um certo suspense no ar. Também há histórias mais tristes e melancólicas, talvez você se lembre da sua infância. Aliás, sempre me pego pensando na comparação entre nossas infâncias: você é a mais velha de nove irmãos e por isso teve sempre que trabalhar e cuidar deles; já eu sou filha única, sua primeira neta - inclusive, a senhora que escolheu meu nome e é minha madrinha -, e sempre fui mimada e acolhida por você. Os tempos mudam tanto, eu tive a oportunidade de ter muito mais conforto. Mas uma coisa ainda permanece a mesma: o seu amor, seu carinho e a sua abnegação. Muito obrigada por tanto, gostaria muito que sua vida tivesse sido mais gentil com você, porém espero que agora sinta este cuidado de nós: eu, minha mãe, titia e titio.

Enfim, Ba, acho que acabei divagando demais... Espero que o

conto de Sôseki possa ser um companheiro breve, mas proveitoso, destes tempos de recuperação da cirurgia. Também aproveite estes dias para sonhar um pouquinho, rememorar os momentos bons e imaginar os próximos. A vida acadêmica e quase adulta, cheia de aulas, leituras, trabalhos e bicos, tem me impedido de te visitar com mais frequência, mas farei o possível para passar mais tempo com a sua companhia. Te amo muito!

Com amor,

Ali

NORWEGIAN WOOD

Haruki Murakami

ALINE KUBO

Lariiiiiiiiissaaaaaaa, acordou de bom-humor hoje? Sou o cão quando acordo, mas você é um amorzinho. Sei que a gente não deixa de se falar um dia e que nossa última mensagem foi há 20 segundos, mas queria te contar sobre o livro que

terminei de ler. Norwegian Wood, de Haruki Murakami (que era pra eu ter devolvido há 6 meses, desculpa aí, Japan House, foi a pandemia e tals). Leia este livro apenas se estiver bem. É meu preferido, mas me embrulhou o estômago de uma forma que não consegui fechá-lo por mais de uma semana depois de terminá-lo. Se é que o terminei, mas isso é conversa pra outra hora.

Várias das personagens femininas me lembram você. Uma mina é bem loca, sempre no bom sentido, e parece agarrar Tóquio pelas bolas, mesmo tomando na cara. A outra toca violão (imagino tão bem quanto tu) e ama rock igual a gente. Ao te ver nelas, me senti muito à vontade lendo. Fora isso, o livro trata de solidão.

Há mesmo um abismo imenso, intransponível, entre duas pessoas. Um abismo que nem olha de volta, mesmo espremeando os olhos, de tão profundo que é. Mas se fosse confiar em alguém por quem atravessar meu inútil abismo míope, eu só confiaria em você. Os personagens passeiam muito por

Tóquio e não pude deixar de lembrar de como foi morar na cidade dos olhares solitários. Me lembro de não conseguir mesmo olhar nos olhos das pessoas voltando do trabalho para um apartamento bege e vazio, com aquela luz branca horrenda de hospital que os japoneses amam colocar nos apatos pra alugar. Você ia odiar fogões elétricos.

Não recomendo andar por Tóquio às seis da tarde, a multidão e a solidão vão te engolir antes da prefeitura ter a boa vontade de acender as luzes dos postes. Só conseguia imaginar você querendo dar abracinho em todos os ditchanzinhos e batchanzinhas que encontrasse. Você é assim. Ao andar em modo automático pelos infinitos túneis do metrô, onde se perdem milhões de pessoas de si próprias, ao me sentir tão pequena e ao vento, uma mensagem sua me trazia de volta pra mim mesma.

Estranho que o que mais senti falta, fora minhas pessoas, foram paredes de tijolo e o Oceano Atlântico. É, nem sabia que existia isso de sentir falta de um oceano inteiro. Não conta pra ele, mas não fui muito com a cara do Pacífico. Talvez se você estivesse lá, teria dado uma chance, você aquece e verdeja qualquer lugar em que entra.

Me pergunto que tipo de livro Murakami teria escrito se morasse em São Paulo. Seria a solidão e o limite insuportável

de não conseguir resgatar quem se ama (e até quem não se ama) sua maior inspiração? Tóquio são ilhas, mas ainda quero voltar. De preferência com você no braço.

O LIVRO DO TRAVESSEIRO

Sei Shōnagon

AMANDA STEPHANIE PEREIRA

Santa Bárbara d' Oeste, 13 de julho de 2021

Caro reflexo do espelho,

Faz bastante tempo que não nos falamos... Depois de ocorrido o isolamento, me senti cada vez só e até mesmo ignorei a sua existência. O tempo havia se passado e uma rotina já não fazia mais sentido. Os fins de semana se misturam com as segundas feiras e, nesse ínterim, um ano já havia passado. Mas, apesar disso, não consigo lembrar do que eu fiz nesse período. Com o que eu gastei meu tempo? Essa fatia de minha vida se tornou um borrão de caos sem controle.

No entanto, ao encontrar você, senti o presente nas minhas mãos. Hoje, quando estava no banheiro antes da aula começar, eu olhei o espelho sem querer, num movimento enrijecido. Fazia tempo que eu não observava meu reflexo.

Assim, limpei ansiosamente o vidro nublado depois de meses e vi você. Seu cabelo, antes tingido, agora tornou-se uma californiana desbotada e sem resquício algum da cor que tinha. Em contrapartida, as raízes cresceram fortes e nostálgicas, que tentam se lembrar das ondulações que faziam antes de serem subitamente e sucessivamente alisadas. A sua bacia hidrográfica do olhar conta com novas nascentes e afluentes que enriquecem o sorriso dos seus olhos. E a boca, livre de pigmentos artificiais, reluz um roxo de uma manhã fria. E foi aí que eu

percebi que eu sentia sua falta. Eu senti muito a sua falta.

Eu e você, lados de uma mesma moeda, sempre nos apoiamos e ajudamos durante vários momentos, mas ultimamente eu havia quebrado esse elo, construído ao longo de anos. Um turbilhão de emoções apertou meu peito e tive vontade de desabar no chão e chorar, mas você não deixou minhas pernas fraquejarem. Eu precisava participar da aula. Dessa forma, enxuguei meu rosto e fui para meu quarto.

A aula iniciou-se normalmente, e dessa vez era sobre “Makura no sôshi”, um “livro de cabeceira” feito por uma mulher da alta sociedade japonesa do século XI. Ela fazia espécies de ensaios e diários na qual escrevia “ao correr da pena” e simplesmente enchia páginas e páginas com seus pensamentos, que perduraram séculos e chegaram até nós. Ao me deparar com essa obra, lembrei-me de nosso encontro, e decidi fazer algo sobre.

Assim, terminada a aula, fui à papelaria e comprei este molho de páginas A3. Dobrei cada uma delas, e agrupei em grupos de quatro. Fui costurando uma a uma, assim como fazia meus antigos caderninhos de desenho, e, depois, usei um papelão velho pintado para servir de capa. E surgiu então o meu “livro de cabeceira”.

Ele é bem simples, mas espero que você goste. Nele, prometo me reconectar com você e, pela escrita, poderemos nos

apoiar novamente, semelhante ao que fazíamos quando criança. Sinto que tenho tantas coisas para te contar, mesmo sabendo que você nunca saiu do meu lado.

Sem mais enrolações, deixo registrado aqui as intenções que tenho com o caderno aqui presente e espero que você goste do que escreverei daqui para frente.

Chameguinhos quentinhos,
reflexo do espelho.

TSUGUMI

Banana Yoshimoto

ANA CAROLINA

Querida prima,

Apesar de me lembrar com intensidade das emoções que senti nos momentos felizes e fugazes que compartilhamos quando éramos pequenas, sinto que, ao rememorá-los, minha memória não dispõe de detalhes suficientes para remontar cada situação com exatidão e vivacidade. Hoje, te escrevo esta carta porque somos adultas - eu há já um pouco mais de tempo que você - e, ainda assim, sinto que não entendo sobre o que é a vida, afinal - mesmo achando que, nessa altura do campeonato, eu deveria ter uma noção mais clara.

Só é possível recordar o ar noturno de um festival quando este de fato estiver acontecendo. Basta faltar um único detalhe - ainda que insignificante - para que a imagem, aquela sensação de estar presente num festival, não possa ser resgatada. Será que no ano que vem, nesta mesma época, estarei aqui? Ou será que estarei sob o céu de Tóquio rememorando com saudades as lembranças imperfeitas deste festival?"

Te escrevo porque não somos mais amigas e, para ser sincera, não sei dizer bem o porquê. Todas essas incertezas, sejam elas grandes ou pequenas, que venho recolhendo com o tempo, têm me pesado no peito. Queria poder reuni-las e apoiá-las por um segundo sobre uma superfície fora de mim, para poder respirar e seguir em frente mais forte. Mas acho que, na

vida adulta, é difícil encontrar tempo e um jeito certo de fazê-lo. Recentemente, no entanto, li um livro que me serviu, por um breve momento, como este apoio do qual tanto precisava e, sem querer, me lembrei de você. Tomei a liberdade de colar alguns post-its com citações que me levaram pela mão até a sua figura e me fizeram querer te escrever essa carta, mesmo depois de tantos anos.

Tsugumi é o nome dele - e também é o nome da prima da protagonista da história, que narra algumas de suas memórias ao lado da garota insuportável e intensa que tinha sérios problemas de saúde e comportamento. Você, é claro, não era como ela. Quando pequena, apesar de tímida, você era doce, entusiasmada e, acima de tudo, era minha amiga.

"Nós crescemos vendo inúmeras coisas. E mudamos pouco a pouco. Avançamos conscientes dessas mudanças que se tornam reiteradamente perceptíveis de diversas formas. Mas, se por acaso eu pudesse impedir tais mudanças, manteria aquela noite intocada. Uma noite perfeita, repleta de singela e doce felicidade."

Na semana passada, quando visitei sua casa, assistimos a alguns vídeos caseiros que fizemos durante uma viagem. Naquela época, eu era sua prima mais velha e eu me lembro de me deleitar nesse cargo que, para mim, parecia tão grandio-

so e importante. Lembro de querer, no auge dos meus 11 anos, descobrir cada vez mais sobre o mundo, apenas para que eu pudesse te guiar da melhor forma, como uma boa tutora, companheira e líder. Sempre carreguei comigo essa vontade de desbravamento, mas nunca imaginei que, ao crescer, seria tão difícil continuar seguindo em frente - floresta à dentro e mundo afora - principalmente sem a sua mão para segurar.

Prima, eu sinto muito por termos nos perdido uma da outra no caminho. Assistir novamente àquelas filmagens, sob a luz dessa recente leitura que fiz, me fez refletir sobre quão voláteis são estes mesmos momentos e memórias que, em conjunto, transformam-se na massa de existência que solidifica quem somos. Ao fim e ao cabo, não sei mais te dizer se sou firme ou se sou fraca; se sou pedra ou se sou vento. E me angustia pensar que, como sua prima mais velha, eu deveria saber disso para poder te contar também.

"- Não sei explicar direito... Digamos que as pessoas vivem se deparando com coisas novas e que isso faz com que mudem gradativamente. Elas acabam se esquecendo de muitas coisas ou mesmo as abandonam. Acho que é porque há muitas coisas para fazer".

Ao mesmo tempo que não me lembro de nada em detalhes, me recordo de tudo em grande escala. Das brincadeiras, das viagens, das conversas, das breves implicâncias. Das tar-

des de calor em que ficávamos sobre a mesa de pedra escura e gelada da vovó e de como você me pedia para empurrar a rede mais forte e de como eu tinha medo que você saísse voando pelo quintal. Das madrugadas em claro vendo infomercial e de quando te contei pela primeira vez que eu gostava de um garoto. Eu me lembro dos seus olhos curiosos e atentos que me faziam acreditar que seríamos confidentes para todo o sempre. Me agarro a estes pequenos fragmentos de tempo e tento me convencer de que o resto não é tão importante - mas não posso deixar de pensar que me esqueci de tanto. E de que me perdi das costuras e do enredo e do recheio das nossas próprias memórias. Da base da nossa amizade que, hoje, por não ter onde se apoiar, ruiu.

"Guardo diversos arquivos das 'noites de verão' em muitas lembranças. Assim como aquela cena da infância, de quando nós três fomos caminhar, essa noite também será arquivada. Só de pensar que, enquanto eu for viva, terei a oportunidade de algum dia sentir mais uma vez o que senti naquela ocasião, tenho esperanças no futuro. Esperanças de viver uma noite linda como essa."

Prima, eu te escrevo, no fim das contas, porque não me lembro de termos nos despedido. A verdade, por mais dura que possa parecer para mim agora, é que nos afastamos e, pelo que já entendi - ainda muito pouco -, a vida adulta tem dessas. Não

me sinto mais triste por estarmos distantes, mas sim porque não me lembro do último momento em que fomos próximas. Por mais que eu tente, minha memória não consegue resgatar a última vez em que compartilhamos um segredo, a última noite em que dormimos na casa uma da outra ou o último dia em que dissemos “até a próxima!” tendo a certeza de que nos veríamos em breve.

É curioso. Como, quando estamos vivendo estes momentos, não podemos saber que eles são na verdade a borda de um precipício, a quina de uma virada brusca ou a última nota de uma longa sinfonia. Que dali pra frente, tudo vai mudar e que, em retrospecto, ali caberia uma despedida, logo antes dos caminhos se bifurcarem em outras novas histórias. Neste livro que li, muitas frases me lembraram você. Mas uma delas tem me perseguido com insistência e me fez escrever essa carta justamente para dizer o adeus que nunca dissemos uma à outra. Como sua prima mais velha, não poderia me esquecer de voltar e te contar que há vida para além das despedidas. Então viva bem.

“Assim como o céu do entardecer mudava rapidamente de cor, havia no mundo inúmeros e variados tipos de despedida, e eu não queria me esquecer de nenhum deles.”

Com muito carinho,

Carol

TOMIE

Junji Ito

BRENDA KAPP DE PAULA

São Paulo, 13 de julho de 2021

Caro amigo,

Nunca escrevi uma carta na vida, mas devido aos últimos acontecimentos, creio que esta seja a única forma de lhe contatar. Preciso de ajuda, embora tenha medo de tecer meus desesperos em palavras, ainda mais assim, em caneta e papel, de modo tão palpável. Gostaria de que isso não tornasse o que tem se passado comigo mais real. No entanto, nenhuma das mensagens que lhe escrevo sobre o assunto são enviadas, não sei o que está acontecendo. Já revirei todos os cantos da internet tentando buscar relatos de outros passando pelo mesmo que eu, mas não fui capaz de encontrar nada. O que me perturba não é a possibilidade de ser a única a enfrentar isso, mas sim de ser a única ainda viva.

Você ainda nutre aquela curiosidade mórbida pelo sobrenatural como antes? Lembra-se de como costumávamos ficar acordados até tarde contando histórias horripilantes, transformando cada mínima sombra na janela em monstros, cada assobio do vento em espíritos uivando e cada estalar dos móveis em assassinos à nossa espreita? Pois bem, espero que esteja preparado para o que estou prestes a lhe contar, pois certamente será mais assustador do que as histórias que inventávamos. Não se engane, isto não é um delírio ficcional, é apenas o mais puro relato dos meus últimos dias.

Como bem sabe, não abdiquei do nosso interesse peculiar mesmo depois que você mudou de cidade, muito pelo contrário, me aprofundei ainda mais nisso, tentando encontrar ali o laço da nossa amizade que a distância jamais seria capaz de desfazer. E foi assim que me deparei com os trabalhos de Junji Ito, um autor japonês de histórias de terror e horror. Tenho certeza de que você apreciaria o trabalho dele, em especial a coleção de mangás chamada "Tomie". No entanto, isso não é uma recomendação. De forma alguma. Não leia nada relacionado a esta mulher. Só de escrever o nome dela tenho a sensação de estar sendo observada, como se alguém estivesse espiando a escrita dessa carta por cima de meu próprio ombro e guiando a caneta para que eu conte apenas o suficiente.

O primeiro mangá que li sobre ela contava a história de uma linda garota que era brutalmente assassinada, mas retornava à vida como se nada houvesse acontecido, e então passava a perseguir e enlouquecer aqueles que entravam em contato com ela, mas principalmente os homens. Me encantei, obviamente, a história era interessante, os traços dos desenhos simplesmente horripilantes e a cada reviravolta na narrativa eu me sentia mais mergulhada naquele mundo. Não sei dizer quando exatamente as bordas de minha realidade misturaram-se com as dela. Ou se por encantamento acabei despertando-a neste mundo. O que sei é que preciso de ajuda.

Por favor, juro que não estou ficando maluca. Tomie existe. Eu a vi com meus próprios olhos, você sabe que eu sequer bebo, não poderia estar drogada de alguma forma, não depois de retornar de uma aula na faculdade. Cruzava a rua deserta perto do ponto de ônibus mais próximo à minha casa, perto daquele parquinho em que costumávamos brincar quando a vi, linda e delicada, sentada calmamente em um dos balanços. Não tive dúvidas de que era ela. Seu cabelo preto e grosso, o rosto adornado com uma franjinha e a pinta inconfundível debaixo do olho jamais me deixariam enganar. Mas o mais perturbador era seu sorriso. Ela me encarava como se fosse uma velha amiga que me esperava para um abraço apertado e por alguns momentos me senti compelida a ir até ela, tocá-la, ter certeza de que não era uma alucinação e então deixar que ela fizesse o que desejasse comigo.

Foi então que ouvi a sua voz. Sim. A sua. Ressoou em meus ouvidos como uma sirene, me tirando do transe com uma intensidade avassaladora, dizendo apenas uma palavra: fuja. E foi o que fiz. Disparei pelas ruas, tendo a plena certeza de que Tomie me seguia. Podia ouvir sua risada ecoar pelos becos vazios e sujos do meu bairro. Tinha medo de chegar em casa para só então descobrir que ela me esperava na sala de estar. Felizmente, por enquanto, não foi o que aconteceu. Mas ainda não estou segura. Consigo ver seus olhos brilhando durante a madrugada por entre as sombras das árvores que cercam meu

quintal.

Sei que essa carta vai chegar até você com a mesma certeza de que sei que foi a sua voz que me disse para fugir e acredito que você será o único capaz de me ajudar. Então, por favor, me encontre. Antes que ela o faça.

Obs: tenha cuidado. Tomie nunca morre.

À sua espera,
Brenda.



O CONTO DO CORTADOR DE BAMBU

BRENDA RIBEIRO ARGOLO

São Paulo, 3 de junho de 2021.

Querida Eu-do-Futuro,

Talvez, daqui a alguns anos, essa carta chegue até você para tranquilizar seu coração. Até que esse dia chegue, estarei por aqui, tentando construir a linda caminhada que logo será sua. Como seria animador se pudesse existir uma forma de receber sua resposta agora, seria consolador saber o que me aguarda lá na frente... se tudo ocorrer como planejado.

Vim pensando em como escreveria essa carta durante todo o caminho para casa, pois atualmente estou trabalhando naquela escola bem longe de onde morávamos, lembra? Tantas pessoas que víamos naquele trajeto, crianças que nos guardam com carinho no coração mas que logo nos esquecerão, situações que presenciamos nos metrô em tempos de pandemia. Tudo isso me fez pensar em como nossa vida é passageira, tão bela e tão cruel.

Em meio à correria do trabalho, consegui fazer cópias de um texto que há muito queria ler e, ainda por cima, era material de estudo! Naquele dia, eu voltei para casa lendo o Taketori Monogatari, que, em português, é o Conto do Cortador de Bambu. Confesso que fiquei preocupada, os textos de literatura costumam ser de difícil leitura, mas com esse foi diferente. Para textos como aquele, o que você precisa é ler com emoção; e emoção era tudo o que eu mais tinha guardado dentro de mim.

Sempre me emocionei com o filme da Princesa Kaguya, mas

ler a obra original me fez confirmar que toda aquela história tocava minha alma e espero que ainda te toque também. A parte dos pretendentes torna-se especial devido aos significados que suas missões tomaram, dando nome e origem às expressões, sempre relacionando-as às coisas cotidianas. Entretanto, me comove quando a história absorve-se nos sentimentos da princesa, inclusive, é quando o conto adquire sua essência – e, dessa forma, compactua com as minhas aflições e estimas.

“Essa é a razão por que o seu coração não parece com os das pessoas terrenas”

Será que é por isso que me sinto tão deslocada nesse mundo? Será que muito alimento meu ego quando me sinto alguém como Kaguya, que desceu da Lua para viver as dores da Terra?

Ainda no mesmo dia que li esse conto, eu olhei para a Lua com seu fascinante brilho e senti o seu consolo sobre mim, senti que poderia olhá-la por horas a fio. Há vezes que ela, inclusive, aparece em minha janela enquanto luto para pegar no sono, trazendo-me um sentimento abrasivo de conforto, mas também de tristeza. Me sinto triste por ter que sentir tanto e, contraditoriamente, também me sinto feliz por isso. O sentir é algo belo e humano, entretanto doloroso e vil como o mundo.

“É que, ao contemplar a lua, o mundo me parece inseguro, e tenho pena dele.”

Assim como eu, Kaguya sabia que seu tempo era limitado

e, por isso, me melancolizava ao luar, sabendo que logo haveria de retornar para casa. No caso, o tempo de nós todos é curto, mas me anseio por não poder viver todas as belas coisas que existem nessa vida. Por isso, espero – e torço de dedos cruzados – que você já tenha grandes histórias para contar de uma vida vivida.

Somente um olhar aprofundado veria em mim, uma recém adulta com tantos desejos e preocupações, uma criança, habitando aqui dentro desejando a liberdade e o conhecimento do mundo. E confio que você terá libertado essa criança, de alguma forma... Afinal, de nada vale o licor da vida imorredoura quando o mais belo é a efemeridade desta!

Querida Eu-do-Futuro... Desculpe-me pelas inúmeras expectativas, mas o que lhe desejo é a felicidade e sei que você a terá. Vamos construí-la juntas.

Que a Lua te traga conforto,
Brenda, do seu presente e futuro passado.

O ELEFANTE DESAPARECE

Haruki Murakami

BRUNA FLORENCE DE MOURA

São Paulo, 14 de julho de 2021

Caro amigo,

Lembra de mim? Claro que lembra, que besteira, tem como esquecer uma amizade de mais de 10 anos? Rsrsrcs.

Apareci desse jeito pouco convencional por um motivo especial: quero assaltar uma padaria. Ou um McDonald's – te explico no caminho. Sim, é isso mesmo que você leu. E digo isso por carta porque, você sabe, esses algoritmos de internet tiram a nossa liberdade e, num pulo, somos pegos – e não queremos isso, né?

Te surpreendi? Rsrsrcs. Claro que não quero assaltar nada! Mas queria muito fazer essa brincadeira para retomar o nosso antigo hábito: indicação de livros (e o hábito de fazer pegadinhas, rsrsrcs). A vida anda tão corrida, Lu, que ultimamente só tenho lido o que é essencial para a faculdade e pouca coisa por prazer. E quando achei, finalmente, depois de meses, uma leitura realmente prazerosa, não podia deixar de te contar primeiro.

O autor é o Haruki Murakami, ele é bastante conhecido na literatura japonesa. Eu li uma coletânea de contos (17) dele que estão no livro “O elefante desaparece”. Estou enviando o livro junto com essa carta para garantir que você, ao menos um dia, irá considerar a leitura completa. Mas, como sei que você está enrolado com as coisas do mestrado e vai ter pouco tempo para ler tudo de uma vez, quero reforçar a leitura de um pra nós podermos conversar: lê o “O segundo assalto à padaria”. Sério!

Foi por isso que te propus, no início da carta, o assalto a uma padaria. O conto é incrível: no meio da noite, um casal acorda com uma fome descomunal (igual aquelas que tínhamos no meio da tarde, na infância, rsrs) e, enquanto procuram coisas para comer e beber, o marido conta sobre um quase assalto à padaria que fez na

juventude. Depois de contar essa história suspeita, o casal acaba tomando atitudes que levam a um... segundo assalto? Bom, você precisa ler para descobrir e, claro, compartilhar comigo suas impressões.

Eu adorei a escrita do autor: traz suspense, toques de sobrenatural e nos prende muito. Eu tinha tanta coisa para terminar do trabalho e da faculdade e só consegui ficar presa no livro – acho que você vai amar e nem vai parar nesse conto. Perdão, vou atrapalhar seu mestrado, rsrs.

Aproveita o presente, e já sabe: se sentir fome de madrugada, pode contar comigo! Rsrprs.

Bruna.

O FIO DA ARANHA

Ryunosuke Akutagawa

CAIO PERIN RIBEIRO

São Paulo, 19 de Julho de 2021

Caro Yuri,

Nesta última semana ocorreu o lançamento da versão de *The Legend of Zelda: Skyward Sword* para o Nintendo Switch, e recordei-me da primeira vez que conversamos, quando descobrimos nosso interesse em comum pela franquia. Estávamos no primeiro ano de faculdade – sempre me surpreendo quando penso que fui do curso de Física para Letras, que diferença, não é? – e ambos completamente perdidos no campus: como é difícil estar em uma cidade diferente, com pessoas desconhecidas e sem saber o que o futuro te reserva! Por isso fico feliz em ter te conhecido, afinal, “It’s dangerous to go alone.”, certo?

Lembro-me como você contou que *Skyward Sword* era seu *Zelda* favorito, e explicou-me todos os motivos que fizeram você se apaixonar, e fiz o mesmo falando sobre minha paixão por *Link’s Awakening*. Curiosamente, eu ainda não tinha tido a oportunidade de jogar seu jogo favorito, e nem você o meu e, obviamente, a Física com todos os seus cálculos e equações não nos deixou muito tempo para isso, então o assunto ficava para as refeições no bandeirão, ou para as caminhadas no campus entre o IFSC e o ICMC.

Muitas coisas aconteceram: eu me mudei, troquei de curso,

o tempo passou, e acabamos perdendo o contato um com o outro. Agora penso nos momentos que perdemos nestes anos, nas memórias que deixamos de criar e em todas as conversas que não tivemos.

Finalmente, tive a oportunidade de jogar seu Zelda favorito – caso sua opinião não tenha mudado desde então – e uma de suas fases possui diversas semelhanças visuais com o conto O Fio da Aranha, de Ryunosuke Akutagawa. Em ambos temos o lago com flores de lótus que separa o “Paraíso” e o “Inferno”, no jogo, o Buda que, no conto, caminha solitário, é substituído por uma majestosa estátua no centro do lago e somos nós, controlando o personagem principal, que caminhamos solitários pelo cenário. Isso me fez pensar em como a solidão e a melancolia são sentimentos recorrentes em Zelda, mas com coragem somos capazes de “salvar o mundo”, e com sabedoria vemos que não estamos sozinhos.

Sei que você não tinha o costume de ler mas, se chegou até aqui, você consegue ler O fio da Aranha também! O conto tem poucas páginas, é uma leitura extremamente rápida, então vá ler porque a seguir darei spoilers, lembro como você gosta de ser surpreendido, então não diga que não avisei!

A principal diferença entre o jogo e o conto está, justamente, no fio da aranha. Após todas as semelhanças nesta fase, quando comecei a subir o fio para escapar do “Inferno” fiquei muito apreensivo, pensando que a linha se partiria e precisaria de-

scobrir outra forma de fugir. Felizmente, o karma não foi nosso inimigo e, ao contrário de Kandata, Link consegue voltar para o “Céu” (no fundo, nunca duvidei do nosso herói!).

Fico pensando em quantos arrependimentos nossos fios conseguem carregar, então decidi escrever esta carta para realizar uma breve reminiscência – lembra que essa é uma de minhas palavras favoritas? O som evoca a imagem de um resquício de memória escapando de nossas mãos. Yuri, espero que tenha gostado do conto, assim como gostei de Skyward Sword e, acima de tudo, espero que o tempo tenha sido gentil com você e que tudo esteja bem.

Com amor!

Abraços,

Caio

A HISTÓRIA DO CORTADOR DE BAMBU

CAROLINE M. GOMES

Querida Monique,

Quanto tempo, espero que esteja bem. Sinto saudades das nossas conversas antes da aula, das risadas e dos abraços. Nesses tempos difíceis que percebemos a real importância de um amigo, principalmente se esse amigo for tão especial e incrível quanto você. Eu sempre me sinto em falta de te comunicar o quanto gosto de você, e espero que esta carta fique de recordação para que você sempre se lembre da sua amiga com dificuldade de falar o quanto você é importante para ela.

Decidi que queria te escrever uma carta porque sei que gosta de coisas românticas e aventuras incríveis e estive lendo Take-tori Monogatari, sempre me lembro de você quando leio sobre Kaguya, eu sempre penso que eu sou o velho, que achou uma princesa entre os bambus. Você é tão doce quanto ela, minha querida amiga. E eu sempre sinto que a cada vez que falo com você eu descubro ouro entre os nós do bambu. Embora não me sinta seu pai, como o ancião é para Kaguya, sinto que tenho o dever de olhar por você. Desejo a você toda a coragem que teve Kaguya, e sei que é difícil deixar o lar para ir em rumo a Lua (ou a Usp) mas se lembre sempre que o seu brilho ilumina toda a sua casa e amigos e que todos estamos orgulhosos de você.

Espero que lendo A História do cortador de Bambu você se encontre em Kaguya, como eu me encontrei no velho, para que,

quando o mundo voltar a girar como antes, possamos nos encontrar entre os bambus da história e dar boas risadas.

Com carinho, Carol

MIL TSURUS

Yasunari Kawabata

DANIEL AKIRA HASIMOTO

Minha querida amiga,
São Paulo, 29 de julho de 2021

Espero que esteja bem aí no Japão. Já faz 1 ano desde que você decidiu embarcar para cuidar dos seus pais, né? Já disse outras vezes mas não canso de expressar o quanto te admiro e te apoio... Saiba que durante esse tempo, não teve um dia sequer que passei sem sentir a falta das nossas conversas e risadas, mas logo estaremos juntos novamente. Enquanto isso, sabendo que adora cartas, escrevo a ti esta na tentativa de encurtar a distância que nos separa. Recentemente, na tentativa de preencher o silêncio de meu coração que toma conta da casa quando a noite cai, deparei-me com uma obra já bastante empoeirada em minha estante. Tratava-se de "Mil Tsurus" de Yasunari Kawabata. Acredito que já deva ter ouvido falar dele, afinal foi o primeiro escritor japonês que foi laureado com o Nobel de Literatura. Lembro que, na época, minha compra havia sido motivada não apenas pelo prêmio em si, mas também por aparentemente proporcionar um fluxo de sensações com um toque de fantasia ao adentrar questões da sexualidade humana. Ou seja, o tipo de leitura que amo!

Em suma, o romance narra a história de Kikuji Mitani, um jovem que é convidado por Chikako, uma mestre de chá e antiga amante de seu falecido pai, a comparecer a uma cerimônia

com o pretexto de apresentá-lo a uma de suas pupilas. No entanto, ao chegar lá se depara com a Sra. Ota, outra amante de seu pai, acompanhada de sua filha, o que lhe trás velhas lembranças e desgosto a princípio. Mas isso vai se alterando conforme a conversa flui, até que acaba por ter um caso com ela! E, mais tarde ela se suicida por não mais aguentar os julgamentos da sociedade e isso acaba por aproximá-lo desta vez da filha de Ota!!! Colocando desta maneira singela deve parecer que estou a contar asneiras, mas é exatamente esta complexidade da teia traçada por Kawabata, misturada a um modo simples mas extremamente sofisticado de narrar que te prende de forma tão prazerosa. Ao adentrar nos sentimentos e angústias mais profundas das personagens, em seus comportamentos e até mesmo nas palavras não ditas, a narrativa mistura um turbilhão de sensações com questões sociais ainda bastante atuais, como a do padrão estético de beleza, a feminilidade – e o que seria ela, visto que a seus olhos Chikako se torna assexuada –, a fragilidade masculina quando Kikuji se irrita ao ser comparado a uma flor, o simbolismo do casamento, o significado da morte e do suicídio e até mesmo o processo de ocidentalização e certa perda das tradições japonesas em meio ao pós-guerra. Enfim! Tamanha é a densidade de significados nas linhas do texto das quais tenho certeza que metade ainda nem fui capaz de compreender.

A minha primeira impressão em meio a tudo isso? “Por que

raios Kikuji ficou traumatizado por uma mancha nos seios de Chikako que viu quando criança???" (cena que figura já na primeira página). Com tanta atrocidade se fazendo presente no cotidiano de um país em guerra e isso que marca sua infância... Virei a noite posterior à leitura refletindo se seria uma simbologia ao adultério cometido por seu pai, e que na verdade isto que o marcara, mas o mesmo nojo não emanava da sra. Ota. Talvez fosse uma mancha no coração de Chikako.

Para além disso, a leitura me fez pensar também em como a cultura do adultério parece ser algo muito presente no Japão... Talvez tenha mudado um pouco recentemente, mas o fato de não ser um país cristão somado a tradição dos omiais, casamentos arranjados em que não necessariamente há sentimentos envolvidos, tenha contribuído para que esse ato fosse visto como "aceitável", ao menos aos homens, a ponto de ser perceptível à sociedade que o pai de Kikuji tivesse amantes, mas que isso não parecia constrangê-lo. Lógico que o fato de sua esposa não exigir o divórcio envolve o forte patriarcalismo e machismo presentes na sociedade japonesa. No entanto, recentemente vi um artigo que mostrava que mesmo em meio ao prejuízo do setor hoteleiro na pandemia, os "love hotels" japoneses seguiram firmes e fortes, e que em vários não há nem recepcionistas, o que mantém o sigilo dos que se hospedam e de certa forma incentiva essa prática. Morando aí, você tem essa

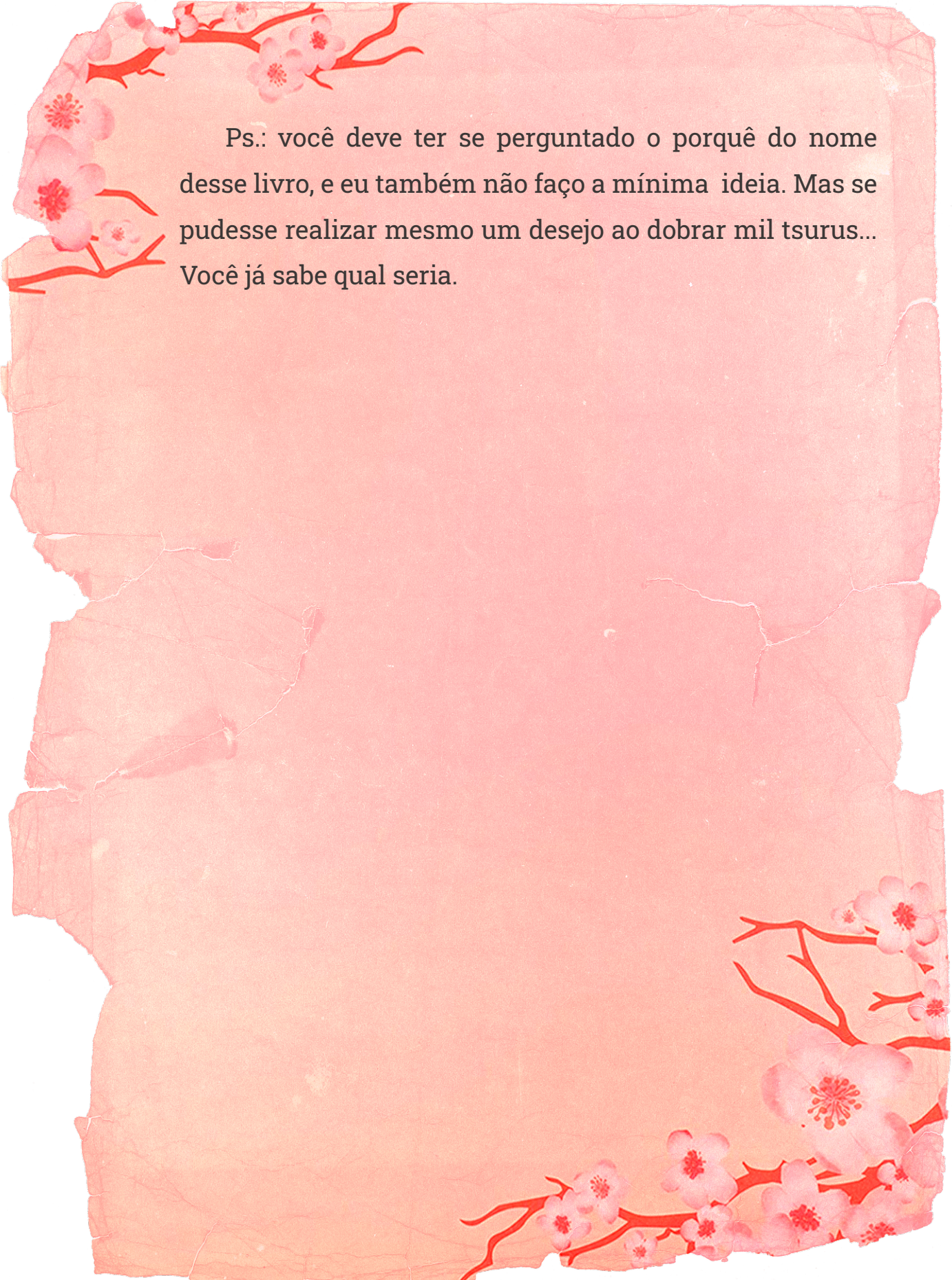
mesma impressão?

Outro ponto que me marcou foi a questão de Kikuji ver em Fumiko, os trejeitos que amava em Ota ao ponto de enxergar uma na figura da outra, da mesma forma que Ota o fizera com ele em relação a seu pai. É muito doido, mas a narrativa mostra como esse processo ocorre gradualmente, sendo que no início, Kikuji nota muito mais os traços de Fumiko que não se assemelham à mãe, mas que conforme a história se prolonga, sua percepção vai se alterando sem que a pessoa em questão se alterasse. E, parando pra pensar, quantas vezes isso já não me ocorreu também com músicas ou até pessoas, conforme as conhecia melhor? No fim, será que as pessoas nos veem, se relacionam conosco e nutrem sentimentos por nós pelo que realmente somos ou pela imagem que representamos pra elas?

Enfim, adoro como a leitura nos proporciona essas possibilidades de nos conhecermos melhor. O final eu não contarei para não estragar a surpresa, pois desejo muito que você leia também. Todavia, uma coisa te adianto: se ao longo da leitura imergi em outro mundo, quase que como passando pelo túnel que leva ao País das Neves, até me esquecer dos mais mundanos dos desejos, por algum motivo, ao fim desta me vi sentindo uma incompletude ainda maior...

Conte-me mais sobre como tem passado também! Não vejo a hora de te encontrar de novo. Com carinho,

Daniel



Ps.: você deve ter se perguntado o porquê do nome desse livro, e eu também não faço a mínima ideia. Mas se pudesse realizar mesmo um desejo ao dobrar mil tsurus... Você já sabe qual seria.

O PAÍS DAS NEVES

Yasunari Kawabata

DÉBORA MAYUMI YAMAGUTI ZIMMER

São Paulo, 17 de junho de 2021

Querida Bruna,

Como você está? Espero que esteja se cuidando direitinho e carregando álcool em gel no seu bolso!

Você deve estar estranhando uma carta, né? Nós nunca trocamos uma! Escute, sou mais emocionada por escrito, então não estranhe se isso se tornar um pouco “afetado” demais. (E se estranhar, não me diga!)

Estou te escrevendo porque, já que sempre estou falando das minhas leituras, hoje resolvi tagarelar e te indicar mais uma, mas à moda antiga, sem você ao meu lado ou do outro lado da tela do celular. Desta vez vou falar de O País das Neves (Yukiguni), de Kawabata Yasunari. Só pelo nome você já deve ter entendido que tudo é rodeado pela neve, né? As descrições dos ambientes, as relações entre os personagens, os silêncios: tudo me deu a constante sensação de melancolia e frio. Pode parecer exagero, mas é verdade, eu senti frio com a leitura. E quando acabou, fiquei olhando para a parede em silêncio, pensando se tinha entendido algo.

Saí dessa leitura sem saber muito bem o que estava sentindo. Sem saber nem o que pensar. Já te contando spoilers (porque sei que você não vai ler com tão pouco tempo disponível para

respirar no seu dia a dia), o final é como um corte no tempo, quase que bem no clímax da história. Você ficaria frustrada, não apenas com o final, mas com a maneira como é narrada. Posso até ver a sua cara, como aquelas que você fazia quando não gostava ou não entendia o final de um filme. Neste livro, tudo fica suspenso no último parágrafo, parado eternamente, congelado num cenário contrastante entre o frio congelante e o calor do fogo. Fiquei a ver navios, assim como em praticamente tudo que li do Kawabata até agora, mas mesmo assim adorei.

Não sei dizer o que me deixou melancólica na leitura. Não foi só o final, foi o conjunto... E tem uma personagem, a Yoko... não sei por que, mas senti algo meu dentro dela, de um jeito tão inexplicável que escrever a respeito dela quase me faz querer chorar (oi, Bruna-psicóloga-de-plantão, será que você vai querer me analisar agora?). A primeira aparição da Yoko, no reflexo da janela, por onde o Shimamura também vê a paisagem branca da neve, formou um conjunto que me deixou hipnotizada. Passei todas as próximas folhas esperando pelo momento em que ela apareceria de novo e fiquei chateada por não vê-la tanto quanto gostaria. Se pudesse ter conhecido o Kawabata, acho que pediria a ele para defini-la em uma única palavra. Tenho certeza de que essa única palavra revelaria tudo que eu quero saber dela (ou não...). Mas não sei nada, e isso me deixa perdida e frustrada ao mesmo tempo em que sinto algo ainda mais indescritível pela Yoko. Tive a impressão de que existem várias

dela mesma, uma para cada pessoa com quem ela se relaciona. Acho que você também teria essa impressão e ela se tornaria uma personagem de quem nós duas passaríamos horas inteiras falando sobre, tentando analisar, inventando traumas e explicações para suas ações.

Fariamos o mesmo com a Komako. Inconstante, meio doida, um enigma também: me surpreendi com ela o tempo todo, não só porque ela era imprevisível, mas porque ela sempre parecia dizer o que queria (ou quem sabe o que ela não queria?) e depois agia de um jeito que a contradizia. Fico dividida: não sei de qual das duas você gostaria mais. Talvez da Komako, mesmo: ela faz mais seu tipo. Bebe que é uma beleza! (Não que você beba muito, mas você tende a gostar mais das personagens menos certinhas). Você provavelmente diria que as duas meninas são “disfuncionais”, como gosta de brincar.

Quando terminei de ler, lembrei de você por sentir que precisava entrar na cabeça das duas moças, descobrir os detalhes do passado delas, os desejos, as tristezas, as alegrias. Porque não é isso mesmo que você vai fazer daqui pra frente? Vai se sentar numa poltrona e desvendar a mente dos seus pacientes, descobrir suas entrelinhas naquele teste da casa-árvore-pessoa que você me contou e ajudá-los com seus problemas.

Sinto sua falta e de como éramos antes da pandemia, quando você vinha me visitar e assistíamos a filmes complicados.

Lembra como debatíamos sobre eles por horas e conversávamos o dia inteirinho sobre nossos medos, desejos, planos e segredos, e fofocávamos sobre nossa família até de madrugada?

Em 2018, quando meus dias se acumulavam em melancolia e eu me sentia presa num “país das neves”, sufocada pelo branco ofuscante e congelada pelo frio, mais perto da Yoko do final do livro do que de mim mesma, você era meu porto seguro. Você chegava e trazia sua risada, seu conforto, seu apoio, suas ideias que me tiravam do frio que me tomava por dentro. Fico pensando na Yoko sem parar, em como gostaria que ela tivesse tido alguém na vida como eu tenho você.

Você é uma das pessoas mais importantes pra mim. Sempre vai ser, mesmo que agora você provavelmente prefira seu namorado (risos). Sempre vai ser a minha 妹ちゃん do coração. Espero que eu sempre seja sua 姉ちゃん.

Beijos da Dé!

OBS: Se um dia você ler o livro, pode me dizer o que acha que significam as últimas duas linhas, quando o narrador diz que o Shimamura “teve a sensação de que a Via Láctea o penetrara num ruído surdo”? Acha que a Via Láctea adentrando alguém é uma mudança dentro de si mesmo?

Referências

KAWABATA, Yasunari. O país das neves. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

**CONTOS
JAPONÊSES DE
MISTÉRIO E
IMAGINAÇÃO**

Edogawa Ranpo

ÉVELI MACIEL BARBOSA

São Paulo, 09 de julho de 2021.

Oii, Izabela, como você tá?

Eu estou com tanta saudade... Nossos encontros, que já eram escassos desde antes da pandemia vir, agora estão ainda mais difíceis. Prometo que serei eu que vou conhecer sua Belo Horizonte próxima vez, quando as coisas enfim voltarem ao normal. Mas de forma alguma será a distância que me impedirá de ter surtos literários contigo! Isso já é parte da nossa rotina, não tem nenhuma novidade, não é? Então se prepare.

Estou novamente embarcando em narrativas japonesas, e, pra variar, sou obrigada a te levar nessa jornada junto comigo. Eu sei, eu sei que já te recomendei *Eu sou um gato*, do Sōseki, e é um livro maravilhoso, mas você precisa ler o *Edogawa Ranpo!* É a sua cara. Esse é um semestre que eu estou estudando contos em várias matérias da faculdade, e tava morta de vontade de ver os contos japoneses – inclusive, eu li alguns do Akutagawa também, para matéria de Literatura Japonesa I, e são contos muito bem articulados, mas ele vai ter que ficar para o próximo encontro, rsrs–, e pensei por que não dar uma chance para o *Ranpo*, que eu já estava querendo há um bom tempo?

Menina, acha que me esqueci da sua empolgação falando sobre seus romances de mistério e depoimentos criminais que você andou lendo? Logo que comecei a ler “*A câmara rubra*”, um dos Contos japoneses de mistério e imaginação (como eu não consegui encontrar nenhuma tradução em português, eu

mesma traduzi o título do conto e da coletânea, tomando por base uma versão em inglês traduzida por James B. Harris, e a tradução para português dos contos do Poe), você foi a primeira em quem pensei. A sinopse é de uma sociedade secreta, reunida na tal câmara rubra, para contar histórias de terror e relatos mirabolantes, o narrador desta noite é um novato por ali, e deseja explicar a razão e o desenrolar de seu hobby: assassinato. Tendo cometido 99 assassinatos, sem jamais ser preso, ele explica com alguns exemplos a sua tática sublime, que é levar alguém à morte a partir da manipulação da informação. Específico? É, eu também achei, e adorei. Mas se você quiser mais informações, só lendo o conto!

Duas coisas muito incríveis e divertidas me aconteceram quando resolvi ler essa história. A primeira delas foi ter descoberto um canal no YouTube que cria áudio-dramas de obras japonesas, ele se chama きくドラ (kikudora) e todos os vídeos são bem curtinhos e rápidos de ver, e o do 赤い部屋 (akai heya), que é o nome em japonês do conto, é muito impressionante! (Eu posso te mandar o link do vídeo depois, por mensagem, se quiser). Poder ouvir em japonês o conto que eu tinha lido me ajudou muito com toda a ambientação da história, e também para entender algumas nuances da tradução, fora o treino da audição. Enfim, um monte de benefícios, e eu estou muito feliz de ter encontrado esse canal. A segunda delas foi ter recebi-

do uma recomendação de um estudo sobre o Edogawa Ranpo muito completo! Quando comentei com minha professora de literatura japonesa que queria lê-lo, ela foi logo me indicando uma pesquisadora brasileira, a Lídia Harumi, com um trabalho enooorme e muito rico, e agora eu estou ainda mais fascinada por esse autor! Sério, essa é a melhor sensei do mundo.

Sobre a estrutura do conto, eu achei a construção um pouco semelhante com a de O espelho, do Machado de Assis, mas sou obrigada a admitir que, pessoalmente, preferi muito mais ler as confissões deste assassino, narrando seus crimes perfeitos, do que a de um homem incompleto filosofando sobre as almas... Não que eu tenha alguma autoridade pra dizer se é uma obra melhor, mais bem “construída” ou não, apenas que foi uma obra mais satisfatória pra minha personalidade, que adora descobrir falhas em coisas consideradas corretas. “Existem formas ilimitadas de se cometer crimes perfeitos” foi uma frase do conto que me deixou toda arrepiada e pensando: “a quem é que cabe a autoridade de julgar uma culpa?”; “quanta influência palavras ditas inocentes têm na vida, ou mesmo na morte, de pessoas?”; “o que difere a malícia da inocência no resultado final?”, e muitas outras questões tão complexas quanto... É um conto bastante denso, e por isso estou te recomendando com tanta veemência.

Ser um relato real ou uma mera fantasia, será que faz alguma diferença com relação à moral que está passando? Eu não sei. Só sei que adorei a história de cabo a rabo, e espero que também

goste. Ainda estou cheia de saudades, e anseio por nosso reencontro para falarmos dos livros que você andou lendo também. Se cuide e mande um abraço meu para a sua família. Diga para sua avó que estou com saudades dela também.

Com todo o carinho do mundo,
Veve.

A HISTÓRIA DO CORTADOR DE BAMBUS

FERNANDA KAORY

São Paulo, 01 de julho de 2021.

Querida amiga,

Como você está nesses tempos difíceis? Apesar de termos nos encontrado há três meses via videochamada, já faz quase dois anos desde a última vez que nos encontramos presencialmente. Sinto falta do calor humano e do carinho que sentimos quando podemos abraçar nossos amigos queridos. A razão de eu te escrever esta carta é justamente uma tentativa de personalizar e conferir um toque mais “humano” às minhas palavras, diante desse contexto de isolamento social, em que as interações são feitas apenas online.

Outro motivo de te enviar esta carta é por ter recordado algumas memórias de quando compartilhávamos leituras que tínhamos gostado, ao arrumar minha estante de livros uns dias atrás. Me lembro de termos os mesmos gostos para quase tudo e até combinávamos a roupa que iríamos usar no próximo encontro. Apesar de não conseguirmos nos reunir como antigamente, sendo nossos encontros praticamente anuais por conta da faculdade e dos compromissos particulares de cada uma, nunca esqueci dos momentos que passamos juntas.

Quando estava escrevendo esta carta pude dedicar um tempo para relembrar as diversas loucuras que fizemos juntas

na nossa infância e de refletir sobre como mudamos ao longo dos anos. Com a correria do dia a dia esquecemos de coisas que realmente importam e deixamos sempre para depois de contatar aquela pessoa distante, mas muito querida. Para não perder essa nossa forte conexão, gostaria de recomendar um conto que li este ano e me fez reviver um momento sem preocupações, em que nossa imaginação não tinha limites.

O nome do conto é “A história do cortador de bambus” ou “Takatori Monogatari”, o qual apresenta tamanha profundidade no psicológico e sentimento dos personagens, possibilitando a reflexão tanto da sociedade japonesa da época, quanto da forma que lidamos com a tristeza e o sofrimento nos dias atuais. A perda da amada na história e a forma como as pessoas que sentem afeição por ela lidam com a sua partida, tornou-se uma maneira de assimilação e consolo para mim com o falecimento da minha avó em maio deste ano. Acredito que a leitura será, em alguma medida, frutuosa para você que também precisou lidar com a perda da sua avó neste mesmo ano.

Neste período obscuro de sofrimento e solidão, muitos tiveram que se despedir dos entes queridos antes da hora e, de forma negativa e positiva, passamos a repensar nossos hábitos e valores. Estamos em necessidade de solidariedade e de compromisso por parte de todos e creio ser importante compartilharmos nossas experiências, razão também pela qual quero te indicar esse conto.

Não obstante, gostaria de exprimir que a leitura, além do sentimento de luto, provoca o riso e nos leva a cenários fantásticos, fora da nossa realidade. Sem contar a história para manter sua curiosidade em lê-la, só digo que me trouxe a nostalgia de nossa infância, quando conseguíamos com a maior facilidade transitar entre diversos mundos paralelos. Neles podíamos ser o que quisermos – desde espãs com nossos próprios codinomes e comunicação secreta, até colegas de trabalho como médicas em um consultório fictício! Assim como em “Takatori Monogatari”, nossa imaginação fazia do extraordinário em possível.

Por fim, queria expressar minhas saudades e lembranças preciosas dos tempos em que passamos juntas. Sinto falta das nossas maluquices e longas conversas e espero poder te encontrar em breve presencialmente para dar aquele grande abraço e atualizar as fofocas!

Cuide-se com carinho.

Beijos,

Kaory.

**SUL DA
FRONTEIRA,
OESTE DO SOL**

Haruki Murakami

FRANCISCO DE ASSIS LEÃO NETO

Santo André, julho de 2021

Querida amiga,

Confesso que me sinto estranho escrevendo uma carta para você. As pessoas não escrevem mais cartas, escrevem? Faz também tanto tempo que não nos falamos... "Estranho" seria uma boa forma de começar a descrever isso tudo.

Faz realmente muito tempo, não? Sete, oito anos, quase uma vida. Não quero soar dramático, mas nunca imaginei que nos afastaríamos, muito menos por quase uma década. Mas aqui estamos.

Nas últimas semanas, pensei muito em nossa antiga amizade. Fiquei nostálgico, senti saudades, me entristeci e quase perdi a cabeça tentando lembrar o que poderia ter ocorrido. No entanto, no fim, me senti apenas feliz pelo fato de termos sido amigos e por termos seguido em frente.

A verdade é que tudo isso ressurgiu em mim por causa de um livro – eu sei, eu e meus livros, dez anos depois e algumas coisas não mudaram hahah. De toda forma, confesso que não esperava que um livro me fizesse passar por tudo isso, mas aqui estamos: eu escrevendo uma carta; você lendo-a, imaginando, eu sei, que eu talvez tenha ficado louco.

O livro se chama Sul da fronteira, oeste do sol, de um ótimo escritor que tive a oportunidade de conhecer recentemente, Haruki Murakami. Já digo que é uma ótima leitura, espero que

um dia você a possa conhecer.

O livro narra a história de Hajime e Shimamoto. Durante a infância, eles foram grandes amigos, e foi nesse ponto que não pude deixar de lembrar de nós. Eles até mesmo moravam próximos um do outro, como eu e você, que fomos vizinhos por tanto tempo. Ninguém a entendia como ele; claro, ninguém o entendia como ela.

Infelizmente, eles acabam se separando. Sem spoilers hah. Mas a verdade é que a vida se coloca entre eles, e, como jovens, isso foi o suficiente para afastá-los. Soa um tanto quanto familiar, não soa? Até este ponto, eu estava nostálgico: a descrição de Murakami acerca da amizade deles realmente me pegou desprevenido. Foi aqui também que me entristeci.

A questão, contudo, é que Hajime jamais conseguiu superar isso. Ao longo do livro muitas de suas ações, quiçá reprováveis, são justificadas por ele, ainda que indiretamente, pelo fato de jamais ter conseguido se conectar com alguém da forma como se conectou com Shimamoto. E o mais interessante é que, mesmo não tendo o ponto de vista dela, pude perceber que ela passou pelo mesmo problema.

E foi aqui que percebi que já não valia a pena lembrar nossa amizade, ou nossa separação, buscando respostas, ou sentindo-me triste. A verdade é que, ao final do livro, não queria ser como Hajime. Foram necessárias décadas e acontecimentos que posso descrever apenas como traumáticos – hahah –

para que ele percebesse que não poderia viver em função de Shimamoto ou o que ela representava. Imagino que ela possa ter chegado a mesma conclusão que ele. Desculpa, spoiler.

O que queria dizer, de verdade, é que me sinto feliz por termos sido amigos, mas também me sinto feliz pela vida nos ter levado a lugares diferentes, a pessoas diferentes. Faz sentido?

Não espero por uma resposta – acho que não espero nem que você tenha chegado até este ponto neste solilóquio de louco hahah – mas espero, sim, que esta carta lhe encontre bem e feliz. Espero também que você possa ter a oportunidade de ler o livro.

Faz anos que não lhe dou uma dica de leitura, não é? Mas me lembro que sempre costumava acertar e gostaria de tentar uma última vez.

Me desculpe mesmo pelo spoiler, eu me empolguei com essa história de escrever cartas.

Cuide-se, querida amiga

Seu antigo amigo

Francisco

AS NARRATIVAS DE ISE

GABRIEL DIAS COELHO

São Paulo, 22 de Julho de 2021

Querida amiga,

Como vai? Já faz tanto tempo que não escrevo uma carta que mal sei como ou por onde começar. Não nos vemos há muito tempo e, por meio desta correspondência, espero que eu consiga matar essa saudade de você - não vou mentir que esperarei ansiosamente pela sua resposta!

Em meio à situação atual, passei a me agarrar firmemente nas coisas pequenas, comemorando e apreciando até mesmo as pequenas coisas do dia a dia. Às vezes, sinto que pensar demais pode trazer problemas e, logo, tratei de me focar em algo que me fizesse bem no meio de tanto caos. Este semestre, na faculdade, tive a oportunidade de fazer várias matérias da minha habilitação (e não, não passarei mais tempo te atormentando sobre como eu gosto do japonês e sobre como a habilitação tem o moleto mais bonito da USP, apesar de ser verdade) e me deparar com uma das primeiras matérias de literatura japonesa.

Você iria se surpreender com a riqueza da literatura oriental, até porque não é todo dia que somos apresentados a ela, não é mesmo? Me recordo sempre do seu interesse pela língua e cultura do Japão, quando dizia que queria voltar a estudar mais. Este semestre acabei por ler "As Narrativas de Ise" ou "Ise Monogatari" (伊勢物語), que possui cento e vinte narrativas descrevem o processo de criação dos poemas ali inseridos e é esta

estrutura que torna a leitura uma experiência única. Todas as narrativas são introduzidas com a expressão “Mukashi otoko arikeri” (“Antigamente, havia um homem”) ou expressão equivalente e conta a vida de um homem desde sua maioridade e termina com o episódio da composição de um poema diante da morte iminente. Os temas são variados e contemplam desde os casos amorosos quanto relatos de viagem, relações familiares ou de amizade. O mais curioso desta narrativa são os estudos por trás dele: Não sabemos ao certo, ao ler, quem é o homem ou do qual a história fala ou até mesmo de seu autor. Nesse sentido, trinta dos poemas de “Contos de Ise” estão presentes na Antologia Poética Kokin Wakashu, descritos como de autoria Ariwara no Narihira. Curioso, não? A obra também foi um marco na literatura e serviu de influência para grandes obras no futuro, como Genji Monogatari, considerado um dos primeiros romances do mundo.

Até mesmo Zeami Motokiyo, grande dramaturgo japonês de sua época, se inspirou em um dos capítulos para escrever a peça “Izutsu”, que conta a história de um casal que, desde pequeno, tiveram interesses amorosos e se casaram. Entretanto, o marido passa a ter uma amante e a esposa, mesmo sabendo, nada faz. O marido desconfia e tenta descobrir se ela também possui um amante, mas sua busca tem um fim amargo quando descobre que ela apenas recitava poemas

que mostravam a preocupação com seu amor saindo na

noite perigosa. Ele então larga a amante e passa a ficar somente com a esposa.

A obra teatral é uma continuação do capítulo de Ise Monogatari, onde a traição não ocorreu. Com ela e várias outras, comecei a nutrir um apreço pelas obras clássicas da literatura e acho que hoje, mais do que nunca, o presente e o passado acabam por se mesclar. Como um dramaturgo que se volta ao passado para se ter inspiração e escrever sua peça, passo o dia relembrando das coisas, pensando onde estaria agora em um passado não tão longínquo, onde estaríamos indo para comer (Ainda me lembro sobre o seu amor por curry japonês) e relembrando dos diversos momentos da nossa amizade. São essas singelas memórias, aliadas aos pequenos hobbies que desenvolvi na pandemia, que me permitem buscar inspiração para continuar andando. Tenho certeza que, logo, tudo vai passar e poderemos nos reunir novamente, afinal, não é à toa que Chico Buarque diz: “Amanhã há de ser outro dia”, não é?

De seu querido amigo,
Gabriel.

O LIVRO DO TRAVESSEIRO

Sei Shōnagon

GABRIELA MIRANDA MACENA

Dia 01 de outubro de 2021.

Meu precioso amigo e amor,

Escrevo essa carta ansiosa para contar-lhe o que descobri nesses últimos dias, ou melhor, redescobri. Essa descoberta se deu por meio de um livro antigússimo chamado 'O livro do travesseiro' escrito num país muito distante. Ele pertence a Sei Shonagon, uma escritora japonesa espetacular que abriu as portas do meu coração para a beleza cotidiana.

A delicadeza dessa escritora me tocou profundamente. Você sabe como sempre detestei andar de transporte público e ter que encarar aquela barulheira do terminal de ônibus às seis da manhã. Agora, apesar de todas as dificuldades do que estamos vivendo, me deparei com um cenário mais acolhedor: o silêncio da manhã. Posso despertar-me calmamente, vestir-me, ver como está o céu lá fora – mesmo que através de uma tela de proteção que há na janela, sentir aquele cheiro de dia despontando e ouvir os pássaros anunciando-o.

Por isso, me identifiquei facilmente com a atenção contemplativa de Sei. Ela inspirou o meu coração a perceber detalhes ainda menores e aqueles com os quais acabei me acostumando, como: a sensação de ter as suas mãos entrelaçadas com as minhas, o silêncio ao final das nossas conversas, a sua voz me chamando pelo nome, a saudade que vem quando nos despedimos.

Surpreendi-me com o trecho em que ela lista coisas que parecem intermináveis. Fui cativada pela seguinte frase: O tempo do recém-nascido se tornar adulto. E se pudesse, sugeriria à Sei que acrescentasse à sua lista: o olhar entre aqueles que se amam.

Acredito que esse olhar pode acontecer em dois cenários diferentes. O primeiro seria entre dois amantes, duas pessoas. Esse já é de um valor imenso e uma das maiores alegrias que pude receber com a sua chegada em minha vida. O outro, e é exatamente esse que te convido a buscar, é o que mais custa – especialmente vivendo em São Paulo no século vinte e um, pois é nesse olhar que se dá o encontro entre nós e a vida. Deixar-se envolver por tal olhar amoroso é assumir uma postura vulnerável, atenta, silenciosa e disposta a escutar o que cada coisa quer nos dizer.

Porém, como já disse, esse segundo olhar exige de nós esforço porque para alcançá-lo precisamos abandonar todas as mil vozes que foram injetadas em nossa cabeça: “Faça logo isso!”, “Como assim você ainda não sabe?”, “Ainda não terminou?”, “Isso é inútil”. Não fomos feitos para isso; assumindo essa postura perdemos a capacidade de sermos sensíveis àquilo que preenche os nossos dias.

Recomendo que procure por esse livro. Se quiser, pode pegar o meu emprestado. Não precisa ler tudo. Apenas algumas folheadas já te ajudarão a abrir o seu coração para essa nova

forma de enxergar o mundo.

Assim, finalizo essa carta com uma alegria transbordante em meu peito, encantada com o coração humano, com esse desejo que temos de encontrar o Amor em cada detalhe: um amor com A maiúsculo capaz de redirecionar o nosso olhar para o alto, para o belo, para o desenrolar rolar lento e encantador das nossas vidas. E agradeço com todo o meu ser por tê-lo encontrado estando ao seu lado.

Com o mais simples e genuíno amor, Gabriela.

HAIKU

Matsuo Bashō

GABRIELA YURI KAMIDA

São Paulo, 17 de julho de 2021

Querida irmã,

Imagino sua cara de surpresa ao receber esta carta, você sempre tão imediatista e que gosta de respostas rápidas deve ter achado estranho receber uma mensagem escrita tão previamente. Mas juro que o motivo é nobre! Segui seu conselho e me inscrevi nas aulas de literatura japonesa. Como já te contei, sentia muita falta daquele prazer pela leitura, talvez devido ao meu trabalho escrevendo manuais de instrução ou talvez por causa das milhares leituras técnicas da faculdade. Cada vez mais a leitura perdia sua cor e se tornava uma atividade enfadonha e obrigatória.

Nas aulas descobri os Haikus, poemas de 17 sílabas, para nós que escrevemos o tempo todo é um pouco surpreendente um texto tão curto não é? Os Haikus são escritos como uma fotografia instantânea, retratam um breve momento apenas com o essencial. Isso me lembrou quando lemos Pedro Páramo e você me explicou que a arte do Juan Rulfo era cortar o texto até ter apenas o essencial, naquele momento senti vontade de ler de novo e percebi como os mistérios do livro estavam justamente nas perguntas que não são respondidas, nas coisas vistas pelos cantos dos olhos e nas histórias paralelas que nunca

tinham um final claro.

Que saudade dos nossos tempos de férias, onde combinávamos lista de livros que leríamos juntas enquanto ficávamos na casa da nossa vó. Na época odiava ficar sem assistir desenho durante a tarde, mas hoje acho que ler e comentar sobre os livros era muito divertido. Existem alguns como o Assassinato no Expresso do Oriente que conversamos tanto que, apesar de nunca ter andado de trem, sinto como se soubesse cada detalhe dos vagões.

E por falar em conhecer lugares, conheci um autor, o Basho, que fazia haikus durante suas viagens. Acho que você gostaria de conhecer os textos dele, assim como você, ele gostava de guardar memórias de viagem. Você ainda pinta aquarelas dos seus lugares e comidas favoritas?

Outra coisa legal dos haikus é que eles usavam símbolos para falar de estações no ano, a cigarra por exemplo simboliza o verão, por que elas sempre cantam no verão. Isso me lembrou quando você ficava animada para caçar cigarras no Animal Crossing, aquele jogo de videogame japonês. Aqui não temos esse hábito, então quando li o haiku achei engraçado porque pensei nos nossos personagens de chapéus colecionando elas para completar missões. Vou colocar o haiku aqui para você sentir um gostinho da coletânea que estou preparando para lermos juntas =]

shizukasa ya iwa ni shimiiru semi no koe

Quietude –

O canto das cigarras

Penetra nas rochas.

Bashô

Outros símbolos são mais difíceis de entender na primeira leitura, como a lua cheia que significa superação. Isso me fez pensar em um texto que li para a graduação, onde a Sontang explicava que a arte segue um caminho diferente da ciência e da tecnologia e diferente do que muitas pessoas pensam não é apenas uma questão de gosto ou interpretação pessoal. Na verdade as melhores obras contêm diversos códigos e referências que precisam não apenas de conhecimento sobre o autor, mas também sobre história, dinâmicas da arte e do estilo e até mesmo uma nova sensibilidade. Achei incrível como um texto que li por obrigação em outro contexto ganhou cor e se tornou algo palpável dentro de um contexto diferente.

Decidi te escrever uma carta para te agradecer pela sugestão. Escrever manuais, requer não deixar pontas soltas e explicar todas as dúvidas que podem surgir, por isso conhecer um gênero onde o espaço em branco é uma parte importante do processo foi incrível! Senti vontade de ler mais depois das aulas e entender como os textos impactam o momento que foram escritos e também o futuro.

Espero que você esteja bem e que possamos nos encontrar

em breve, quem sabe não marcamos uma viagem para a casa de nossa avó no interior, podemos aproveitar a falta de internet para escrever alguns haikus ou desenhar algumas aquarelas.

Com carinho,
Gabriela Yuri Kamida

KITCHEN

Banana Yoshimoto

HELOÍSA IACONIS DA COSTA

São Paulo, 4 de julho de 2021

Querida Marina,

Como você está? E a sua família? Todos com saúde? Assim espero e torço e desejo. Por aqui, estamos bem – na medida exata do bem possível para os dias de hoje. Para o Brasil de hoje. Vivos e sãos. No meu caso, um eu que continua a ser eu, tenho me mantido em mim, sem abraçar o desespero completo, por conta do afeto e da literatura. Os dois unem-se tantas, tantas vezes, que viram uma coisa só. Nós, por exemplo. Gosto demais da expressão que você criou para caracterizar a nossa amizade: amigas de livro. O amor pela arte da palavra, deste que é todo encanto, esse amor fez com que nos encontrássemos nas salas e nos corredores da ECA. Ambas, naquele momento, alunas de jornalismo. Você dois semestres à frente, veterana minha. Em 2015, você se lembra?, cursamos juntas uma disciplina sobre políticas públicas de leitura e outra repleta de contos e crônicas. Depois disso, passamos a trocar recomendações de obras regularmente: você já leu *O Jogo da Amarelinha*, de Julio Cortázar? Ou: o que você achou de *Um Esboço do Passado*, de Virginia Woolf? Maravilhoso, não? E é, precisamente, uma dessas dicas, a mais recente, que me motiva a redigir esta correspondência.

Amiga, amiga, não existe outro modo de começar a comentar a respeito de Kitchen que não seja este: agradecendo a você.

Há algumas semanas, quando te pedi indicações de autoras japonesas contemporâneas, a sua resposta surgiu certa: Banana Yoshimoto. Pois bem: na mesma hora, entrei no site da Estante Virtual e comprei essa novela que me ganhou inteira. São duas as partes dessa travessia e também duas as leituras que dela realizei. (Por enquanto). A primeira durou o tempo de uma tarde, de um fôlego transformado em fascínio (e apenas interrompido pelos espirros – edição velhinha, um pouco amarelada, bota a minha rinite como o diabo adora, atacada e afiada, atim-atim-atim). A segunda alongou-se da última terça-feira até agora, tendo eu esmiuçado linha por linha, cada passo de Mikage Sakurai. Ela, você sabe, é a protagonista desse enredo, o qual traz um exercício duplo: do luto e da paixão.

Não me recordo se cheguei a te dizer, mas, desde o início da pandemia, decretados o trabalho em home office e a faculdade no modelo on-line, vivo na cozinha. O quarto, pequeno e lotado de livros e discos, não comporta sequer uma cadeira de escritório. Logo, de pronto, o título da história encontrou morada no meu íntimo. E não apenas ele: a narrativa total, página após página, fala comigo como uma voz de gente sábia, mensageira da angústia e do carinho, os polos norte e sul da experiência humana. Mikage, ainda jovem, conhece a solidão: órfã de todos e tudo, perdeu os pais, o avô e, assim se abre a narrativa, a avó. Diante dos meus olhos, tomando forma com letras e vírgulas e pontos, o meu grande medo: ficar, estar e ser sozinha no mun-

do. Você sente esse temor, amiga? Na trama, porém, não demora para que a acolhida chegue, chegue pelas mãos dos Tanabe. Yuichi e sua mãe, Eriko, abrigam Mikage e, no sofá deles, a moça acha um espaço quente para habitar a perda. As perdas.

Por proteção científica e divina, não tive que me despedir de alguém próximo neste caos. Você também não, certo? Entretanto, pululam chances para que nos imaginemos nessa situação. E se fosse a minha mãe? O meu pai? Um dos meus professores ou amigos? Ficaria apatetada como Mikage? Creio que sim. E a carga da tristeza coletiva, o nosso país a morrer sempre mais, esse peso que corta carne e espírito, inscreve-se em mim. Li Kitchen com essas bolas de chumbo nos pés. Li Kitchen como uma brasileira em 2021. Como uma brasileira, de coração pisado, chorei ao descobrir o assassinato de Eriko, mulher transexual, mãe de Yuichi. Banana, ao inventar esse homicídio tão real, acabou por me dar um escape para minha tensão: chorei a morte de uma personagem e muitas outras mortes. Com Mikage e Yuichi, permiti-me atingir, em uma brecha na matéria da rotina, as lágrimas que escondi por puro terror de sofrer. A literatura nos deixa sofrer: suspende o entorno e ordena: sofra. E volte.

A literatura nos deixa amar. A novela, percebo dessa maneira, constrói ainda a jornada do amor. No vaivém de comidas e fins, a artista nos envolve no processo de amadurecimento da relação de Mikage e Yuichi. Uma afinidade que cresce com

paciência, cuja face primeira é o ensinamento. De modo semelhante ao périplo da dor, a paixão também requer aprendizado. Banana Yoshimoto, em seqüências de frases curtas e sagazes, revolve o nosso terreno interno: das ervas daninhas às flores, devemos aprender a ficar, estar e ser gente no mundo. O casal de Kitchen, aliás, parece com Lóri e Ulisses, de Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres, de Clarice Lispector. A meu ver, trata-se de uma das obras de maior beleza delicada já escrita e comunga desse mesmo caldo de sensibilidade fervente de que é feita a ficção de Banana. Eis, portanto, a minha retribuição: além desta carta, te indico Clarice, com a certeza de que, desse jeito, seguimos, você e eu, amigas de livro, seguimos unidas. Aguardo notícias suas, fora as opiniões sobre o romance, viu? E não se esqueça: o afeto e as palavras hão de nos salvar.

Com saudades e beijos mil,
Helô.

O PAÍS DAS NEVES

Yasunari Kawabata

HENRIQUE C. F. PRADO

Caro amigo.

Espero que não se importe que te chame de amigo apesar de não nos conhecermos. Bem, pelo menos você não me conhece. Por isso peço desculpa pela intromissão e por nossa relação assimétrica. Espero que essa carta possa remediar este segundo descuido meu, porém aviso que prefiro manter o anonimato por minha parte, como um sinal de confiança que apenas verdadeiros amigos possuem. Uma confiança cega. Você estaria disposto a aceitar tal posição de confidente?

Sua mensagem chegou aos meus ouvidos e olhos através das janelas virtuais que nos cercam hoje. Essa é também a razão pela qual você não me conhece apesar de eu te conhecer, pois essas janelas são tal como o shoji, onde aqueles que se encontram fora do cômodo, na escuridão, podem ver os vultos da vida que ocorre dentro. Aqueles que dentro estão, no entanto, cegos são para as imagens de fora.

Pois é precisamente sobre isso que gostaria de conversar com você. Janelas.

Este é um tema que tem me cercado há um tempo. Que cerca a todos nós, acredito. Literalmente, virtualmente, metafisicamente. Porém, que não tem sido verbalizado, ou mesmo articulado publicamente, apenas “exposto”. Ou seria o lançamento do “Windows 11” mera coincidência? E quanto a recém-aberta exposição “Windowology” na Japan House São Paulo?

“Expor” vem da palavra “exponere” do latim, que por sua vez significa colocar para (ponere) fora (ex-). É, portanto, um ato irônico “expor” janelas sendo elas mesmas instrumentos que expõem, que torna dois espaços distintos mutuamente evidentes. É como um ato metalinguístico, onde buscamos expor as maneiras como expomos o mundo.

De forma geral, janelas são artifícios arquitetônicos que ligam o espaço interior ao exterior. De forma mais específica, no campo da arquitetura janelas são o principal mecanismo de iluminação e circulação de ar para o espaço interior. Devo apontar, porém, que nesse sentido estritamente funcional a janela é concebida como um artifício que “importa”, ou seja, o contrário de “exponere”; colocar para dentro. Reside aí uma possível razão para a transição funcional da janela dentro do contexto de pandemia, e uma razão pela natureza “impositiva” que elas têm adquirido, porém antes de adentrar nessa questão gostaria de aprofundarmos sobre janelas tal como artifícios, como aberturas, como laços que nos unem.

O ar se renova com o abrir das janelas, enquanto a luz movente do sol anima a imobilidade dos objetos do espaço interior. A janela é uma lembrança de que o refúgio que construímos em nosso quarto, este espaço que acreditamos ser nosso e que só se move por nossa vontade, é, inevitavelmente, sujeito às intempéries do tempo. De que estamos inseridos no mundo, mesmo quando buscamos fugir dele.

Apesar da aparente oposição, os movimentos sugeridos do “exportar” e “importar” correspondem à natureza essencial das próprias janelas, de promover uma troca de via dupla entre o interior e o exterior. Há um balanço entre essas duas forças que a meu ver reflete também o equilíbrio entre o sujeito e o mundo. Janelas funcionam como membranas que regulam o tráfego de informação de um lado para o outro. Uma economia de trocas. O regime das janelas, como gosto de chamar. Tal como quando durante o dia o ar e a luz de fora alimentam o espaço interior, à noite, essas mesmas janelas se tornam vislumbres de uma outra vida, íntima, própria, que se projeta sobre a rua através das luzes alaranjadas de cansaço das lâmpadas de tungstênio e LED. Tão diferente, ainda assim tão similar. Longe, ainda assim próximo.

A janela é uma ótima mediadora entre as duas facetas da vida social humana, e impede a alienação dupla quando o confinamento é opressivo. Nesse sentido a janela adentra um campo cultural mais amplo, não limitado ao universo arquitetônico, mas que abarca toda manifestação daquilo que nos oferece um olhar diferente para e sobre o mundo. Livros, filmes, pinturas, poemas, fotografias, qualquer tipo de mídia que criamos para nos aproximarmos de um ideal distante pode ser incluído na concepção de janela. Rejeito o conceito de tela pois, a meu ver, é apenas sinônimo de janelas mudas.

Quando leio um conto, adentro em sua narrativa, porém o

movimento contrário também ocorre. A história transborda e invade minha realidade. Senti isso distintamente em minha primeira leitura do livro "O País das Neves" de Yasunari Kawabata. Estava em Londres, meio ao verão de julho. Não sei se conhece a obra, mas se a conhece deve saber que o frio descrito por Kawabata pode ser sentido na pele. A princípio, a diferença de ambientes, entre o frio da neve e o calor de Londres, os colocaria em conflito, porém, no entanto e estranhamente, elas se complementam, precisamente por sua diferença. O frescor dos longos dias de verão deu vida às longas noites de inverno do livro, enquanto que a intimidade entre Shimamura e Komako adquiriu força e profundidade graças ao movimento de pessoas aproveitando o raro dia de sol inglês. Afinal, o desejo de se envolver com outros era tangível tanto no livro quanto nas pessoas que me cercam. O amor e amizade exposta no livro era tão sutil quanto os vislumbres de intimidade das pessoas que povoavam o parque.

O livro me foi como uma janela que uniu dois mundos diferentes, fundindo-os em harmonia permeada por uma nova noção de amor. Algo similar é magistralmente descrito na própria obra de Kawabata. A janela pela qual a imagem passageira do cenário japonês, a mesma que reflete a imagem da jovem Yoko, funde as duas imagens em um efeito que fascina o protagonista. Que altera a percepção de Shimamura sobre a jovem com quem compartilhava a viagem, e que lhe expôs um

outro nível de beleza à essa figura humana que cuidava de um pobre doente. A dupla face da janela do trem une o movimento de fora com a sutileza de dentro, humano com a natureza, unidos. Em meu caso, tal como leitor, o livro foi minha janela, o universo contido no parque era meu cenário movente e a história que lia, o reflexo de um universo íntimo que se desdobra e se relaciona com a vida que reside fora das páginas.

Li os primeiros capítulos do livro sob a sombra das árvores no parque St. James, a menos de uma quadra do Palácio de Buckingham. Que turista malogrado que sou, hein? Viajo meio mundo para ler um livro que poderia ler em qualquer lugar. Porém, essa é uma das leituras mais memoráveis que já tive em minha vida.

Sinto falta desse tipo de experiência, onde os diferentes colidem para formar um novo. O calor do atrito entre as pessoas, do encontrar, passar, ver, sentir. Dos gestos mundanos carregados de um desejo por viver, que buscam se estender ao próximo. Do sentimento conflitante de querer companhia, apesar de, por vezes, rejeitá-las, sempre por questões triviais. Sinto falta até mesmo do toque humano não requisitado dos trens lotados do metrô.

Meus gestos não carregam mais valor, pois não importa o quanto eu busque alterar o mundo que me envolve, não recebo respostas. As paredes que me cercam não mudam. Esforços em vão.

Nos encontramos privados da experiência genuína da vida. E em troca recorremos às janelas virtuais para nos aproximarmos ao contato que estamos a perder. Porém, não nos foi dito que essas são janelas extremamente desbalanceadas. Não há mais dentro e fora, só há aqui e ali. E o fluxo entre os dois lados é tão desigual que um lado sempre predomina sobre o outro. Consigo ver o mundo, mas o mundo não me vê.

Ao tentar compensarmos pelos meios perdidos, nos cercamos com essas janelas, criando casulos multidimensionais. A morbidade do corpo que reside neles é mascarada pelos inúmeros sonhos que nos são oferecidos, e pelos quais recorremos para sedar a dor nas juntas não articuladas. Dos laços que não se amarram.

Seria um problema de design? Um defeito de fabricação? Posso entrar em contato com a assistência técnica? Talvez seja realmente uma questão de design. Em parte. Digo isso pois, a meu ver, compartilhamos da culpa.

Culpar as janelas seria o caminho fácil. O caminho da ignorância. Um caminho provido pelas próprias janelas deceptivas. A culpa recai sobre nós também, pois fomos nós que recorremos a elas. Somos nós que mergulhamos nelas em busca de algo, sem saber o que desejamos. E é aí que erramos, pois se as usamos sem ter um fim em mente, sem uma intenção clara, estamos nos colocando à mercê de seu programa. Por essa razão que elas se tornam desbalanceadas, pois ao utilizá-las sem mo-

tivação, nos alienamos da verdadeira experiência de troca, do calor do contato, resultando em uma um fluxo desigual entre partes. Isso é claro, pois tal defeito está também presente em nosso discurso cotidiano, na forma agressiva com que lidamos com diferenças.

Toda janela é capaz de manter um fluxo entre dentro e fora, isso é inerente ao seu projeto. O controle deste, por outro lado, é gerido por nós. Sou eu que decido se busco o que há fora ou se volto-me para dentro. Se vivencio o correr da brisa de um lado ao outro, se ouço os sons da rua que invadem meu ser. Se dou um passo para fora ou para dentro. O mesmo vale para as janelas virtuais. E para todas as janelas discutidas aqui. Quando esquecemos do poder interativo delas, de que temos igual poder de afetar o outro lado, é onde está o problema que desejo expor.

Estava sedento por retomar uma experiência de congregação, por isso retomei a leitura do livro recentemente, porém, no meio do caminho, encontrei impedimentos. Acredito que residem duas razões por trás de meu fracasso. Primeiro, não deveria esperar que a experiência que tive naquele dia viria a se repetir. Ela nunca poderá ser reproduzida, apenas lembrada. Segundo, na primeira vez que li o livro ainda era amador nas questões de amor. Hoje, acredito ser mais experiente. Na realidade, temo dizer que tive um romance que se assemelha em vários pontos com aquele no País das neves, porém que encontrou seu fim com a pandemia. Ler o livro hoje me faz lembrar

de dias felizes que encontram-se fora de meu alcance, em um tempo perdido, e isso me fere, pois, as janelas fechadas pelos ventos dos dias se tornam insuportavelmente evidentes.

Envio esta carta a você, mas ela poderia ser endereçada a quem seja. Pois minha intenção ao escrevê-la não era apenas reportar minha hipótese sobre janelas. Eu desejo reverter os fluxos entre aqui e aí com essas palavras. Com meu gesto de escrita, e com meu ato de leitura, com os dois lados dessa janela. De fazer, com minha própria vontade e liberdade, reverter a impermeabilidade adquirida pelas janelas, e lembrar que esse é um ato que deve ser aplicado a qualquer janela.

Agora sei que o som do silêncio não será da solidão, mas uma presença reconfortante, não importa o quão longe esteja. Quero fazer da melancolia inscrita no calar das paredes em um universo de ternura em eterna expansão, todo ele contido do tênue limiar entre o aqui e o aí.

Quando lhe for possível, abra as janelas e deixe o tempo fluir. Quem sabe, talvez, do outro lado, lá eu esteja.

FIGURAS

SEMELHANTES

Takahashi Takako

ISABEL CRISTINA LIMA DA CRUZ

Limeira, 15 de julho de 2021.

Querido Nuts, como você está?

Espero que esta minha carta te encontre bem, e que você e sua família estejam lidando bem com toda esta situação. Sinto saudades de você, de quando éramos vizinhos e podíamos nos ver sempre e conversar por horas... mas, infelizmente, com a correria do dia a dia e a distância, as coisas ficam um pouco mais difíceis né.

Eu tenho certeza de que você deve estar bastante ocupado, mas, eu tenho pensado bastante em você nos últimos dias, então pensei em escrever esta carta. Agora você deve estar curioso, se perguntando por que eu tenho pensado em você... bem, além de querer notícias suas, pois não nos falamos há algum tempo, o que me motivou a escrever foi a leitura de um conto que eu gostaria de compartilhar, pois eu sempre gosto de ouvir seus pensamentos a partir das leituras, e eu também acho que os temas nesse conto vão te interessar.

Eu me deparei com esse conto muito por acaso, nem lembro sobre o que eu estava pesquisando, mas acabei achando um trabalho acadêmico que contém a tradução de dois contos da escritora japonesa Takahashi Takako, de quem eu nunca tinha ouvido falar. O conto que me chamou a atenção é o primeiro, que se chama "Figuras semelhantes", e que já me interessou no

título, me causando uma certa curiosidade.

Não quero te contar muitos detalhes do enredo, porque sei que você gosta de ir desvendando a história aos poucos, mas vou te falar sobre como me senti quando li.

Bem, esse conto me causou um certo estranhamento, a ponto de não sair da minha mente por vários dias. É uma daquelas obras que não é necessariamente de terror, mas que me causou um certo medo, e eu tenho algumas pistas do que causou essa sensação.

O conto é sobre a relação entre mãe e filha, e a autora mergulha em diversos aspectos do relacionamento das personagens. Mas, antes de falar um pouco mais sobre o conto, eu gostaria de destacar uma passagem que representa bem a forma como a autora vai desenvolver a história, que é quando a mãe pensa nas máscaras de Nô após receber uma carta: “Me recordo muito bem da máscara shakumi, que representa a mulher de meia-idade. Uma máscara branca e macia. Embora a máscara parecesse estar sorrindo, triste, zangada, assustada ou louca, ela não sorria, nem estava triste, nem zangada, nem assustada, nem louca. A máscara em si não tinha qualquer expressão. A razão pela qual tinha de ser tão inexpressiva é que continha emoções transbordantes em seu interior.”

Acredito que essa passagem seja importante por representar a forma como a relação das duas personagens vai sendo revelada, a partir da memória da mãe, que vai reconstruindo

os detalhes da relação entre as personagens. Esses detalhes, à primeira vista parecem ser inexpressivos e insignificantes, como um gesto, um olhar, uma parte do corpo, ou até mesmo um cheiro ou um comportamento muito específico, mas acabam por ter um peso enorme, e causam um grande impacto na relação entre as personagens. Assim, de uma certa forma, esses detalhes aparentemente inexpressivos tornam-se cheios de emoções transbordantes quando são observados atentamente.

A imagem da máscara de Nô, inexpressiva, mas que transmite diversas emoções, também traz um certo estranhamento que permeia o conto. Para citar um exemplo, logo no início, a mãe recebe uma carta que ela tem a impressão de que foi escrita por ela mesma, pois é a sua caligrafia na carta; e a forma como essa cena é narrada causa uma sensação de desconforto e uma curiosidade, pois, a semelhança da caligrafia, apesar de ser um detalhe pequeno e estranho, é muito significativo. Outras cenas, à semelhança dessa, vão se repetindo no conto, e ajudam a construir o quadro maior da relação das personagens.

Mas, eu acredito que o que mais me intrigou foi que a autora descreve um relacionamento entre mãe e filha que foge das expectativas e possibilita diversos questionamentos. Um deles diz respeito à tensão entre a figura da mãe e a da mulher, e o papel social que é esperado que essas figuras femininas desempenhem. Até que é adicionada também a figura da velha, e, ao

final do conto, encontram-se três gerações de mulheres: a mãe, que agora é velha, a filha, que tornou-se mãe, e a neta.

Há ainda um outro aspecto do conto que me chamou a atenção, mas eu não gostaria de revelar muitos detalhes, então acho que vou parar por aqui. Espero que eu não tenha revelado demais sobre o conto com tudo o que eu já contei, pois, caso você queira ler, eu não quero prejudicar a sua experiência. Além disso, eu gostaria também de saber sobre as suas impressões, e se esse conto vai provocar em você inquietações tanto quanto provocou em mim.

Estou com muitas saudades, e espero que você esteja bem.

Continue se cuidando, abraços,

Bel

COUTINHO FILHO, Francisco. Figuras suspensas em Takahashi Takako: tradução e análise crítica de dois contos. 2020. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Japonesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2020. doi:10.11606/D.8.2020.tde-19062020-105118.

TRILHAS LONGÍNQUAS DE OKU

Matsuo Bashō

JÉSSICA M. NOGUCHI

São Paulo, 16 de julho de 2021

Olá, minha querida amiga,

Como vão as coisas? Espero, de coração, que esteja bem. Estava esses dias bastante atribulada com o fim do semestre da faculdade, praticamente sem tempo para respirar, quando o Google Fotos me manda uma notificação “Há exatamente 2 anos...”. Confesso que cliquei por pura procrastinação, e abriu uma foto do pôr do Sol que tirei em English Bay, quando estava com você. Foi em julho de 2019. Essa foto, em particular, é muito importante para mim, pois foi quando você passou a ocupar um espaço especial em minha vida.



Será que você ainda se lembra desse dia? Combinamos de nos encontrar com o pessoal depois do almoço, mas acabou que todo mundo furou e ficamos só nós duas, sentadas em cima de uma enorme rocha. Me lembro do seu olhar contemplativo, até um pouco distante às vezes. Quando você me contou que havia largado o emprego, vendido tudo e deixado seu país para “fazer do mundo a sua casa”, sabia que estava diante de uma pessoa incomum. Se eu conhecesse naquela época “Trilhas Longínquas de Oku” (*Oku no Hosomichi*), do poeta japonês Matsuo Bashō, teria conseguido retribuir a sua recomendação de leitura, seu livro favorito “Fernão Capelo Gaivota” do Richard Bach. Hoje, ele está na lista dos meus prediletos também.

Acredito que você e Bashō seriam bons amigos! Pena que ele viveu há mais de 300 anos, mas você pode conhecê-lo através dos diversos *Haikus* que deixou. A referida obra é um diário de viagem, onde ele registra as experiências pessoais que teve durante a jornada de 156 dias que fez a pé. Ele descreve as paisagens, as pessoas que encontrou pelo caminho, e usa os elementos da natureza para expressar os sentimentos. Achei que essa postura reflexiva dele fosse do seu gosto, pois é muito semelhante ao modo como você encara as coisas.

「日々旅にして旅を栖とす。」

“...Fazem da vida uma viagem, e da viagem a sua morada.”

É impossível ler esse trecho e não pensar em você. A visão de mundo do Bashō de que “tudo é transitório”, me fez lembrar da conversa que tivemos naquela tarde sobre o desapego: soltar

as pessoas, a culpa, as preocupações, a vontade de controlar tudo, e firmar os pés no presente. Porque como você disse, a vida é muito curta para ficarmos carregando tudo isso. Acho que é uma das lições mais difíceis que existem, e fico imaginando quantas coisas você teve que soltar para estar aqui. E assim, entre pequenas conversas e longas pausas, acabou que ficamos até o entardecer, quando a maré já estava cobrindo praticamente todas as rochas, nos avisando que era o momento de voltar.

Queria tanto ouvir mais das suas histórias, dos países que conheceu, das experiências que teve... É muito estranho pensar que um dos encontros mais significativos que tive foi com uma pessoa que convivi só por duas semanas! Foi tão breve, mas ao mesmo tempo muito marcante. Assim como os versos do *Hai-ku*. Senti um aperto enorme no coração quando nos despedimos.

Dois anos se passaram. Imagino que seus olhos já devem ter percorrido dezenas de outros mundos. Me pergunto onde você estaria neste momento. Mas independentemente de onde esteja, espero que se encontre feliz. Obrigada por ter me proporcionado um momento tão belo. Quem sabe nossas jornadas não se cruzam novamente? Nem que seja daqui a 300 anos.

Um abraço bem apertado,
Jéssica M. Noguchi

SONO

Haruki Murakami

JULIA MAZZI DOS SANTOS

São Paulo, 25 de Julho de 2021.

Querido D,

Eu tenho sentido tanto sua falta, como você está? Espero que essa carta te encontre bem, e vacinado! Eu tenho me divertido muito trocando correspondências com você. Dessa vez eu venho por meio desta carta te contar um episódio que foi inesperadamente impactante para mim.

No início do ano de 2020, ouvi que teria uma exposição do Takashi Murakami no Instituto Tomie Ohtake. Eu queria muito ir em alguma exposição nova, e o nome Murakami já tinha cruzado meu caminho algumas vezes, mas era o Haruki Murakami, escritor. Minha curiosidade cresceu e senti que esse seria um bom primeiro passo para conhecer o outro Murakami, artista plástico. Fui no dia do meu aniversário.

Foi como um renascimento particular, meu. O Murakami tinha nascido em mim e me peguei deslumbrada por suas obras plásticas. Minha mãe, minha companheira de exposição, ficou fascinada com uma das esculturas e comentou com todas as suas amigas e familiares. Eu guardei pra mim. Não sabia direito como externalizar. Alguma coisa dentro de mim tinha se revirado (não de uma maneira ruim), e bom foi assim que resolvi me aventurar nas aulas de Literatura Japonesa, desta vez, para conhecer melhor o escritor Haruki Murakami.

O escritor Murakami escreveu o conto "Sono", que conta a

história de uma beletrista que se encontra insone por um grande período de tempo. E nessa insônia inexplicável, ela redescobre a leitura de Anna Karenina.

Me pareceu um sinal tão claro do universo! Eu queria começar a ler alguma coisa, sou uma beletrista que não conseguia mais se concentrar para ler um livro e (infelizmente, nesse ano pandêmico) vinha sofrendo bastante com minha insônia. Era quase como se o livro falasse sobre mim! Guardada as proporções, me reconheci na situação do breve resumo da personagem principal. Resolvi me aventurar!

Comprei o livro e comecei a leitura sem muitas expectativas fixas, mas ainda assim pensando que talvez eu encontrasse algumas dicas sobre como lidar com minha insônia, ou como reaprender a ter concentração na leitura. Um final feliz. Já te adianto: não encontrei nada disso!

Na verdade, o que aconteceu foi que me encontrei refletindo sobre diversas questões da vida que de repente brotaram como ervas daninhas na minha mente quando, depois de um mês de quarentena, percebi que as coisas não se resolveriam rápido. Eu me peguei insone, lendo o livro e pensando sobre a insônia, e como esse é um momento em que ao mesmo tempo as coisas são e não são.

A personagem fala sobre sua rotina diária, e como tudo é tão repetitivo e mecânico. Mais do que nunca eu tenho vivido isso também. A quarentena me colocou (junto com o resto do mundo) em um looping (in)finito de acordar, comer e passar

o dia inteiro dentro de casa e no quarto. Variando em praticamente nada, nosso horizonte virou a tela do computador. Meu passado virou imagens, que agora tão distantes, pareciam uma outra vida e meu futuro, um vazio.

Assim como a família da personagem, a minha também não percebeu minha insônia. Eu interagia bem pouco, de forma mecânica. O amanhecer deixou de representar o começo de algo novo e passou a ser um motivo de frustração: era mais uma noite em que falhei em dormir.

Assim como ela, em seis meses de quarentena, comecei a ter problemas de discernir um dia do outro. E meu apetite sumiu completamente. Percebi que o vinho me ajudava a dormir e comecei uma breve relação nada saudável em que meu corpo via nessa bebida uma solução para a insônia.

E foi durante a leitura que eu realmente consegui perceber a repetição insana de dias iguais que minha vida tinha virado. Finalmente entendi que era justamente essa repetição que estava me deixando mal. Eu não conseguia mais “ser” nem mecanicamente. E foi assim que, surpreendentemente, esse livro foi meu ponto de virada.

Aceitei que minha falta de concentração não era um defeito e que por hora não teria como “curá-la”. Deixei de me cobrar tanto resultado, focar na minha saúde. Destruí minha rotina e os planos. Voltei a fazer terapia. Deixei a imprevisibilidade tomar conta, e meu sono regular voltou. E meu apetite também. Eu comecei a me sentir humana como nunca na vida. Viva. E

mesmo quando enfrento dificuldades, tem algo dentro de mim que me garante que vou conseguir passar por isso. Não é mais uma questão de vencer. Eu só quero, agora e sempre, SER.

Acho que o que o Murakami queria era “virar meu carro”. E ele conseguiu.

Espero te encontrar em breve para “SERMOS” juntos.

Abraços de saudade,

Julia.

HAIKU

Matsuo Bashō

KELLEN QUEIROZ

松尾芭蕉

São Paulo, 19 de Julho de 2021.

Papai, Fafaizinho (como geralmente te chamo, rs)

Esses têm sido dias bem difíceis, mas mesmo diante de toda essa loucura posso dizer que tive grandes conquistas. Estar na USP novamente foi uma delas. E nessa oportunidade estou podendo entrar em contato com uma cultura que sempre tive interesse.

Interesse esse trazido por você, afinal são 33 anos que o Sr. mora no Japão e que conta como tudo acontece por aí.

Confesso que por um momento não gostava muito de saber como era o país, sua cultura, seus costumes, língua, literatura, pois sentia que de certa forma o Japão o havia roubado de mim, mas com o tempo pude ver que não aconteceu dessa forma e foi nesse momento que meu interesse por tudo o que existe por aí foi despertado.

Nessa segunda vez na USP no início do semestre decidi por escolher disciplinas ligadas ao Japão e uma delas a Literatura Japonesa, no decorrer das aulas comecei a identificar aspectos na literatura com as histórias que o sr^o me conta de como são as pessoas ou os costumes nesse país que o sr^o tanto ama e pude entender suas atitudes e como pensa hoje em dia.

Fiquei impressionada e encantada com essa nova cultura e com os textos que conheci. Como são profundos e ricos.

No meio de todo conteúdo, um tipo de texto me chamou

mais atenção, os haikais. Pouquíssimas palavras e tanto a dizer. Poemas super curtos que falam do cotidiano, sua relação com a natureza, da transitoriedade da vida, tudo com a maior simplicidade, com a possibilidade de reflexão sobre cada um.

Cito um de Matsuo Basho:

Quero ainda ver
nas flores no amanhecer
a face de um deus.

Tão curtinho e tão profundo.

Sobre literatura o srº nunca tinha me falado, mas também com a vida corrida e de muito trabalho por aí às vezes fica difícil ter tempo para se encontrar com a literatura, mas garanto que vale muito e por isso decidi escrever, para te mostrar um pouco sobre isso que conheci do lugar que hoje é o seu lar.

Acho que esse interesse e poder te contar essa descoberta acaba me levando para mais perto de você, e enquanto não consigo te visitar a leitura de textos e o aprendizado dos costumes e cultura do povo japonês ajudam porque a distância e a saudade são grandes.

Espero ter despertado em você a vontade de conhecer pelo menos um pouquinho essa parte da literatura daí, para quando eu chegar podermos conversar por horas sobre isso.

Da sua filha que te ama!

Kellen

O CONTO DO CORTADOR DE BAMBU

LILIANE K. ITO ISHIKAWA

São Paulo, 18 de julho de 2021.

Oi Papai,

Tudo bem com o senhor?

Surpreso com esta carta? Realmente, faz muito tempo que não te escrevo né?

Acho que a última vez que te escrevi foi quando vim para São Paulo fazer cursinho e tentar fazer uma faculdade, contrariando sua vontade..., mas eu sabia que no fundo você queria que eu lutasse para conseguir realizar meus sonhos e estava orgulhoso com a minha iniciativa (apesar de nunca ter dito isso).

Quis te escrever hoje porque li a história de O Cortador de Bambus (Taketori Monogatari) e me lembrei de que, quando eu era criança, por inúmeras vezes você lia em nihongô várias histórias e fábulas como o do Omosubi Kororin (O bolinho de arroz que rola) que eu adorava, o do Momotaro-san (O menino pêssego), e essa história, que vinha num lindo livro ilustrado. Eu achava a moça (Kaguyahime) triste, mas muito linda!

Confesso que sempre ficava intrigada com a história, porque não entendia porque ela tinha partido deixando todos tristes, inclusive seus pais adotivos. E é por isso que fazia com que lesse o livro várias e várias vezes.

Acredita que só agora, depois de algumas décadas, na aula de literatura japonesa, graças à minha sensei Lica, consegui compreender um pouco da história e resolvi compartilhar com

you as impressions que esta hist3ria me trouxe.

3 certo que a f3bula que voc3 lia era uma vers3o infantil, portanto, mais simplificada, e agora ousou confessar que quase nada entendia do que voc3 lia, mas gostava de te ouvir e, toda vez que voc3 contava a hist3ria, gostava de imaginar que algo diferente podia acontecer.

Agora, com a leitura de uma vers3o mais completa, vejo que a Princesa Kagura 3 realmente admir3vel. Ela nasceu em um broto de bambu, era t3o incrivelmente linda e radiante, que provocava a cobi3a de muitos homens. Ela n3o sentia a necessidade de um casamento para ser feliz, ao contr3rio de seus pais adotivos que se preocupavam pelo fato de ela n3o querer se casar e constituir uma fam3lia... ou seja, ela era uma mulher moderna, n3o achava que precisava ter um marido para ser feliz!

Ela fez pedidos praticamente imposs3veis aos seus pretendentes e cada vez que um aparecia dizendo que tinha conseguido obter o que havia sido pedido, se entristecia e quando descobria a falsidade, se iluminava de felicidade!

Somente com o pr3ncipe Mikado ela parece ter aprendido o significado do amor, e foi quando chegou o tempo de retornar ao Pa3s da Lua, que era a sua terra natal.

Ciente de que os pais adotivos ficariam infelizes com a sua partida, ela estava muito triste, chegando a chorar copiosamente. Um dia ela contou-lhes que veio do Pa3s da Lua, onde vivia seus verdadeiros pais e que para l3 teria que regressar,

mesmo contra a vontade.

Seus pais adotivos e o Mikado não queriam que ela partisse e, para tanto, montaram guarda no entorno da casa com vários soldados, trancafiaram-na num quarto, na tentativa de evitar a sua partida.

Contudo, todas as tentativas foram em vão, pois as portas e trancas se abriram com a chegada dos homens celestiais e a princesa partiu para o céu quando estes a cobriram com o vestido angelical, que fez com que esquecesse do seus pais, de Mikado, de sua vida terrena, enfim, de tudo que ela tinha vivido na Terra.

Esse detalhe também me fez pensar em você, papai! Você também nos deixou subitamente, sem que tivéssemos condições de evitar a sua partida. Será que na sua partida, também te colocaram um traje celestial que o fez esquecer da vida terrena e de nós?

Será que você está agora vivendo numa morada de luz, tendo retornado à família celestial e está feliz?

Acredito que sim. Mas por esta missiva, gostaria que soubesse que guardo muitas lembranças boas e espero realmente que esteja bem na sua atual morada, para onde sei que um dia também devo retornar.

Um saudoso, afetuoso e apertado abraço de sua filha que te ama demais!

Liliane

O CONTO DO CORTADOR DE BAMBU

LUCAS W. P. SILVA

São Paulo, 20 de julho de 2021

Caroline,

A distância momentânea que os dias da semana propõem para nós dois me causa não somente saudade, mas também uma mistura de sensações que, na verdade, seria difícil explicar como agem. Nos tempos em que vivemos, estarmos reclusos a ficar em casa sem a possibilidade de explorar não só a juventude, mas todos os lugares que prometemos ir quando tudo isso tiver fim é angustiante. Uma das sensações, então, certamente é a angústia. Mas nos mantermos firmes não somente no que sentimos em relação a tudo isso e à nossa promessa é essencial para passar por esse momento delicado. Uma das coisas que ocupam minha mente de ficar refém do noticiário e de toda raiva e revolta que esse país pode proporcionar com o governo é a leitura. Em específico, a leitura de uma obra que a Lica Sensei nos passou durante as aulas de literatura japonesa neste primeiro semestre do ano.

Trata-se da história do conto do cortador de bambus, ou 竹取物語 (Takatori monogatari) em japonês, que conta a história de um homem idoso, que não possuía filhos e que cortava bambus para sobreviver. Certo dia, ele encontra um talo de bambu brilhante e decide cortá-lo para saber o que havia dentro. Dentro do talo havia um bebê minúsculo, do tamanho de um polegar, e decide levá-lo para casa para cuidar do bebê junto com

sua esposa. A partir da chegada do bebê, que recebeu o nome de Kaguya, todos os talos que o senhor idoso cortava resultavam em montes de pepitas de ouro. Kaguya crescia todos os dias e, em pouco tempo, virou uma bela mulher, o que fez com que seus pais decidissem transformá-la em uma princesa, juntando todo o ouro que haviam retirado dos talos de bambu e indo para a capital para construir um castelo e começar a estabelecer conexões com os nobres do local.

A história é muito bonita e é uma das narrativas mais antigas da língua japonesa, então carrega simbolismos em todos os momentos, como na velocidade do crescimento de Kaguya (assim como o bambu cresce em ritmo muito acelerado) e, principalmente, sobre a memória. Kaguya, em determinado momento, sentia falta da vida antiga que levavam no campo e de seus amigos que lá ficaram. É necessário, agora, contar um spoiler do fim da obra. Kaguya se torna uma princesa, mas conta que na verdade veio da lua. Então, os moradores da lua descem à Terra para buscar Kaguya, que chora por não querer perder sua memória do que viveu na Terra.

A obra me ensinou, entre diversas outras coisas, sobre o valor das memórias e o valor do tempo. Kaguya tinha um tempo na Terra e havia juntado inúmeras memórias que se perderam ao retornar à Lua. E é exatamente isso que eu mais tento cultivar estando ao seu lado: o tempo e a memória. Tenho certeza que leremos juntos essa obra tão bonita.

Ainda temos todo o tempo que nos resta para aproveitar a

presença um do outro, mesmo que restrito ao fim de semana no momento, e para colecionar memórias estando juntos. Espero poder voltar logo para a nossa rotina de ir para a faculdade juntos e voltar para casa juntos, comentando sobre todos os nossos sonhos e desejos de conhecer o mundo, crescer juntos e depois relembrar do que vivemos nostalgicamente. Você é absolutamente tudo para mim e eu a amo incessantemente.

Com muitíssimo amor,

Lucas.

UMA QUESTÃO PESSOAL

Kenzaburo Ōe

MARCELA SAYURI NAKAGAWA LEITE

Tatuí, 9 de julho de 2021

João,

Sabe que eu nunca pensei que iria escrever uma carta em 2021. Com a pandemia e o isolamento social, todos os nossos contatos com as pessoas que queremos bem se limitam ao digital, né? Aliás, só te conheço pelo digital. E eu já deixei bem claro para você como sua amizade é uma das amizades mais incríveis que eu formei desde que iniciei a graduação e é até estranho pensar que provavelmente já cruzamos nos corredores da Letras alheios da existência um do outro.

Acabei vendo essa atividade da Lica sensei como uma possibilidade interessante em transformar a nossa amizade completamente digital em algo palpável pela primeira vez. Uma carta real, escrita com folhas reais, com caneta real e tinta real. Tornar empírico meu agradecimento por todas as vezes em que você me ajudou com 日本語 (nihongo), me deu suporte para eu não desistir. Você já deve ter visto que na caixa do correio também veio um livro. Esse, no caso, foi o primeiro livro de literatura japonesa que eu li.

Tudo começou porque eu havia notado esta falha em mim em nunca ter procurado ler algum livro de autor japonês. Claro que conhecia Haruki Murakami, Kazuo Ishiguro e Banana Yoshimoto, mas o que me chamou atenção para realmente iniciar meu percurso na literatura japonesa foi Kenzaburo Ōe. Me-

stre Ōe escreveu vários livros - e ainda escreve - e seu amado filho Yukari é tema de várias de suas obras. Deste livro que estou lhe dando, Uma questão pessoal, mestre Ōe recebeu o Nobel de Literatura em 1964 por relatar a história de um homem prestes a se tornar pai, mas descobre que seu bebê nasceu deficiente físico e intelectual. Assim como o protagonista do livro, o filho de Kenzaburo Ōe também nasceu deficiente intelectual. O protagonista, Bird, não se sente pronto para a paternidade nem para encarar as responsabilidades de um adulto e, narrado inteiramente em terceira pessoa, a história percorre os poucos dias entre o nascimento do bebê e o tempo que o bebê está no hospital. Fugindo de suas responsabilidades e se referindo ao bebê como "um monstro", no decorrer das páginas refletimos quem é o verdadeiro monstro de toda a história narrada. Aqui, todos os personagens são complexos, tentando lidar com os seus próprios medos e demônios. O protagonista possui vários sonhos que ele vê sendo frustrados pelo fato de que agora em diante terá que desempenhar o papel social de pai e, dividido entre o

egoísmo de seus desejos pessoais e o que deve ser feito, Bird é impiedoso em seus pensamentos diante de toda a tragédia pessoal que enfrenta.

Mas sabe por que te indico este livro? Você é uma das pessoas mais humanas que eu conheço. Sei que no lugar do protagonista você jamais teria o mesmo impulso de querer fugir da realidade, por mais dura que fosse. Talvez seja interessante

you enfrentara essa leitura tão densa com um protagonista tão diferente de você. Vocês possuem idades diferentes, nasceram em países diferentes e em épocas diferentes e têm como língua materna línguas diferentes. Mas acredite: Kenzaburo Ōe não ganhou o Nobel de Literatura à toa. Sua forma de conduzir a história é maestral, vulnerável, íntima e honesta. O desconforto causado ao leitor é como se estivéssemos o vendo desnudo em nossa frente. A humanidade descoberta de moralidade é sempre assustadora.

E caso você esteja se perguntando se a história é autobiográfica, confesso que também tive a mesma dúvida. Bom, não é. Ōe aborda a história de um protagonista que age em oposto ao que ele fez diante da situação tão delicada que aconteceu em sua vida. Ōe procura entender sua situação indo ao oposto, abordando as variantes do que teria acontecido se ele tivesse fugido.

Deixo em anexo uma foto de Kenzaburo Ōe com seu filho e esposa. Com uma breve pesquisa descobri que seu filho está ótimo, hoje um adulto de mais de cinquenta anos e que é músico, provando que com amor e apoio a gente chega longe. É inegável o amor de mestre Ōe, tão belamente transmitido em sua literatura sensível, existencialista e política.

Espero que esteja bem e com saúde. Quando finalmente nos conhecermos ao vivo, quero poder te agradecer pessoalmente por tudo. Será estranho e engraçado te ver de corpo inteiro, não só uma cabeça que flutua numa webcam. Se tem algo que a

pandemia me ensinou - e eu nunca havia valorizado antes - é o valor de um abraço.

Abraços, querido.

Marcela.



**KAPPA E O
LEVANTE
IMAGINÁRIO**

Ryunosuke Akutagawa

MARIA FLORA MARCANTONIO I DE ALVARENGA

Querida Marie,

Como está você? Espero que bem, apesar de tudo, neste momento em que lê esta carta. O tempo passa, estamos as duas um ano mais velhas, e estamos as duas agora quase há mais um ano em casa 24 horas por dia – algo impensável em 2019. Mas passar esse tempo trocando mensagens com você – sobre os momentos bons e os ruins – faz com que ele passe de forma mais prazerosa. Certamente trocamos alguma mensagem neste dia em que você tem esta carta em mãos – quem sabe até mesmo poucos momentos antes de recebê-la. Mas estou escrevendo em papel e caneta com a intenção de falar sobre algo bastante específico.

Este ano comprei alguns livros de literatura japonesa, entre eles um livro de contos de Ryuunosuke Akutagawa. Em todas as nossas conversas sobre literatura, não creio que cheguei a falar sobre nenhum desses contos, mas tenho os devorado um por um. Creio que você gostaria deles, do quase-surrealismo de alguns mais do que outros – sei que é o tipo de coisa que você gosta. Quando li Kappa, pensei em todas as nossas conversas sobre criação de mundos fantásticos na escrita, sobre como o que criamos pode revelar nossa própria visão de mundo – nossas limitações, o que para nós é inimaginável, o que nos é natural, o que acreditamos que deveria ser natural, nossas idiossincrasias. Se tivesse que recomendar um único conto para você, certamente seria Kappa.

Mas Kappa não é o conto sobre o qual quero falar. O conto em que minha mente resolveu se fixar neste momento é muito mais curto, muito mais simples, certamente menos fantasioso – poderia certamente ser uma história real. Chama-se Rashomon, em referência ao grande portal de entrada de Kyoto, a capital do Japão durante o período Heian, em que se passa a história. Não se preocupe – não será necessária uma aula de história antes que eu possa explicar o que me faz continuar a pensar neste conto dias após tê-lo lido; acredito que se trata de uma narrativa bastante universal.

O que você precisa saber é apenas isso: no período antes do início dessa história, Kyoto havia sido assolada por toda ordem de catástrofes. É o que explica como o protagonista, após ser demitido de seu emprego como servo de um nobre neste momento de decadência, se encontra procurando abrigo da chuva no portal de Rashomon. A região ao redor do portal era perigosa – salteadores e animais fizeram dele seu antro; corpos passaram a ser abandonados comumente por ali.

O servo passa a pensar no que pode fazer agora que está sem nada, e essa reflexão é interrompida quando ele descobre uma senhora miserável que vai ao portal arrancar os cabelos de um dos corpos para fazer uma peruca para si. Primeiro, o servo se enche de um sentimento de desejo por justiça – o que essa senhora está fazendo é terrível, e ele diz a si mesmo que nunca chegaria a este ponto, nem mesmo em sua miséria. Enquanto a senhora tenta explicar-se – a mulher de quem ela arranca os

cabelos agora também cometeu atos criminosos em vida, todos estão apenas tentando sobreviver, afinal, então não há problema – algo muda para o servo. Ele decide então, saquear a velha senhora, roubar todas as suas roupas e fugir, a deixando ao relento – ato que passa longe de suas fantasias originais sobre justiça.

Acredito que se trata, sobretudo, de um conto sobre o que a miséria faz com o ser humano. Não gosto de pensar que todos nós, no fundo, somos maus e procuramos apenas por uma desculpa para agir com nossos piores instintos. Não acho que somos maus, mas acredito que em busca de sobrevivência – um instinto que por si só não é mau – podemos sim cometer atos horrendos, que nos seriam impensáveis em nossos melhores momentos. Assim, não consigo deixar de pensar com compaixão tanto no servo quanto na velha, e em todos os outros que a velha menciona, todos apenas tentando sobreviver.

Imagino que você, Marie, teria suas próprias opiniões para compartilhar. Espero que um dia, em breve, possamos nos encontrar (sem temer por nossas vidas!) e que eu possa te emprestar esse livro de contos. Espero que tenhamos longas conversas em pessoa sobre as histórias.

Com carinho,
Flora.

Referências:

AKUTAGAWA, R. Kappa: e o levante imaginário. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

TRILHAS LONGÍNQUAS DE OKU

Matsuo Bashō

MATHEUS NAGAO

À minha amiga,

Há muito não nos falamos. Nos vimos pela última vez há seis, sete meses? Já perdi a noção do tempo. Nossas conversas estão todas embaralhadas na minha memória; coisas que discutimos há mais de cinco anos ressurgem mais vivas do que as das últimas vezes. Por isso, aliás, que escrevo esta carta. Poderia enviar um e-mail ou uma mensagem, mas escrevo porque acredito ser a forma mais adequada de transmitir minha ideia. Sei que compartilhamos esse apreço pelos objetos duráveis (se é que posso chamar isso de durável!); sei que você, até mais do que eu, está numa batalha constante contra o efêmero. Efêmero, por sinal, tem a ver com o assunto desta carta.

Recentemente, em uma aula de literatura japonesa, entrei em contato com Bashô. Lembro que lemos um ou outro poema dele nos tempos de escola, mas, à época, não senti nada. Acho que o ensino escolar, com sua forma inflexível de encaixotar autores e movimentos literários, esteriliza as oportunidades que tem de nos tornar mais sensíveis... Ou, talvez, só o que me faltava mesmo era experiência de vida. Pois lendo esse poeta agora, aos 25, é que pude perceber a beleza dos seus versos.

Reproduzo a seguir um dos poemas que li.

古池や

蛙飛こむ

水のをと

Velho lago

Mergulha a rã

Fragor d'água

Quando me deparei com esse poema (ou esse poema se deparou comigo?) foi como uma peça de quebra-cabeça se encaixando na outra; o click do interruptor que acende a lâmpada.

Sei que é arriscado trazer para você um poeta como Bashô. Sei que as suas preferências literárias talvez sejam o oposto disso... Lembro de você chegando na escola carregando seu caderno repleto de teses sobre grandes temas: histórias extensas sobre "amor", "vida", "morte" e o "efêmero". Para mim, essas eram ideias grandes e distantes demais e eu tentava fugir delas. Acho que somos bastante diferentes nesse sentido. Você buscando o universal, os grandes conceitos, as longas narrativas, as digressões. Eu preciso do específico, do detalhe, da síntese, e Bashô me mostrou uma nova forma de pensar tudo isso.

Estive lendo os registros de uma longa viagem que ele realizara próximo ao final da vida. Em seu *Trilhas longínquas de Oku*, que contém haicais e registros dos lugares e pessoas que conheceu, percebi em sua prosa como opera sua poesia: ela nos puxa sempre para o que não está ali. Há, na sua síntese máxima, uma porta para o infinito (como no conto de Borges em que

um ponto concentra todo o resto do universo).

Acho que a vida segue mais ou menos a mesma lógica. Há muito espaço em branco a ser preenchido e não são, necessariamente, os grandes movimentos que provocarão grandes mudanças, mas os poucos, porém precisos, gestos.

Espero poder vê-la quando tudo isso passar.

Do seu amigo,

M.

SONO

Haruki Murakami

MIRIAN M. SANTOS

Cotia, 19 de julho de 21

Caro amigo,

Espero que esta te encontre bem. Serei breve nas cordialidades, para que não se canse do propósito principal da carta de hoje: comunicar três notícias ruins e fazer uma recomendação de leitura. Pegue seus óculos. Bom, contei na carta anterior sobre a oficina de criação literária que frequento desde abril, voltada para crônicas. A primeira notícia ruim é que, de fato, não tenho talento para a escrita; a segunda, é que talento não existe; e a última, ruim para ti, é que continuo praticando. Segue minha primeira crônica:

Livros me tornaram narcótica...

Começou com rápidos cochilos na biblioteca, olhos pesados sobre poemas, bocejos com Homero. Depois, se agravou tanto, que deixei de comprar livros físicos; não o teria feito só pelos olhares de reprovação na livraria, mas é que evoluíram para queixas com o gerente: “tem uma mocinha dormindo ali no canto”, “juro que ouvi um ronco!”, “eu tomaria cuidado com alguém deitado perto da prateleira...”. Se nem mesmo eu entendia, como poderia julgá-los? De qualquer forma, era melhor não acumular mais minhas prateleiras; a poeira de livros não lidos piora minha ansiedade e rinite. Em certo ponto, resistia apenas

a dispositivos eletrônicos de leitura, pois folhetins já me deixavam sonolenta, e caía em profundos cochilos com versões impressas de romances; temia enciclopédias.

Porém, num dia nublado e de pouca motivação, essa sonolência foi perturbada.

Era uma quinta-feira, e eu já não poderia adiar mais nenhuma leitura da faculdade. Encontrei um conto, organizei minha mesa e enviei o arquivo PDF para o Kindle. Coloquei alguns sons ambientes para tocar no celular, e “abri o livro”. Não dormi.

O conto Sono de Haruki Murakami, publicado individualmente em 2015, traz uma protagonista, não nomeada, em meio a 17 dias sem dormir, ou sentir sono. Privação essa que começou após um evento “sobrenatural”. A história remete à rotina diurna da mulher, como esposa e mãe, concomitante à nova rotina noturna que a personagem desenvolve – sem que o marido e o filho percebam; ainda, remete ao psicológico da protagonista, e narradora – ou seja, são reveladas suas memórias e sentimentos.

Sem sono e sem qualquer efeito colateral físico, a protagonista se lança numa jornada de (re)descobrimento, que envolve o cultivo de hábitos anteriores ao casamento e à maternidade, a autorreflexão, e a observação de, dentre outras coisas, como é percebida pelos que estão ao seu redor.

Durante a leitura do conto, permaneci ansiosa e angustiada.

Acredito que esses sentimentos derivam do “realismo fantástico” da história. Nas outras obras que li de Haruki Murakami, os elementos surreais eram passíveis de aceitação. No entanto, em Sono, a protagonista não dormir, e não sentir falta de tal, parece ser um fato propositalmente incômodo.

A própria protagonista reconhece a estranheza da situação, mas decide ignorá-la – deixando de contar para alguém e de procurar ajuda médica. Conforme avançava na narrativa, pensei que faria o mesmo no lugar da protagonista; nem cogitaria como patológico, algo que me (re)lembrou de existir. Patológico é ser condicionada à perda de identidade. As possíveis consequências da privação de sono, não eram equiparáveis ao quanto sua vida se expandiu desde que deixou de dormir.

Ainda, sobre a real patologia no conto, o prognóstico da perda de identidade é ainda mais tocante. Senti a melancolia da personagem em não caber mais na rotina que levava, ou numa sociedade que, mesmo mudando rapidamente, ainda não seria receptiva à mulher.

Enquanto os outros personagens dormiam profundamente, a mulher existia para si – mas eles podiam dormir com a vida que tinham, ao passo que a mulher precisaria se arriscar, sacrificando algo vital para conseguir uma vida semelhante à dos outros dois.

Não dormi. Li o conto do início ao fim, e até agora não dormi. Seria definitivo? Não... há coisas nas entrelinhas da ausência,

ou do excesso, de sono que 17 noites em claro jamais poderiam resolver, quiçá o tempo de leitura de um conto. Ainda assim, não dormi.

Amigo, é isso que tinha para hoje. Sei que vai procurar a recomendação de leitura antes de ler minha crônica, então: Leia Sono, de Haruki Murakami.

Ps.: Indico a edição ilustrada por Kat Menschik, traduzida por Lica Hashimoto

Um abraço apertado,
Mirian.

KYOTO

YASUNARI KAWABATA

MONIQUE MOSSO

川端康成

São Paulo, 22 de junho de 2020.

Michele,

Você é minha irmã e nós moramos juntas – moramos juntas até mesmo antes de nascer –, então você deve estar se perguntando o motivo de eu estar escrevendo esta carta justamente para você. Por mais que sejamos gêmeas e você consiga terminar metade das frases que eu digo, sinto que em algumas coisas nós somos muito diferentes. Por exemplo, na leitura. Não consigo te imaginar lendo um haicai – seja por vontade própria ou amarrada numa cadeira –; porém, como somos irmãs gêmeas, e, talvez por estranhar que não compartilhem algo, eu sinto essa necessidade compulsória de te contar sobre o que ocupa os meus pensamentos, então se prepare.

Sempre me frustra que não goste de coisas tão distantes da nossa realidade, pois elas para mim são as coisas mais fantásticas. Seja de um mundo distante geograficamente ou temporalmente, o estranho me é agradável. Nisso, irei te contar brevemente sobre um livro que comecei a ler e que você à primeira vista fugiria. Ele se chama *Kyoto*, de Yasunari Kawabata, um escritor japonês célebre – ele foi o primeiro a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura no Japão. Aposto que não sabia disso. *Kyoto* é uma cidade japonesa também famosa e muito bonita, mas receio que não seja o tipo de beleza que você aprecia; é uma cidade que já foi capital do Japão há muitos anos, cheia de tem-

plos budistas, santuários xintoístas e outras construções clássicas como palácios. Como você não é uma entusiasta da cultura japonesa como eu, deve estar bocejando agora e pensando se o livro é algum tipo de guia turístico de Kyoto. Você está metade certa, o livro sempre cita aqui e ali os templos famosos, os diversos festivais tradicionais que acontecem ao longo do ano e mesmo nome de montanhas que rodeiam a cidade. Mas a coincidência dentro do enredo foi interessante, e é sobre isso o que eu quero te contar. A trama gira em torno de duas irmãs gêmeas idênticas separadas quando bebês, uma delas, Chieko, foi adotada por uma família de nível social maior, enquanto a outra, Naeko, ficou com os pais biológicos e cresceu sozinha após ambos morrerem cedo, tendo que trabalhar para viver. Elas acabam se encontrando, mas a diferença social entre ambas ainda é uma barreira, então, de certa forma, elas continuam separadas. Triste, não? Você deve pensar: “e o que mais?”, ao que eu não tenho muito o que dizer, já que a história basicamente é sobre isso. Mas interrompa seu bocejo, eu espero te persuadir com os detalhes.

Concordo que esse começo de trama parece triste, e realmente é, porém, com o avançar da história, esse começo trágico é diluído pelo manso presente em que elas reatam seus laços e um relacionamento muito sutil e doce se forma, mesmo que suas diferenças as puxem para lados diferentes. Esses pequenos gestos entre ambas, como quando Naeko protege Chieko da chuva na floresta com seu próprio corpo, assumindo que a outra

seja mais frágil por ser mais delicada, agindo como a irmã mais velha e protetora mesmo que ambas tenham a mesma idade, me fez lembrar de nós duas. Chieko também toma sua vez como a protetora ao mandar vestes para a irmã e se preocupando com a sua realidade mais dura, mostrando ambas sempre tentando estar um passo à frente de qualquer dor que possam causar uma à outra. Nós não somos assim? Mesmo com dezoito minutos de diferença você assume ser a irmã mais velha, vive se gabando por isso, mas esse detalhe não me impede de tentar te proteger também. Lendo esse livro eu pude reviver sentimentos tão sutis sobre nós duas que estavam naturalizados – amizade, proteção, irmandade, empatia –, por isso quis te contar e tentar, mesmo que com fracasso, te fazer saber que esse livro existe.

Ele também me despertou pensamentos sobre outras coisas que eu já assumia como inconscientes e que eu não prestava muita atenção além da nossa relação: a natureza. Isso é outra coisa que você não liga muito, mas durante a pandemia você deve ter percebido que eu comecei a passar muito tempo no jardim, não é? Até mesmo aceitou a minha sugestão de se deitar ao sol e sentir o calor e a brisa te tocarem, de só apreciar a vista. Os estímulos constantes da natureza aparecem a todo momento no livro, nos deixando alertas a algo internalizado e que a vida moderna nos tirou. Nos sentimos bem em contato com a natureza, mas por quê? Consegue descrever e sentir conscientemente? Quando foi a última vez que você saiu de casa só para ir ver os patos nadarem no lago da praça? Ou então, quan-

do foi a última vez que você se perguntou se sabia o nome das flores que habitam o jardim de casa? Já parou para pensar na sutileza das cores, do que os cheiros te fazem lembrar ou sobre como cada época do ano te faz sentir? Tudo isso é dito no livro e me fez abrir os olhos para as sensações esquecidas e tudo que tomo como garantido. Quem sabe não agora, mas com o passar do tempo você releia esta carta e ache que faz algum sentido. Se isso acontecer eu ficarei satisfeita. Talvez esse seja o meu gesto de proteção como sua irmã, de tentar te avisar que você está perdendo a vista da viagem.

Da sua irmã que quer que você tenha a melhor viagem de todas, com amor,

Monique.

NIKKI

Izumi Shikibu

NATALIE FUZII

São Paulo, 19 de Julho de 2021

Querido Rouxinol,

Se você soubesse que tanto tempo toma de minha imaginação talvez pensaria em mim com maior frequência - se isso lá for possível. Você sabe muito bem que sou uma mulher tradicional e romântica, por isso lhe escrevo essa singela carta sobre algumas impressões que vieram em minha fértil imaginação após entrar em contato com algumas leituras e aspectos da Cultura Japonesa.

Estou lendo o diário de Izumi Shikibu, sabia que diário em japonês leva nome "nikki", bonitinho, né? Pois bem, neste diário cartas poéticas de amor são confidenciais entre Izumi e seu amor. Mas não é nada delirante ou de caráter emocionado - sei que você não gosta muito disso (e nem eu). Essas cartas poéticas nos contam sobre um singelo amor, que se constrói a conta gotas - parece familiar?

Você sabe que nós dois jamais deixamos nos levar pela intensidade da paixão, tudo é regrado, lento e sublime. Singular. Minha forma de amar é oriental. Eu te amo, te dou espaço, te observo por que te respeito como uma pessoa que me inspira a acreditar e valorizar meu ímpeto. Assim como aquele casal fofo de idosos japoneses, Haruhei e Kinuko, do documentário da Netflix que falei para você assistir. A gente não fala muito sobre aquele amor avermelhado e pulsante que existe aqui den-

tro. Mas fazemos companhia um para o outro quando estamos e quando não estamos juntos fisicamente.

Tendo isso em mente, vou deixar um poema que o amante de Izumi escreveu para ela. Este poema me trouxe uma sensação muito doce, mas também me trouxe melancolia. É tão difícil desfrutar de um amor tão delicioso, porém também é difícil viver numa aparente escuridão de uma comunicação que nos torne real.

É tão difícil assim abrir a porteira?

Autumn is here

And though you think It is just your sleeves That grow moldy with
tears Mine too have grown moldy
Do not think yourself The vanishing dew.

Think instead

Of the long-blooming Chrysanthemum flower.

It is not the melancholy cry Of geese above the clouds, But the call of
your heart To which your ears tuned

There is another

With thoughts like mine
Who is gazing toward the sky

Of the morning moon

To you I went

Believing only you

Were gazing at the moon like me, Even though we were apart

Yet here I am this morning

Having returned home

not knowing

you were awake

Oh, why was that gate so hard to open!

(*Lover*, *The Izumi Shikibu nikki*)

Acredito que te deixarei com mais perguntas que respostas.

Se cuide bem,

Cordialmente,

Natalie Fuzii

BECK:
MONGOLIAN
CHOP SQUAD
Harold Sakuishi

NATAN M. S. OLIVEIRA

São Paulo, 25 de Julho de 2021

Olá Allan!!

Tudo bem com você? Espero que sim. Estava aqui pensando e faz tempo que a gente não se vê né? Preciso voltar para São José logo, mas está difícil arrumar algum tempo livre para viajar de novo. Enfim, fiquei sabendo pela mamãe que você se formou no técnico, que legal! Espero que tenha aproveitado bastante o curso, principalmente ter feito boas amizades. Lembrei de quando eu fiz meu curso técnico há 6 anos e foi uma experiência incrível, ainda mais pelas pessoas que conheci nesse trajeto. E sabe de uma coisa? Nesta mesma época, eu li o meu mangá favorito. Você sabe que sempre fui muito de assistir desenhos, tanto que você pegou o mesmo gosto por desenhos, mas 6 anos atrás, eu parei pra ler pela primeira vez um mangá, foi meu primeiro contato com algum tipo de literatura japonesa.

Irônico porque ambos sabemos onde isso vai levar né. O mangá se chama Beck: Mongolian Chop Squad. É um nome esquisito, eu sei, mas eventualmente pode fazer algum sentido (acho). Ele conta a história de um garoto de 15 anos (se bem que você fez 16 agora né?), chamado Yukio Tanaka, mas todo mundo o chama de Koyuki. Ele decide um dia aprender a tocar violão e guitarra e, por conta disso, ele começa a fazer amizades e juntos formam uma banda. Parece bobo de simples né? Meio

que toda banda surgiu assim. Mas acho que esse não é o foco, pelo menos pra mim.

Eu quero muito que leia caso tenha a oportunidade, porque ele fala muito sobre amizades, amores e principalmente decisões da vida. Você já deve saber o quão cedo temos que fazer nossas escolhas e o quanto somos pressionados nisso. Eu mesmo tive de sair de um curso que não me identifiquei por ter feito essa escolha muito cedo e sem muita maturidade. É uma situação bem ruim, mas espero que esse mangá te ajude nisso, assim como me ajudou, principalmente em reconhecer boas amizades. E saiba que estarei sempre aqui para o que precisar, seu irmão aqui já passou por muita coisa também e talvez eu possa ser a voz da experiência em algumas coisas...mas só talvez =P.

Falando nisso, eu tive uma aula esses dias, na faculdade, sobre um autor japonês chamado Natsume Sôseki, e ele escreveu uma obra chamada Yume Jûya, que pode ser traduzida como 10 Noites de Sonho. E nessa aula eu lembrei de um sonho que tive, onde estava ouvindo uma música, mas não sabia qual era ela. Fiquei o dia inteiro com aquela música na cabeça e nada de lembrar dela. Até que uma hora decidi tentar escrever esse sonho, era parte da atividade do dia até, da proposta e tudo mais e aí no meio da escrita...lembrei da música. Cara, que sensação boa. E o mais legal, é que Beck tem uma questão entre os personagens e os sonhos que eles acabam tendo um dia antes de

um show importante e eu fico pensando se isso, de sonhar e a importância do sonho, não pode ser algo que queremos contar no futuro, como uma marca que queremos deixar. Espero que sempre tenhamos bons sonhos né maninho?

Enfim, vou indo aqui porque tenho que resolver mais algumas coisas, afinal desde que virei professor, nunca mais reclamo dos meus da faculdade! Espero que tenha uma boa noite, um bom fim de ano e manda um beijo pro papai, pra mamãe e pro Liam, espero que nosso maninho também esteja indo bem na escola (e deixe ele longe dos meus Pokémons!!)

Um grande abraço do seu irmãozão,
Natan Oliveira.

CRÔNICAS DO JAPÃO

RAFAEL S. FERREIRA

São Paulo, 15 de julho de 2021.

Querido Gabriel,

Como está? e a Nath? Você deve estar se perguntando o porquê de eu estar mandando uma carta e, bom, é simples na verdade, estava pensando e já nos comunicamos através de todas as plataformas possíveis, face, whats, twitter, tiktok, dentre tantas outras, mas uma coisa que nunca fizemos (e francamente nunca achei que fossemos fazer) foi uma troca de cartas!! Então, pensei, por que não, né verdade kkkk, mas sem mais delongas vamos ao que interessa!!

Você foi a pessoa que me incentivou a começar a ler mangás, e isso mudou minha vida de diversas formas! Tanto a encontrar um novo amor pela mídia escrita, como também inundar o meu mundo com diversas histórias e personagens que eu provavelmente nunca teria conhecido, se não fosse por você. Agora quero retribuir esse grande incentivo que você fez e te incentivar a ler, não mangás, mas sim, sobre a mitologia japonesa. Sei que você é um grande fã de mitologia em geral e das histórias, da cultura e do folclore japonês, visto sua tatuagem de um chōchin-obake (que é irada !! e logo menos vou fazer um também para acompanhar meu karashishi hehehe). Então por que não juntar todos esses gostos em uma leitura só?!?! O livro que quero te recomendar é o Nihonshoki (Crônicas do Japão)!!!

As crônicas contidas nessa coleção de tomos são a segunda fonte mais importante sobre a mitologia japonesa!

Nos primeiros dois tomos, é contada a criação do mundo e a origem dos deuses, os demais contam as histórias do 1º imperador, o lendário Jin'mu, até a 41ª imperatriz Jitô.

O que eu acho mais interessante desse tipo de leitura é que começamos a ver e entender de onde vieram vários nomes e referências das mídias que nós consumimos hoje em dia. Não só mangás, como em Naruto, que quando vi pela primeira vez não fazia ideias que os ataques principais do clã uchiha eram nomeados depois dos deuses Izanaki-no-Mikoto, Izanami-no-Mikoto e de três de seus filhos, também deuses, Tsukuyomi-no-Mikoto, Sussanoo-no-Mikoto e Amaterasu-Oomikami. Os ataques também têm relação com a sua respectiva divindade, Amaterasu, por exemplo, que são chamadas tão quentes quanto o sol e que não podem ser extinguidas, tem tudo a ver com a deusa que o nome se refere Amaterasu-Oomikami que é a deusa do sol. Mas também podemos começar a perceber a referência em mídias ocidentais, como nos quadrinhos do Sandman (que se você não leu ainda fica aqui também a recomendação) que tem referência a diversas mitologias incluindo a japonesa.

Então fica aqui minha recomendação dos dois primeiros tomos, e o melhor de tudo eles podem ser lidos gratuitamente! O projeto literatura livre do Sesc disponibiliza o livro com os dois primeiros tomos traduzidos em seu site, uma curiosidade legal é que eles foram traduzidos por uma sensei minha do curso de

japonês. Depois te envio o link!

Espero ouvir de você em breve contando sobre o que achou do livro. Mas até lá continuaremos nossas discussões e teorias sobre os capítulos dos mangás semanais. Falando nisso você leu o último de one piece?? O arco de Onigashima está ficando insano!! (Inclusive esse arco está lotado de referências a lenda de Momotarō, mas esse é um assunto para uma próxima carta hehehehe.)

Enfim, estou morrendo de saudade e espero te ver em breve.

Um forte abraço,
Rafael Ferreira

RASHOMON

Ryūnosuke Akutagawa

RENAN HAMAGUCHI MOTA

São Paulo, 18 de julho de 2021.

Querido leitor,

Neste dia de tempo agradável com um sol e céu límpido, eu escrevo sobre uma bela história que li, essa história acontece ao entardecer e sob uma névoa. Depois de ler o dilema do servo, pensei que os grandes dilemas da vida acontecem quando grandes mudanças ocorrem ou estão para ocorrer, esse processo de tomada de decisão deveria ser o mais racional possível, mas a questão é como ser racional no meio de um mar de pensamentos, sentimentos e experiências vividas?

Em *Rashômon*, o texto tem como personagem principal o servo que tinha uma vida com obrigações e responsabilidades, mas após a queda de Quioto e sua demissão, a falta perspectiva apresentada no cenário onde ele se encontrava o deixou em situação difícil e sem uma resposta sobre como dar sequência a sua vida, por isso estava vagando em frente ao um portal onde os corpos são deixados; assim, quando ele entra no portal com o pensamento sobre o quê fazer para sobreviver à situação em que se encontrava e achar uma solução para a sua situação. Conforme o servo passa pelos corpos, ele encontra uma senhora que está roubando o cabelo de um corpo e, após questioná-la, ele decide o que fazer para resolver a sua situação.

O pensamento sobre os atos de moralidade, em uma cultura, é muitas vezes baseado em religião ou no medo de sermos

julgados pelos outros, mas, no caso do servo, ele já estava entre mortos assim como sua cidade, por isso o receio de ser julgado pelos outros não influenciou em sua decisão de ser ladrão. Afinal, sua vida já estava invisível aos olhos de quem passava, de modo que sua existência não era mais notada. E como a cidade estava abandonada, ela não trazia mais o elemento de julgamento dos outros.

A questão do abandono da cidade como consequência de epidemia, desastres naturais e, certamente, uma considerável má gestão, acaba por retirar as pessoas do lugar e, assim, essa falta de perspectiva sobre o futuro podem causar muitos efeitos negativos nos que ficam na cidade por quaisquer motivos e, também, nos que abandonam a sua terra por necessidade de sobrevivência.

Se pensarmos na crise imigratória que hoje é um problema mundial, mas que, muitas vezes, é resolvido como um problema local, não é um problema recente, pois, infelizmente, ainda ocorre. Então, na realidade, os países ou as cidades precisam de soluções para mitigar os fatores que geram a crise imigratória para que a sua incidência diminua e quem sabe termine um dia.

O servo, ao entrar no local onde as pessoas abandonam os corpos que não serão reclamados, representa bem o quanto a sua existência estava invisível sem o seu ofício e sustento, de modo que ele, ainda vivo, não tinha alguém que fosse reclamar por ele.

Esse abandono em vida é no mínimo triste e, após a leitura

do conto, me trouxe a reflexão de se isso seria comum e se o momento de distanciamento social causou alguma piora nesse abandono.

A senhora que está roubando os cabelos tenta justificar o porquê de seu ato contando como era a vida do corpo, mas isso não seria justificável, porque também não cabia a senhora o poder de julgamento. Nesse sentido, tanto a senhora como o servo são produtos do lugar onde estavam e cada um ao seu modo tentou justificar seus atos com base em seus próprios julgamentos e vivência.

Renan Hamaguchi Mota

O CONTO DO CORTADOR DE BAMBU

RENAN SOUZA

São Paulo, 15 de Julho de 2021.

Minha amada,

É fato que possuímos inúmeras formas diferentes e mais eficazes de comunicação, entretanto, recorro à uma carta, por ser a melhor forma de expressar a melancolia que sinto quando penso na saudade que sinto de você. Já faz tanto tempo que não te vejo por conta da pandemia, e a falta de esperança no futuro, somada à incerteza de que te verei em breve, me entristecem demasiadamente.

Bem, como em momentos passados, busquei refúgio para minha dor na literatura, e esse é o principal motivo de eu estar te escrevendo. Afinal, sei que você também tem bastante apego às obras literárias, principalmente contos – não é à toa que decidiu seguir o caminho das letras orientais assim como eu, não é mesmo? Durante esse período, dei de cara com alguns bem interessantes, uns tristes, outros felizes, outros intrigantes, e até mesmo alguns de certa forma engraçados. Dentro de todos esses, o que mais me chamou atenção foi a História do Cortador de Bambus (no original, Taketori Monogatari), que conta a história da Princesa Kaguya. Por isso, venho recomendar a leitura deste conto – sobretudo, a tradução de Antônio Nojiri.

Em todos os momentos de minha leitura, você me veio à mente, e hoje percebo que você é a minha Princesa Kaguya. Assim como os pais de Kaguya reconheceram ela como um

presente dos deuses para eles, eu a imagino com um presente dos deuses para mim, afinal, essa é a única explicação possível para eu ter uma pessoa tão querida quanto você na minha vida. Eu buscaria por todos os quatro presentes que Kaguya-hime requisitou aos príncipes, eu lutaria sozinho contra o exército da Lua, tudo pra poder te reencontrar novamente. No momento em que ler, entenderás o quão grande e belo é o que eu sinto por você.

E como está indo a faculdade? Conseguiu fazer todos aqueles trabalhos que tinha me dito outro dia? Espero que tudo esteja ocorrendo como o planejado e você consiga passar tranquilamente por esse fim de semestre.

Também espero que esteja comendo bem, se hidratando e cuidando de si mesma nesse momento tão difícil. Saiba que pode contar comigo para literalmente qualquer coisa. Voltarei às minhas leituras enquanto aguardo ansiosamente pela sua resposta. Assim como contarei cada segundo para o nosso reencontro, para que possamos discutir sobre outros contos pessoalmente. Espero que até logo, minha Princesa Kaguya.

Com todo amor do mundo,
Renan.

OUÇA A CANÇÃO DO VENTO

Haruki Murakami

SARA B. R. SOUZA

São Paulo, 07/07/2020

Querida amiga,

Como você está? Espero que bem, na medida do possível devido à situação caótica em que nós, e toda a humanidade, estamos. Resolvi lhe escrever essa carta pois alguns dias atrás, numa manhã relativamente quente para essa época do ano, enquanto estava imóvel como uma planta no quintal de casa tentando captar um pouco de vitamina D, fui acometida por um sentimento nostálgico.

Uma brisa suave bateu no meu rosto enquanto a música alta do vizinho tocava, advinha qual? “Califórnia Girls” da Katy Perry; a música que ouvimos até enjoar naquelas férias de verão, quando fomos passar uma semana em Caraguatatuba na casa dos seus avós, você se lembra?

Tínhamos quatorze anos e sonhávamos em ser escritoras famosas com best sellers dignos de sair no The New York Times. Você continua escrevendo contos? Nunca mais vi uma postagem no seu blog literário... Confesso que faz muito tempo que não escrevo e essa falta de prática me levou ao medo de não escrever algo bom. Isso, porém, não me aflige mais.

Terminei ontem de noite uma novela do Haruki Murakami, chamada “Ouça a canção do vento”, primeira história que o Murakami escreveu e nossa... Foi tão bom ler uma história boa porém notavelmente de um escritor inexperiente. Eu sei

que você já leu 1Q84 e amou, assim como eu que até hoje tenho medo do povo pequenino. Acho que você vai gostar de ler essa história, aproveitando o momento de quarentena e talvez te inspire a voltar a escrever assim como me inspirou. Não vamos escrever um romance tipo "1Q84" na primeira tentativa e está tudo bem, assim como é mencionado em "ouça a canção do vento": nenhum texto é perfeito.

Manda um beijo pra sua mãe e fala que estou com saudades da bala de coco dela, quem sabe se no próximo verão poderemos estar na praia comemorando seu

aniversário de vinte e um anos. Tá ficando velha em? Hahaha.

Estou com muitas saudades, um beijo e queijo, com amor,
Sara B.

P.s: achei o cd que peguei emprestado com a música "Califórnia Girls", da próxima vez que nos encontrarmos eu levo, juro que não vou esquecer de novo.

DEZ NOITES DE SONHOS

Natsume Soseki

TAYNÁ YOKO HATORI

São Paulo, 04 de julho de 2021

E aí, Hiroki, genki?

Passou a temporada de chuva? Enquanto por aí no Japão começa a ficar quentinho, por aqui, no Brasil, o tempo começou a dar uma esfriada. Nesse semestre, você sabe, estou tendo aula de Literatura Japonesa e, em uma dessas aulas, nós vimos sobre o autor Natsume Soseki. Automaticamente lembrei de quando nós conversamos sobre 「こころ」¹. Não tem jeito, o cara além de bonitão era muito incrível mesmo, né? Gosto muito dele.

Aproveitando esse friozinho de São Paulo e o trabalhinho da disciplina, peguei para ler a obra 「夢十夜」² dele. São aqueles contos – ou melhor, sonhos – que a gente lê tudo em uma sentada só, sabe? Assim, logo que terminei, pensei em te escrever e indicar essa leitura, porque, nossa, que viagem! Vale muito a pena.

「こんな夢を見た。」³ com essa frase, que aparece nos primeiros contos, o autor nos informa, logo de cara, que o que será lido trata-se apenas de projeções do inconsciente humano. Mas, será mesmo? Muitos desses sonhos me pareceram ser passíveis da realidade (e, na verdade, há muito da história japonesa refletida nas narrativas – mas, isso é spoiler da aula). Principalmente a história que leva o nome de 「第二夜」⁴, que me chamou mais a atenção.

Esse conto se passa pelo ponto de vista de um samurai que busca o 悟り⁵, e você sabe como eu gosto de estudar e aprender sobre o budismo. Senti que o guerreiro deste conto, de início, nos aparenta ser um homem um tanto prepotente, mas, no final, sinto que pude compreendê-lo. Obviamente, não me alongarei muito sobre a narrativa para não estragar a sua leitura, porém gostaria de compartilhar com você este trecho, veja:

無だ、無だと舌の根で念じた。

/ Rezava convicto: "O nada... O nada..."

無だというのにやっぱり線香の香（におい）がした。

/ Mas, mesmo repetindo "o nada", ainda sentia o cheiro do incenso.

何だ線香の癖に。

/ Incenso desgraçado!

[...]

けれども〔膝が〕痛い。

/ (As juntas do joelho) continuavam a latejar.

無は中々出て来ない。

/ O nada não saía.

出て来ると思ふとすぐ痛くなる。

/ Assim que pensava que conseguiria, começava a logo latejar.

腹が立つ。

/ Enfureci-me. desapontado.

無念になる。

/ Desapontado.

非常に口惜しくなる。

/ Fiquei terrivelmente humilhado.

涙がぼろぼろ出る。

/ Lágrimas caíram silenciosas.

Afinal, quem nunca se sentiu dessa forma? Me identifiquei muito com essa parte! Não sei se por conta da pandemia e dos quase dois anos de isolamento social/ vivência virtual, ando me sentindo desse mesmo jeitinho: necessidades e vontades não tão alcançáveis e muitas responsabilidades para cumprir em pouco tempo. Isto é, mesmo que a gente estabeleça, às vezes, não dá tempo de cumprir todas as metas. No entanto, isso não acontece porque não somos capazes, mas porque talvez não seja a hora certa ou porque nos falta ainda um pouco de experiência. Ora, até mesmo um samurai pode apresentar dificuldades e inseguranças. Nós somos humanos. A vida está aí para ser vivida, não é? Não vamos nos desanimar, bem como o samurai não desanimou, pensou eu. Tentemos ser positivos e tentemos também acalmar as nossas mentes.

Tratam-se de sonhos, então é claro que os contos podem nos apresentar uma ordem bagunçada ou trazer confusão, mas o universo que o Natsume-sensei nos leva é muito cativante e faz muito sentido quando paramos para analisar. Então, logo que terminei, fiquei um tanto reflexiva e com aquele gostinho

de quero mais. E, lógico, também com muitas, muitas, saudades do Japão.

Sei que você gostará da leitura.

Espero que goste e me chama para conversar depois que você lerrrr.

Um abração e se cuida!

Tayná Yoko Hatori Neto

Notas:

1. 心 /kokoro/ - "Coração", romance escrito pelo autor Natsume Sōseki.
2. 夢十夜 / yumejūya/ - "Dez noites de sonho".
3. こんな夢を見た /konna yume o mita/ frase que pode ser traduzida como "eu tive este sonho".
4. 第二夜 /dainiya/ - "segunda noite".
5. 悟り /satori/ - termo budista que designa a iluminação ou expansão da consciência.
6. /mu da, mu da to shita no ne de nenjita/mu da to iu noni yappari senkō no nioi ga shita/nan da senkō no kuse ni/keredomo (hiza ga) itai/ mu wa nakanaka detekonai/ detekuru to omou to sugu itakunaru/ hara ga tatsu/ munen ni naru/hijō ni kuchioshikunaru/ namida ga poroporo deru/.

O CONTO DO CORTADOR DE BAMBU

VERONICA MEI

São Paulo, 10 de Julho de 2021

Querida Yumi,

Pensei em inúmeras maneiras de começar esta carta, com diversas justificativas para qual estou lhe direcionando as palavras que está prestes a ler, e foi então que percebi que mesmo nos falando todos os dias através dos nossos rápidos e práticos aplicativos de troca de mensagens e conheça cada detalhe de sua rotina, não sei o que você sente, seus sentimentos foram mascarados pelos caracteres de um mensagem, pelo seu sorriso intocável presente na minha tela ou pelo som de sua risada que ouço nos áudios que me manda. Por isso quis compartilhar um pouco daquilo guardado em mim e que raramente exponho.

Com o confinamento causado pela pandemia, minha mente foi infestada de pensamentos que nunca haviam se manifestado. Nesses 16 meses de isolamento aconteceram muitas coisas, como você deve se recordar, finalmente pus um fim à jornada de 3 anos que construí com aquela pessoa. Além disso, nunca estive tão próxima de minha família, sua companhia me acalma e me traz acalento para poder seguir com as tarefas antes simples e banais, que se metamorfosearam em verdadeiros monstros.

Foquei nestes dois tópicos, pois queria trazer aqui algo que venho pensando muito ultimamente depois de ler o conto "Cortador de bambus" e assistir ao filme baseado nesta obra, "O Conto

da Princesa Kaguya". Ao entrar em contato com ambos formatos da mesma criação, encontrei-me em um estado de reflexão, observar como o cortador de bambus e sua esposa acolheram aquele ser como um milagre para suas vidas e o amor com que a menina os retribuiu me tocou. Não irei entrar em muitos detalhes aqui para não ter o risco de estragar sua experiência de leitura com um spoiler não requisitado! Mas saiba que, ao meu ver, este conto está regado de amor parental, incluindo o sentimento equivocadamente de alguns pais, ou daqueles que nos criaram, em achar que sabem o que é melhor para seus filhos. E estou ciente que isto que falo é do ponto de vista de alguém com uma criação muito diferente da sua, por isso estou curiosa e ansiosa por uma resposta sua após a leitura do conto, ou até mesmo depois de assistir ao filme (que, aliás, está no catálogo da Netflix!).

Além de tudo isso, também refleti muito sobre o amor romântico. Através de demonstrações rasas de afeto originadas de um desejo supérfluo de ter a companhia de alguém agradável aos olhos presentes na história, fora impossível impedir que um caminho fosse traçado pela minha mente levando meus devaneios, intensificados pelo isolamento, até o quatinho que guarda tudo que há de romance em mim. Até o momento, cheguei a volátil conclusão de que não quero me ver dependente dele, do amor romântico, e de como o amor que sinto pela minha família sempre ocupará o primeiro lugar em meu pódio emocional, acompanhando logo após, o amor dedicado aos meus amigos, sendo a fusão entre os dois últimos a razão pela

qual me mantive sã nesses tempos difíceis. E ao conversar com alguns outros amigos meus, sinto que as opiniões diferem muito neste quesito, então gostaria de ter a perspectiva de alguém como você, que nutre um relacionamento saudável por anos com sua namorada.

Deixo nesta carta meus pensamentos e com eles minha eterna saudades. Espero que logo possamos nos encontrar como fazíamos todo mês! E peço com todo meu coração que tome cuidado, mesmo com a vacina devemos ser cautelosos.

Beijos e abraços,

Verônica

TERRA MORTA

Ryūnosuke Akutagawa

WILLIAM LORETE SILVA

Querida irmã,

Espero que esta carta lhe encontre bem e com saúde. Há quanto tempo não nos falamos, não? Sei bem que nossas vidas estão tomando rumos diferentes agora e não nos vemos tão frequentemente quanto antes. A saudade me martela o peito quando me lembro de quando a rotina conjunta nos era algo familiar. Eram tão felizes aquelas manhãs em que dividimos sorrisos entre os intervalos das aulas, em que nos aprazia apenas sentar ao lado um do outro. Me vem à memória tantas coisas boas quando me lembro de ti, que se as fosse escrever aqui provavelmente as folhas deste texto não caberiam no envelope. Mas gostaria de te lembrar de apenas um desses momentos, este que pelo simples fato da menção da palavra único você provavelmente já deve estar adivinhando. É este mesmo: o dia em que você me deu um dos mais lindos presentes que ganhei na vida, a pena vermelha. Ela está sempre aqui comigo, espiando de cima da prateleira cheia de livros. Talvez você não saiba, mas esse tão singelo ato seu me inspira até hoje. Esta pequena pena de escrever carrega em si um enorme significado, ela carrega toda a nossa infinita amizade. Desde aquele dia eu penso que enquanto houver alguém que acredite no poder na minha escrita, eu continuarei a acreditar também.

Estou lhe escrevendo então, para retribuir um pouco deste amor em forma de carta. Li recentemente um livro de contos de um escritor japonês chamado Ryûnosuke Akutagawa e ten-

ho certeza que você aproveitará muito também essa leitura. Infelizmente a sua história não é a das mais felizes, já que ele se suicidou devido a sua vida muito conturbada desde cedo, quando o pai o enviou para morar com os tios depois da mãe ter seu estado psicológico fragilizado por uma depressão pós parto. Akutagawa cresceu e fez seu caminho na cena literária, se tornando um dos principais escritores da literatura japonesa moderna.

Tenho certeza que você vai gostar deste conjunto de contos pois neles Akutagawa através dos seus enredos vai trazer reflexões e visões interessantes sobre religião, sociedade e o ser humano, desenvolvendo essas temáticas num estilo tão único que é quase como se estivéssemos ali de pé, dentro do conto, assistindo ao desenrolar dos fatos. A mescla entre a cultura oriental com a ocidental é visível em seus escritos, talvez dada a sua própria biografia.

Mas de todas estas narrativas, tenho certeza que a que mais vai lhe intrigar é o conto Terra Morta. Neste conto vários discípulos estão reunidos à beira do leito de morte de seu querido mestre, um grande poeta, proeminente na arte haiku. Ali naquele quarto, o narrador vai percorrer os pensamentos das personagens, penetrando além das aparências daquela cena de tristeza e pesar, enquanto todos se despedem do querido mestre. Ali o escritor vai trazer à tona várias questões acerca do subconsciente humano e sobre a morte. Você, como aluna de psicologia, vai se deliciar com essa história, envolvendo-se na

engenhosa escrita de Akutagawa.

Sei que é um pouco mórbido falar de morte depois de expressar as minhas tão sinceras saudades de ti, mas sei também que essa recomendação lhe mostrará o quanto conheço de ti e aprecio esta sua incrível personalidade curiosa e artística de bailarina e pesquisadora. Espero poder ouvir pessoalmente em breve as suas impressões e pensamentos

após a leitura deste livro enquanto dividimos uma familiar garrafa de Merlot.

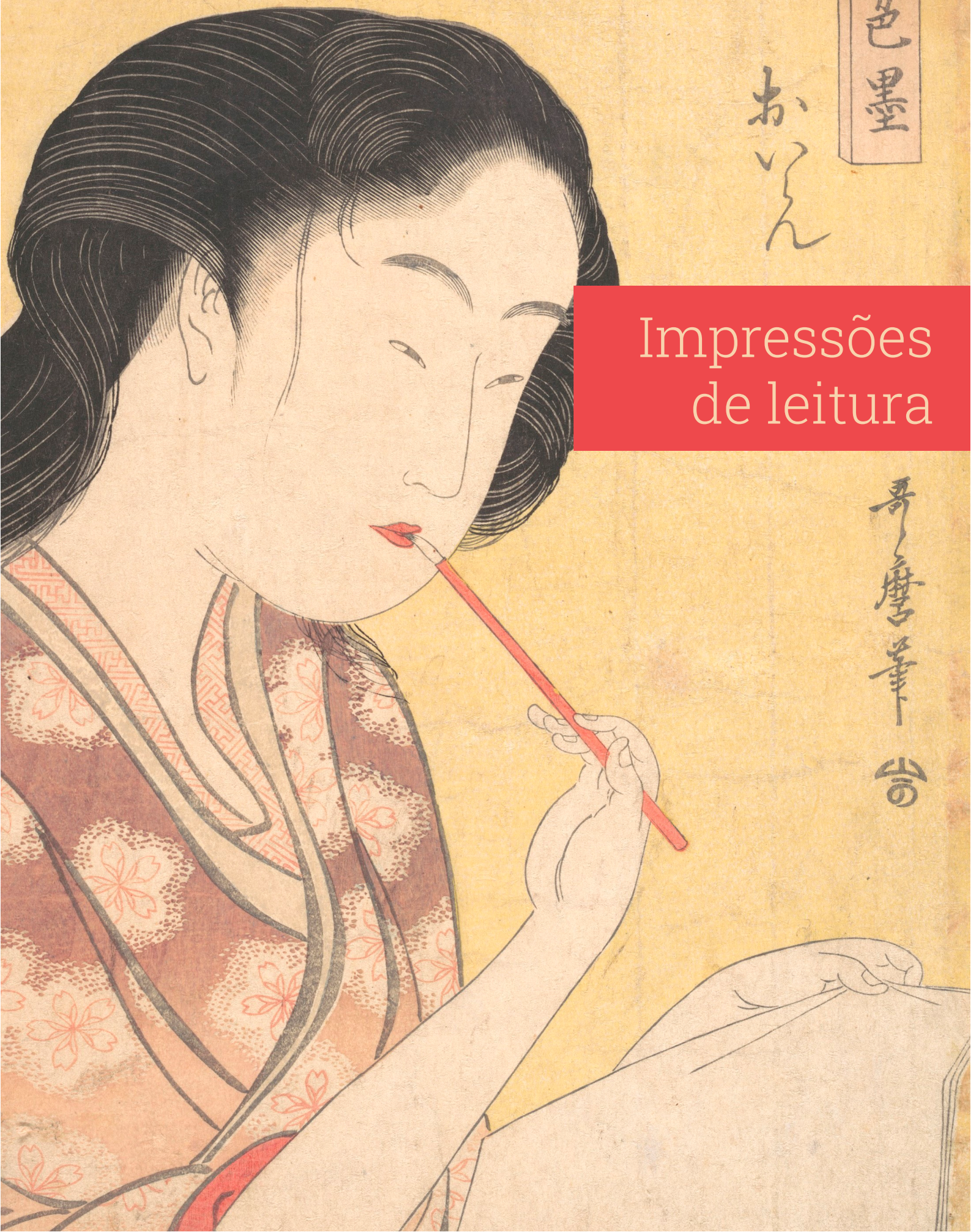
Com muito carinho,
Seu irmãozinho.

國五色墨

おん

Impressões
de leitura

舟橋和郎
の



**O GRANDE
ESPELHO DO
AMOR ENTRE
HOMENS**

Ihara Saikaku

ALCEU ROCHA PERDIGÃO ALVES

Ihara Saikaku (1642-1693). Foi ao pesquisar este nome, apressadamente, para uma disciplina da faculdade, que me deparei com uma obra inesperada datada de 1687, início do período Edo conhecida como “O grande espelho do amor entre homens”, título original Nanshoku Ôkagami (男色大鏡). Tive que reler o título e a descrição da obra algumas vezes para processar a informação diante de meus olhos. Tratava-se, de fato, de um livro de contos homoafetivos. Bem, para quem não tem, com frequência, a chance de se ver refletido nas artes, um grande espelho é uma oferta difícil de recusar. Tomei nota do título e autor, decidido a ler assim que pudesse, e, novamente, a faculdade me ofereceu a desculpa perfeita: estas impressões de leitura.

Foi certamente uma aventura, com seus altos e baixos. A abertura do livro não é um conto, mas uma defesa, quase filosófica, da superioridade das relações entre homens àquelas entre homens e mulheres. Essa perspectiva, que toma a questão como um debate intelectual, embora muito estranha à moderna, tem certo charme, mas os argumentos são um tanto chocantes. Saikaku escolhe, inicialmente, argumentar pelo lado do “menos pior” em vez do “melhor”, e o faz sem nenhuma cerimônia. A intenção talvez seja cômica, eu certamente ri do trecho “Deitar-se rejeitado por uma cortesã ou passar a noite conversando com um ator kabuki com hemorroidas?”, a implicação é que em nenhum dos casos seria possível uma relação amorosa naquela noite, mas, ao menos com o rapaz, haveria o prazer da conversa. No entanto, esse exemplo é dos mais leves; sem querer cometer o

crime do anacronismo, o tom das comparações dificilmente não soará machista ao leitor moderno. Vale notar, como faz o tradutor Paul Schalow em sua introdução, que essa retórica é parte da construção da obra e não reflete as reais visões do autor; ele se coloca quase como um sacerdote em defesa do amor de que fala sua obra. Não deixou, para mim, de ser um ponto incômodo, algumas vezes fechei o livro me perguntando “qual foi a necessidade disso?”, mas, felizmente, há contos em que essa retórica não se faz presente.

Os contos são repletos de cenários naturais lindamente descritos: o som do vento, o correr das águas, o canto dos pássaros e a tranquilidade dos bosques, distantes das grandes cidades. Suas personagens integram esse mundo natural em comparações entre a beleza e pureza da juventude e o desabrochar das flores, mais belos ainda por sua transitória fragilidade. O amor é, muitas vezes, caso de vida ou morte, tratado em sua máxima intensidade.

Meus contos preferidos são os que deixam um pouco de lado essa grandiosidade, e capturam, também nos pequenos gestos, a essência das relações humanas. No quarto conto da primeira seção – o livro é organizado em oito seções compostas de cinco contos cada –, o jovem samurai, Jinnosuke, é cortejado pelo, alguns anos mais velho, Gonkurô, que se encanta pela beleza do rapaz. Ao receber suas afeições, por meio de uma carta, trazida por seu escudeiro, Jinnosuke, tocado pelos sentimentos do mais

velho, envia sua resposta fazendo juras de amor a ele. Dois anos depois, o jovem começa a receber insistentes cartas de amor de outro samurai, Ihei, que lhe envia um ultimato; ou responde favoravelmente, ou deve duelar com ele até a morte. Desejoso de aceitar o duelo, como manda sua honra, ele vai a Gonkurô contar-lhe a situação, mas este sugere que tente apaziguar os ânimos de Ihei, dizendo-lhe o que gostaria de ouvir. Irado pela falta de coragem de seu amante em lutar por seu amor, Jinnosuke volta para casa para se preparar para o duelo. Aceitando que poderia morrer naquela noite, ele escreve uma carta ao namorado, despejando todas as mágoas acumuladas nos dois anos que passaram juntos. O momento é tenso, mas traz uma leveza cômica, ao retratar nesse cenário, uma típica discussão de relacionamento: Jinnosuke reclama de todas as 327 vezes em que Gonkurô não o acompanhou a sua casa, após passarem a noite juntos; de quando, no dia 20 de novembro do ano passado, foi preocupado à casa dele, apenas para encontrá-lo na companhia de outra pessoa; do dia 18 de maio, quando o amante desconfiou dele, enciumado, por encontrá-lo conversando com amigos em sua casa; e por assim vai. Enviada a carta, ele parte para o duelo, mas, antes que seu oponente apareça, Gonkurô vai ao seu encontro, aos prantos, se desculpar e os dois, é claro, triunfam sobre o pretendente e seus companheiros, que logo aparecem para lutar. Após esse episódio, os dois planejam cometer suicídio, já que a relação seria exposta e considerada vergonho-

sa. No entanto, são impedidos pelo senhor local, que concede a ambos o perdão incondicional. São contos como este, que, para mim, fazem o livro valer a pena. Pondo em cena momentos genuínos de relações amorosas e evitando os finais trágicos, que, em tempos mais recentes, se tornaram comuns nas poucas histórias que apresentam relações homoafetivas.

Pessoalmente, gostaria que os contos fossem um pouco mais longos, de modo a poder desenvolver com mais detalhes os relacionamentos. No entanto, mesmo que breves, pude encontrar várias histórias interessantes, e até tocantes. Como é de se esperar, um grande espelho revela muitas coisas que nem sempre são belas, mas, para quem observar essa imagem com atenção, há de encontrar algo que vale a pena descobrir.

Referências bibliográficas:

Ihara Saikaku, *The Great Mirror Of Male Love* (Schalow, P. G. trad.). Stanford: Stanford University press, 1990.

SPORT
ニクスの恋

MINHA QUERIDA SPUTNIK

Haruki Murakami

AMANDA MENEZES DE SOUZA

村上春樹

Foi no ano de 2013 que, de relance, conheci aquele que viria a se tornar o meu escritor favorito. Em um passeio ao shopping com a minha mãe, a capa de cores vibrantes de “1Q84”, do Haruki Murakami, na vitrine de uma livraria, me chamou a atenção. Guardei o seu nome na memória e, depois de ler algumas de suas várias obras, em 2019 enfim adquiri a minha cópia de “Minha querida Sputnik”.

A sinopse, que entregava a paixão avassaladora de Sumire por outra mulher, me intrigou desde o início. Isso porque eu nunca tinha lido um romance do Murakami que falasse de sentimentos românticos com maior profundidade, e porque queria descobrir, também, suas impressões sobre o amor entre duas mulheres e como o abordaria na obra. Pensei que deveria lê-la imediatamente, e, de fato, assim o fiz.

A narração de K., pela qual a história é inteiramente contada, me prendeu de tal maneira que devorei o livro em menos de três dias. Ainda hoje, costumo tirá-lo de minha estante de vez em quando para folhear novamente algumas de minhas passagens favoritas, ou mesmo lê-lo inteiro, como tantas vezes já fiz.

Com toda a certeza, há muitos elementos nesse livro que fazem dele (ao menos em minha concepção) excelente. A composição de Sumire, desde seu nome às suas tendências maníaco-depressivas e à sua relação conturbada com a literatura, é inteiramente cativante, e considerar que toda a sua descrição acontece de acordo com os olhos de seu melhor amigo parece

tornar a experiência de conhecê-la ainda mais sensível e inspiradora. Com a belíssima paisagem grega como pano de fundo, acompanhei de perto o amor não correspondido de K. por Sumire, vesti com ela meias de pares invertidos, ouvi os mesmos discos e assisti aos mesmos filmes clássicos que eles e li cada uma das cartas de Sumire como se fossem as minhas próprias.

Mas preciso admitir, apesar de tudo, que não foram as aventuras atrapalhadas de Sumire e sua inclinação ao ato literário nem o gosto musical apuradíssimo de K. e sua fluidez em conduzir a narração que mais me marcaram. “Minha querida Sputnik” é um livro que fala, essencialmente, sobre perdas abruptas; não aquelas necessariamente físicas, mas também as emocionais ou mesmo espirituais.

Murakami nos fala sobre o gato de estimação que Sumire perdeu quando criança, sobre a experiência (e em volta de que acontece o livro) de K. em perder Sumire e a perda do eu íntimo de Miu.

“No passado, eu estava viva, e estou viva agora, sentada aqui, conversando com você. Mas o que você está vendo não sou eu realmente. É apenas a sombra do que fui. Você está realmente viva. Mas eu não. Até mesmo estas palavras que digo agora me soam vazias, como um eco.”

(p. 176)

Acredito que esse sentimento de desconexão com a realidade e com o eu íntimo, além de ser um elemento quase fundamental em grande parte da vasta obra literária de Murakami, é

também algo muito recorrente no mundo real. Não se trata somente de uma sensação melancólica passageira, mas de um problema de identificação que muitas vezes leva o indivíduo a um estado de inércia, em que não consegue desvendar o seu papel individual no ambiente em que ocupa e tampouco descobrir a si mesmo.

De alguma maneira, em algum lugar, o eu deixa de ser eu e perde-se no meio de tantas experiências e lembranças. Sentindo uma espécie de vazio existencial, pessoalmente, às vezes sinto que não estou realmente aqui, apesar de viva e respirando. É como se todos os dias fossem vividos de maneira mecânica. Não sei dizer o que ou quem sou e mesmo as minhas memórias de ontem parecem dispersas e inconsistentes, como se em um período de apenas vinte e quatro horas eu tivesse, de novo, mudado, me tornado outra coisa ou outro alguém que não sei dizer exatamente o que ou quem é. Apesar de toda a inconstância do que (talvez) sou, nunca chego a lugar algum. Apenas ao nada. E isso porque deixei que, em algum momento de minha vida, levassem uma parte de mim. Não sei dizer quando nem por quê, mas aconteceu e não a encontro em lugar algum.

“Cada um de nós tem um quê especial que só podemos usufruir em um momento especial da nossa vida. Como uma pequena chama. Alguns poucos afortunados cuidam dessa chama, alimentam-na, segurando-na como uma tocha para iluminar seu caminho. Mas, uma vez apagada, nunca mais se acende. O que eu tinha perdido não tinha sido

somente Sumire. Eu tinha perdido essa chama preciosa.” (p. 194)

Quando Miu encontrou outra versão de si mesma em seu apartamento, através da janela da cabine da roda-gigante, o que sentiu desprender de seu corpo não foi apenas a capacidade de usufruir do desejo carnal, mas uma parte tão grande de si mesma que ela nunca se sentiu completa outra vez. Sensação parecida acometeu K. ao perder, junto com Sumire, a chama delicada em seu peito que nunca voltou a acender.

No fim das contas, acho que K. está certo. Cada um de nós tem algo de especial que não podemos, em circunstância alguma, deixar morrer. Algo que é tão especial que às vezes nem pode ser recuperado, por mais que se tente muito. E uma vez que se esvai, deixa marcas permanentes – sejam elas internas ou externas, como o cabelo embranquecido de Miu.

Mas é preciso continuar tentando. Porque a vida acontece, e ela não para. Nem espera por ninguém.

E o vazio se acumula dentro do peito.

“De modo que é assim que vivemos as nossas vidas. Não importa quão profunda e fatal seja a perda, o quão importante fosse o que nos roubaram – que foi arrebatado de nossas mãos –, mesmo que mudemos completamente, com somente a camada externa de pele igual à de antes, continuamos a representar as nossas vidas dessa maneira, em silêncio. Aproximamo-nos cada vez mais do fim da dimensão do tempo que nos foi estipulado, dando-lhe adeus enquanto vai minguando. Repetindo, quase sempre habilmente, as proezas sem fim do dia-a-dia. Deixando

para trás uma sensação de vazio imensurável." (p. 226)

Referências Bibliográficas

MURAKAMI, Haruki. Minha querida Sputnik. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2008. 229 p.

KAPPA E O LEVANTE IMAGINÁRIO

Ryunosuke Akutagawa

AMANDA TIEMI

A pandemia, o distanciamento social, o isolamento... já duraram pouco mais de um ano. A mente está cansada e o corpo desanimado. Prevalece essa falta de força de vontade. E cada dia é mais difícil se levantar e se erguer da cama após abrir os olhos. Uma nova manhã poderia significar um recomeço, coisas boas viriam... eu pensava. Mas nada parecia mudar, os casos continuavam aumentando, o número de leitos diminuindo e mais famílias perdendo seus entes queridos. Meus pensamentos orbitavam em torno dessas preocupações, e eu me perguntava: "quando isso vai acabar?". É ainda mais difícil lidar com a saudade do toque, do abraço de meus amigos para aliviar essa agonia em meu peito. Assim, só encontrei conforto no meu único companheiro restante, na ponta da cabeceira: Kappa e o Levante Imaginário, de Ryunosuke Akutagawa.

O livro reúne vários contos do autor japonês, publicados entre 1915 e 1927, alguns eram ainda inéditos no Brasil. Chama a atenção que, apesar de conter muitos elementos da sociedade e cultura japonesa, essas narrativas breves também abordam temas humanos e universais. Graças à sensibilidade do autor, elas conseguem tocar nós leitores. Uma história, em especial, tornou-se minha preferida: "As Laranjas (1919)". Ela é um depoimento de uma experiência vivida pelo próprio Akutagawa.

A narrativa começa em um dia nebuloso dentro do vagão de um trem de segunda classe com o percurso de Yokosuka até a capital. O narrador-protagonista encontrava-se em um

estado de espírito repleto de fadiga, não tendo ânimo sequer para ler o jornal vespertino. Ele chega a associar o seu enfiado a um céu escuro toldado por nuvens carregadas de neve, tamanha a sombra projetada em sua mente. Pouco antes de o trem partir, uma menina com seus treze ou catorze anos entrou no vagão afobada. Ela parecia ser uma “autêntica provinciana” pelo seu modo de vestir. Tanto o desleixo com as roupas quanto a ignorância da garota em relação às classes do trem (visto que ela carregava um bilhete de terceira classe, mas entrou no vagão de segunda classe) deixaram o protagonista irritado. De modo que ele resolveu acender um cigarro e se distrair com o jornal para esquecer a presença da pequena. No entanto, isso não foi possível, pois durante a viagem, ela sentara ao seu lado para tentar abrir a janela. Com muito custo, a vidraça cedeu aos seus esforços. Assim que a janela abriu, uma fumaça invadiu o vagão, já que o trem estava passando pelo túnel. Isso fez com que o narrador sufocasse, mas a menina não estava nem um pouco preocupada com ele.

Logo, a janela emitia uma claridade; ar fresco afluía para dentro; e a paisagem das montanhas podia ser vista do lado de fora. Nessa passagem, existia uma cidade empobrecida e, atrás da chancela, havia três meninos alinhados. Quando o trem estava passando, o grupo de garotos ergueu as mãos enquanto gritavam; neste momento, a menina correspondeu aos acenos e atirou laranjas aos meninos, ou melhor, elas “caíram do céu

como chuva sobre os meninos, que tinham vindo dar adeus à menina no trem”. Essa foi uma cena que gravou na alma do personagem e que o trouxe uma sensação de alegria: “Nesse momento eu consegui, pela primeira vez, me esquecer ao menos um pouco da fadiga e do enfado indescritíveis que sentia, e também desta vida humana, destituída de sentido, vulgar e tediosa”.

Em um único fôlego, terminei de ler o conto. Apesar da leitura ter sido rápida, ela me impactou de uma forma que conversou com meus sentimentos, me fez refletir profundamente. Em nossa jornada, conforme crescemos, nos deparamos com a dureza da vida, que muitas vezes deixa um amargor na nossa alma, obscurece nossa mente. Mas há esses pequenos momentos inesperados que nos trazem um novo olhar, como se clareasse os pensamentos e abrisse espaço para sentirmos e desfrutarmos o sentimento de felicidade. Comecei a pensar que talvez o nosso cotidiano é como uma caixinha de surpresas, repleta de oportunidades para enxergamos a beleza da vida. Se formos atentos, conseguimos capturar esse momento e gravamos na alma, assim como Akutagawa. Espero que esse acúmulo de pequenos prazeres dia a dia nos preencha e nos dê forças para aproveitar a vida, mesmo quando o mundo parece estar contra nós ou quando temos aqueles dias ruins.

São Bernardo do Campo, 15 de julho de 2021.

Referência

AKUTAGAWA, Ryunosuke. As Laranjas (1919). In: _____.
Kappa e o Levante Imaginário. São Paulo: Estação Liberdade,
2010. p. 266-272.

DEZ NOITES DE SONHOS

Natsume Soseki

ANA BEATRIZ ROCHA

Em uma noite fria de começo de julho, aconchegada debaixo de cobertas macias e felpudas, resolvi, com as mãos incrivelmente geladas, ler o conto “Dez noites de sonho” (Yumejûya, no original) do romancista japonês Natsume Sôseki, por interesse e deleite próprio.

Minha primeira impressão foi a de que me depararia com dez narrativas curtas ambientadas em cenários e situações incomuns e oníricas, porém, fui surpreendida com tamanha estranheza nas histórias, e confesso que, por conta disto, demorei algum tempo para compreender o que lia.

Quando pensamos em sonhos, geralmente imaginamos cenários utópicos com histórias “normais” e que fazem sentido, por isso toda aquela estranheza foi um choque para mim, pois não conseguia sequer compreender determinados trechos e sequências de acontecimentos, faltava lógica. Todavia, se pensarmos nos próprios sonhos que temos, é fato que, enquanto estamos no sonho, tudo faz completo sentido, mas, quando acordamos e tentamos nos recordar sobre o que sonhamos, muitas vezes percebemos que nada, na verdade, faz sentido algum. Sonhos não têm “lógica”, os diálogos não têm sentido e a sequência de eventos segue de forma aleatória.

Natsume Sôseki conseguiu passar com extrema perfeição esse aspecto de estranheza do mundo dos sonhos neste conto. Quando finalmente me dei conta destas características, pude

realizar a leitura com outros olhos, e o fato de a grande maioria das situações narradas não fazerem o menor sentido, fez todo o sentido para mim, pois os sonhos são exatamente assim.

Em vários momentos durante a leitura me peguei refletindo sobre alguns sonhos que tive ao longo dos meus anos e que me marcaram, ou por terem sido muito reais, ou por terem sido extremamente estranhos. Eu sempre tenho sonhos estranhos. Tive a impressão de que alguns dos sonhos ali narrados poderiam facilmente terem sido sonhados por mim.

Mas não só de narrativas “estranhas” é composto o conto. Há, também, narrativas que, por mais que eu – o leitor – saiba que se trata de cenários e acontecimentos oníricos, parecem extremamente reais e verossimilhantes. Acredito que Sôseki quis incluir nesta coletânea de sonhos não somente os desprovidos de lógica, mas também aqueles que parecem tão reais que às vezes acordamos com o coração acelerado, ou então, ficamos com aquela sensação de aperto no peito durante um longo tempo mesmo depois de acordados, às vezes é tão real que passamos dias pensando nele.

Há também pesadelos, daqueles sinistros e misteriosos que nos fazem sentir calafrios na espinha e a sensação de querer acordar o mais rápido possível.

E há os sonhos tristes. Aquele tipo de sonho que você nem espera que seja triste, é até agradável, e então se desenrola num

rumo descontrolado e imprevisível e termina numa situação de partir o coração, ou de pura tristeza. Às vezes é tão triste que inevitavelmente nos desatamos a chorar no sonho, e acordamos com lágrimas reais molhando nossos rostos e travesseiros.

Todos esses tipos de sonhos, eu já experienciei. Incontáveis vezes. E talvez por me identificar tanto, ou somente por terem sido descritos com tamanho apego à realidade dos sonhos humanos, que até os dias de hoje nem mesmo o mais inteligente dos cientistas consegue explicar como e o porquê de eles acontecerem, mas o fato é que ao me permitir sonhar acordada experimentei a sensação singular de mergulhar na leitura das dez noites de sonho de uma posição privilegiada.

SONO

Haruki Murakami

ANDRESSA MORAES

Já havia me questionado anteriormente como seria a minha vida se nunca mais dormisse. A quantidade de coisas que daria para fazer em um único dia seria exorbitante. Eu teria a capacidade de finalmente viver uma vida equilibrada entre lazer e obrigações. Foi essa premissa que me interessou na leitura de *Sono*, de Haruki Murakami. No entanto, o que idealizamos nem sempre é o que acontece.

O livro inicia com a protagonista anunciando que faz dezessete dias que não dorme. Antes disso, levava uma vida normal, casada com um dentista com o qual tinha um filho. Sua rotina era definida, e ela se desdobrava para cumprir todos os afazeres de casa.

Seus dias eram basicamente voltados para o papel de esposa e mãe. No entanto, após ter um pesadelo vívido, ela se torna incapaz de dormir. Assim, sua vida toma um rumo diferente. Ela passa a utilizar esse tempo estendido para fazer o que quiser, como ler e reler livros de seu interesse, coisa que não fazia mais após o casamento. Ao contrário do esperado, ela passa a ter uma vida mais ativa e nunca é tomada pelo cansaço. Os seus hobbies são mais recorrentes, como a prática de natação, que de 30 minutos diários passa a durar até duas horas.

Tudo parecia ir muito bem: de dia cumpria seu dever como esposa e mãe, mas à noite fazia o que bem quisesse. Até que

essa capacidade extraordinária de nunca mais dormir começou a afetar seus pensamentos, fazendo-a questionar a sua relação com o marido e com o filho, chegando a refletir sobre a vida e a morte. Portanto, com o decorrer da narrativa, algo que a possibilitava ser livre torna-se objeto de perturbação. O livro termina com um final enigmático, que gera uma angústia em relação ao destino da protagonista.

Essa história me levou a pensar sobre a mecanicidade da vida, que decorre de uma rotina fechada e do cumprimento de deveres. Me fez refletir se eu também não levo a vida no automático, deixando de lado as experiências que antes me faziam bem para me focar no quanto estou sendo produtiva. Na pandemia, a preocupação pela produtividade tornou-se pior, ocasionando uma rotina completamente voltada para um rendimento excessivo.

No entanto, esse livro me fez recuperar um dos hábitos que havia deixado de lado, que é justamente o prazer pela leitura. Após essa experiência, percebi que não adianta levar a vida buscando uma produtividade inalcançável, mas necessitamos também de um tempo para nós mesmos, praticando atividades que nos deixe livre de nossas próprias inquietações.

São Paulo, 29 de junho de 2021

Referência bibliográfica:

MURAKAMI, Haruki. Sono. Tradução de Lica Hashimoto. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.



SÉTIMA NOITE, DEZ NOITES DE SONHOS

Natsume Soseki

BIANCA AYA MUTO

“Dez Noites de Sonho” reúne dez narrativas independentes entre si, cada uma ambientada em um sonho diferente, porém ao ler a obra em um fôlego só tive uma experiência intensa, mas muito interessante. Creio que essa é a magia da atmosfera onírica, há essa névoa que borra espaço e tempo, assim como os elementos que existem neles. Uma noite em específico me chamou a atenção e me deixou, por falta de palavras mais precisas, muito mexida. É sobre ela que quero falar, a Sétima Noite.

Devo dizer que quando lemos pelo prazer de ler, nossas experiências conversam com as mensagens contidas nas palavras e, vamos combinar, é uma troca linda. Claro que é impossível afirmar se as nossas reflexões, cruas após a leitura, são as mesmas que o autor desejava provocar, mas ao menos a viagem pode ser dada como proveitosa. Ao ler a narrativa, com certeza senti parte de mim em meio às ondas e isso me incomodou. O incômodo foi bom, pois estava em um momento em que parar e me questionar sobre a vida era muito necessário.

O sonho da sétima noite se inicia em um navio desconhecido navegando em ondas também desconhecidas. Apesar de sentir a agonia gerada pela incerteza e barulhos, enquanto lia o primeiro parágrafo tive a impressão de que seria um sonho mais tranquilo, porém vi que estava errada no momento em que li essa passagem: “O sol indo para o oeste, seu limite é o oeste? [...] Vidas sobre as ondas... Recostadas no leme... Escor-

rendo... Escorrendo..." (p. 104). Senti uma espécie de náusea e por certo não fora provocada pelo balanço representado por palavras, e sim por perceber que estava lendo sobre a vida. Minhas suspeitas se confirmaram ao final da narrativa. Entretanto, em uma narrativa, assim como na vida em si, o que vem antes do último ponto final é muito importante e talvez tenha sido esse percurso que me fez ver o quão miserável estava me sentindo.

Se passarmos os olhos sem muito cuidado, os parágrafos seguintes continuam da mesma forma, o tédio do protagonista, sem nada nem ninguém que o interessasse, somado a incerteza do destino, o leva à uma tristeza passível de conformidade, pois o narrador pensa inúmeras vezes em se jogar ao mar, mas parece que ainda deseja buscar mais motivos, talvez não uns que valem a pena e sim um grande o suficiente para o fazer desistir. Pensei muito no tédio desgraçado que é viver e nessa sensação de ter caído em um barco sem rumo que posso chamar de minha vida. Não escolhi nascer, mas sinto que

também não escolhi viver ainda. Assim como o narrador, não consigo ver meu destino, me projetar em um futuro e nem entendo muito bem o processo e as pessoas que passam. Pensar sobre a vida se assemelharia ao medo do mar? Eu teria medo de viver assim como tenho medo do mar?

Creio que a insegurança e a impossibilidade de enxergar a terra firme seja um dos maiores problemas no conto e na vida,

porém é também uma das maiores ilusões, afinal, há muito no navio e há muito no presente. Entretanto, se nos distanciarmos do que temos no momento, deixamos de enxergar o que está em nossas mãos. Senti um pouco disso no narrador. Ele não conseguia ver beleza em absolutamente mais nada e flerta com a ideia da morte. Não vê que há pessoas no mesmo barco, tristes, felizes, com interesses, conhecimentos e personalidade. Contudo, o entendo. Entendo não conseguir me sentir feliz por nada nesse mundo. Entendo a constante vontade de ir. O narrador percebeu tarde demais que há coisas no barco que valem a pena, ou que ao menos parecem melhores que a escuridão sufocante que talvez seja esse não existir. Ler o conto me fez querer ficar no navio e descobrir os pequenos tesouros que fazem do meu navio tão especial, mais especial do que uma promessa de terra firme em um futuro distante.

Depois de noites em claro chorando na proa do barco, depois de ver alguém amado ir para o hospital e não voltar, depois de sentir o calor de abraços, ouvir o som de risadas e também sentir a falta que fazem, bom, talvez esteja entendendo um pouco do que é viver e, diferentemente do narrador, estou tentando apreciar mais as coisas que me aparecem, pois entendi como lição. Ainda não sei para onde eu vou, mas sei que quero continuar indo. Não quero mais afastar pessoas sendo intencionalmente detestável só porque me sinto vulnerável demais em situações

sociais. Não quero economizar sorrisos nem “obrigadas” para ver que foi tarde demais. Eu quero me sentir vulnerável sendo quem sou, eu quero viver uma vida sem muitos arrependimentos, eu quero apreciar de tudo um pouco e eu quero continuar nesse navio, porque enquanto estiver sobre as ondas, sei que irei para algum lugar e que devo fazer por mim.

Precisei de um conto e de um protagonista ao mar para colocar para fora todas as tempestades dentro de mim. Ler essa narrativa foi uma verdadeira viagem para o íntimo e foi parte de um processo ainda em andamento de me sentir em paz com a vida. Às vezes precisamos desse tipo de sonho, não um objetivo ou uma vontade, e sim episódios que desafinam mais uma música já desafinada para enfim percebermos que só nos acostumamos com algo ruim. É um navegar turbulento, porque o mar nunca é o mesmo e eu também não. No final, acho que é isso que me permite lutar.

SÔSEKI, Natsume. Dez Noites de Sonho. In: WAKISAKA, G. (org.). Contos da Era Meiji. São Paulo: Centro de Estudos Japoneses, 1993. p. 87-113.

SONO

Haruki Murakami

BRUNA DYESYCA CARDOSO DA SILVA

Após alguns anos estudando a língua japonesa, em 2017, procurava com afinco alguma obra para conhecer a literatura do país que tanto me fascina. Com 1Q84 do Haruki Murakami lido, me deparei com um conto do mesmo autor com ilustrações tanto belas como curiosas. Mesmo após interessantes leituras do curso de Literatura Japonesa I, decidi voltar ao livro que tanto me trouxe dúvidas, reflexões e tentativas de desvendar o mistério: Sono.

“Alguma coisa está errada.”

Neste conto, a protagonista é mãe de família e dona de casa, tem uma vida aparentemente sem dificuldades, uma vida tranquila que todos queremos ter, porém é uma vida mecânica. Em uma noite, não consegue dormir e assim permanecerá por todas as noites seguintes. Com esta insônia, ela não só fica acordada à noite, mas também acorda para a realidade, passa a enxergar o ela de agora e o de antes. Vê sua vida em uma nova perspectiva, percebe o que deixou para trás e o que se tornou sem perceber.

Com os antigos hábitos, volta a experimentar um pouco de quando era mais jovem. Volta a ler seu livro preferido daquela época, a comer doces, algo que ela tinha banido, mas sem se esquecer ou se rebelar de tudo, continua empenhando seu papel de mãe e esposa como antes, mas para si, parece recuperar um

pouco da sua identidade.

Ainda com o mistério da insônia, em meio as suas memórias, vemos que não é a primeira vez que isto ocorre, contudo, anteriormente só havia durado alguns dias e por agora está durando muito mais. E aqui, nossos sentimentos se divergem. A protagonista não parece se importar muito sobre essa questão. Não se importou quando ocorreu quando era mais nova e não se preocupa com esta ocorrência, porém aflita como estava, me perguntava o que aquilo poderia ser e como após mais de dois dias ela continuava a não sentir nenhum cansaço.

No entanto, este não é um livro para se procurar respostas e sim fazer muitas perguntas, que ficarão com você. Por isso, na reta final, olhando o relógio que estava próximo à uma da manhã, me vi em uma situação semelhante ao da protagonista. Vamos ficando cada vez mais ansiosos sobre o desfecho da narrativa que não se conclui e não parece que irá fazê-lo deixando-nos, talvez, no mesmo desespero que a personagem sente nas últimas linhas do conto. E por fim, o que nos resta após a leitura é se perguntar, como em um momento confuso que você não compreende muito bem sua situação, “o que acabou de acontecer?”.

Seria interessante dizer que este livro me tirou o sono, porém seria mentira, dormi muito bem depois. Contudo, acordada, no dia seguinte e por mais alguns outros, me pegava pensando so-

bre o que algumas passagens significavam e o que o livro, como um todo, queria dizer.

Seria tudo aquilo um círculo que ela não conseguiria sair? Ela voltou aos hábitos de antes, por mais que sua vida tenha mudado, não mudou totalmente, ela não tentou novos hábitos, só voltou aos que já tinha antes, quando tiver, se tiver, um novo toque de realidade vai voltar para a vida que tinha no início do livro? Ou aquele será o pontapé para ela começar a viver melhor? Será que foi aquela primeira insônia que a fez adormecer e viver no automático? Os homens que sacodem o carro dela, seria o sono chegando para puxá-la novamente a vida anterior? Essas, são somente algumas das perguntas que ficam.

Me pergunto se assim como a protagonista estou dormindo para algo que já deveria ter acordado. Se assim como ela, estou vivendo no automático sem perceber. Confesso que agora tenho interesse em ler Anna Karenina, quem sabe o livro não me despertaria para algo como fez com a protagonista.

“E a hora mais escura da noite e os homens continuam a sacudir o carro.

O que eles querem é virar o meu carro.”

São Paulo, 02 de julho de 2021.

Referência bibliográfica

“Sono” escrito por Haruki Murakami e ilustrações por Kat Menschik. Traduzido por Lica Hashimoto. Revisão por Juliana Souza, Cristhiane Ruiz e Ana Kronemberger. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2015. 118 páginas.

QUERIDA

KONBINI

Sayaka Murata

CAMILA TELLES SANTANA

Já a muito tempo, quando ainda pensava em qual habilitação escolher para seguir minha carreira acadêmica na Letras, e dentre tantas leituras disponíveis em meio às obrigações do primeiro ano, me deparei com este livro. Preciso ser sincera: a princípio, a capa não me chamou a atenção. Quem me conhece, sabe que muitas das minhas leituras vêm justamente do projeto gráfico dos livros. Eu sei... “não devemos julgar um livro pela capa”, mas o cuidado editorial é um dos fatores que atizam minha vontade de ler, assim como ver uma comida linda a minha frente e a fome vir quase que instantaneamente. Contudo isso, e após muita insistência de colegas que já haviam lido, resolvi dar uma chance para Querida Kombini. Ainda bem.

A surpresa que esta leitura me proporcionou foi absolutamente inigualável. Uma mistura de angústia, com humor, e um quê de “uau” que poucas leituras conseguiram me proporcionar. A história segue uma linha simples: a protagonista, de 36 anos chamada Keiko Furukura, trabalha em uma kombini por 18 anos.

Sim, é isso.

E não, ela não vai se apaixonar perdidamente por algum cliente e fugir com ele para outro país, ou empenhar uma odisseia heroica para sair do emprego e conquistar uma vaga na maior multinacional do país enquanto estuda e trabalha, tampouco vai ser testemunha de um crime horrível dentro do estabelec-

imento, como é comum encontrar em algumas narrativas de livros ocidentais.

Até porque, Keiko poderia facilmente ser considerada uma pessoa assexual, já que não nutre nenhum tipo de sentimento amoroso ou sexual por alguém. E, na verdade, ela ama o que faz. Também não poderia ser testemunha de algum crime porque, aparentemente, é ela a responsável pelo pior crime numa sociedade que se pauta por status e aparências: a de não corresponder com as expectativas que lhe impõem e esperam ser atendidas.

Sayaka Murata, autora deste best seller vencedor do prêmio Akutagawa no Japão, descreve o microcosmo da sociedade japonesa e como em todos os aspectos do ser humano, se sobressai a padronização, a performance funcional e a mecanização das relações interpessoais.

Keiko é uma personagem extremamente observadora e consciente, mas que possui uma desordem psicológica bastante acentuada, observada sobretudo pela ausência de sensibilidade. É constantemente julgada, principalmente quando age de forma espontânea, e por isso acaba se sentindo acolhida e pertencente à kombini, que lhe concede tudo aquilo que escapa de si socialmente: um roteiro padronizado de deveres, um ambiente seguro e sem surpresas, onde cada um sabe qual é exatamente o seu papel e desempenha-o da melhor maneira que

consegue: os Funcionários (ao qual se enquadra), os Clientes e o Gerente. A maneira robótica em que ela descreve os acontecimentos em relação a sua vida, sua família e a kombini é o estopim pro leitor se questionar por quê a aparente normalidade ao qual estamos acostumados a seguir é mais válida do que a normalidade ao qual Keiko se sente feliz, ou seja, fazendo parte de um emprego que não lhe atribui nenhum status financeiro e social. Por que ela é considerada inferior às outras pessoas apenas por gostar de trabalhar na kombini e por se sentir bem assim? O que faz este tipo de trabalho ser menor ou menos importante que outros? E o que a torna menos normal, se entre nós também existe uma obediência à regras que seguimos, muitas vezes, cegamente? Durante a leitura, me peguei pensando várias vezes que Keiko só se reconheceu como parte da kombini porque pôde finalmente, dentro deste ambiente, ser vista e sentir-se como parte importante da rotina de várias pessoas que utilizam o estabelecimento pela praticidade e utilidade. Ela sente-se, graças a seu trabalho, importante e reconhecida por alguém, mesmo que este seja um completo desconhecido. O que não torna uma constatação menos triste, pois Keiko vive e respira em função do trabalho. Mas ao mesmo tempo, o que fazer quando a sociedade te desumaniza ao ponto de procurar por refúgios não convencionais? Keiko é devotada à kombini tal como pessoas "normais" são devotadas à religião. Para ela, a

kombini é seu templo, e seu trabalho é um ritual. Ironicamente, ao mesmo tempo que Keiko se aliena do mundo pelo trabalho, é através dele também que faz sua leitura de mundo e transporta sua visão para o leitor, que constantemente se pergunta: qual o limite da normalidade? Qual o limite do apagamento individual em prol do coletivo? E por que insistimos nisso, se para algumas pessoas isso machuca tanto?

Depois da leitura, acompanhei algumas discussões sobre Querida Kombini. Alguns atribuem a sua estranheza em lidar com o mundo, principalmente por seu comportamento, com algum tipo de grau do espectro autista. Porém, não acho produtivo para a narrativa diagnosticar personagens. O relato em primeira pessoa de Keiko, o modo como ela apresenta toda sua vida, da maneira mais objetiva e automatizada possível (intenção da autora? Não sei...) é o que torna a leitura e o livro tão peculiares. É uma narrativa simples sim, mas crua. É incômoda porque pisa no nosso calo. E é fascinante justamente por isso. Sayaka Murata escreve o meu tipo favorito de narrativa: aquela que você não sai incólume.

REFERÊNCIAS

MURATA, Sayaka. Querida Kombini. São Paulo: Editora Estação Liberdade; 2018. Tradução: Rita Kohl.

**“Sobre a garota cem
por cento perfeita que
encontrei em uma
manhã enrolada de
abril” em O elefante
desaparece**

Haruki Murakami

CAROLE DE ANDRADE MARQUES

Diante de mais um semestre de estudos a distância em função da pandemia do coronavírus, encontrei a oportunidade de cursar uma disciplina de literatura japonesa dentro da universidade. Tal oportunidade me abriu portas para conhecer um mundo de obras muito cativante. Posso dizer que a porta de entrada para este universo não havia como ser mais certa, ao ler o conto “Sobre a garota cem por cento perfeita que encontrei em uma manhã ensolarada de abril” presente na coletânea de contos do livro O Elefante Desaparece de Haruki Murakami.

Ao iniciar o conto, vou ao encontro de uma história, que a princípio, não entendo se é uma história de um encontro de almas gêmeas ou uma reflexão a respeito da imaturidade. O conto narra a história de um rapaz que diz ter encontrado a garota cem por cento perfeita para ele, mas quando questionado da aparência dela por seu amigo, não sabe bem como responder, ele só sabia que ele era a garota perfeita. Conforme a leitura avançava, fui de um sentimento de brilho nos olhos ao ver o sentimento de paixão de um jovem que acreditava ter encontrado o amor da sua vida. Entretanto, há um dilema que permeia este conto: como ele deveria ter abordado a jovem? “Era uma vez” ou “Você não acha essa história triste?”. No primeiro momento eu não entendi muito bem o sentido de ambas as frases, mas ao fim do conto uma fez mais sentido do que a outra.

O conto passa um sentimento de conversa, como se alguém,

já com uma certa idade, estivesse conversando comigo sobre um amor do passado que só não se concretizou pela imaturidade da juventude:

“— Que tal fazermos um teste? Se realmente somos um casal de namorados 100% perfeito, com certeza um dia vamos nos reencontrar em algum lugar e, se isso acontecer e constatarmos que somos 100% perfeitos um para o outro, nos casamos imediatamente, combinado?— Combinado — ela respondeu.[...] Mas, para falar a verdade, esse teste era totalmente desnecessário. Eles não deviam ter feito isso, porque eram autênticos namorados 100% perfeitos e o encontro deles já teria sido fruto de um milagre. No entanto, os dois eram jovens demais para estarem cientes disso. E, desde então, eles foram deixados à mercê das ondas do destino insensível e cruel.”

Nesses trechos é possível observar o instante de uma decisão irracional que muda a vida do protagonista. O conto causa um sentimento de arrependimento e maturidade forte nesses momentos em que é possível perceber o peso da maturidade sobre os acontecimentos do passado.

Ao fim do conto pude observar uma certa semelhança com um filme japonês *Kimi no na wa*, no trecho:

“Em uma manhã ensolarada de abril, o rapaz caminhava pela rua secundária do

bairro de Harajuku do sentido oeste para o leste para tomar o café da manhã promocional do morning service e a garota

caminhava do sentido leste para o oeste para comprar selos no correio. Os dois se encontraram no meio do caminho. Uma tênue luz iluminou por alguns segundos os seus corações trazendo de volta as lembranças até então esquecidas. Os corações palpitarão intensamente e cada um soube de imediato:

Ela era a garota 100% perfeita para mim.

Ele era o garoto 100% perfeito para mim.

Mas a luz que incidia sobre a memória deles era por demais tênue e as

palavras não eram tão claras como há quatorze anos. Os dois passaram um pelo outro sem dizer nada e desapareceram na multidão. Para todo o sempre.”

No filme há o encontro de dois jovens que trocam de almas e no processo de descobrir esse acontecimento eles se apaixonam, mas percebem vivem linhas temporais diferentes. Mesmo não sendo uma história que os acontecimentos são consequência da imaturidade, o reencontro deles é baseado no milagre do destino e seus corações são iluminados pela mesma tênue luz que no fim não sabemos se será breve como aqui no conto de Murakami ou irá perpetuar novamente o sentimento do casal.

Por fim, o conto termina com a certeza de que o jovem deveria ter dito a sua garota cem por cento perfeita: “Você não acha essa história triste?”. E de fato, o desencontro, a imaturidade e a vida podem se tornar um acontecimento triste. Logo, uma

história que poderia tanto ter um final feliz, agora não passa de mera tristeza e arrependimento causados pela imaturidade de jovens almas que se apaixonaram.

Referência bibliográfica:

“Sobre a garota cem por cento perfeita que encontrei em uma manhã enrolada de abril” (Haruki Murakami). Tradução de Lica Hashimoto. In *O elefante desaparece*. São Paulo: Editora Alfaguara, 2018. 301 páginas.

CRÔNICAS DO JAPÃO

DAPHNE ALMASSI HAMBURGO

Há uma sensação distinta que é despertada com a leitura de narrativas que atravessaram séculos e continentes até chegar em nós. Digo “despertada” porque, de fato, o que ocorre é como um despertar, um reencontro com algo de imortal e universal presente nessas narrativas. Ao menos essa foi a sensação que tive ao ler o Nihonshoki, Crônicas do Japão, composto de narrativas que foram compiladas no ano de 720 pelo Príncipe Toneri e Ō-no-Yassumaro, e chegaram até mim pela tradução da professora Lica Hashimoto. As narrativas “de um Japão milenar”, como o próprio subtítulo indica, permitiram-me um vislumbre do passado japonês.

Admirou-me que tal passado não foi retratado com objetividade factual, mas através das histórias que constituíam a mitologia da época. Não apenas documentos oficiais e registros históricos foram consultados em sua criação, mas também a história oral e as crenças populares. Nada mais justo, afinal a história de um povo não se constitui apenas de suas conquistas e derrotas, de feitos e fatos, mas também do imaginário coletivo. O compromisso em registrar esse imaginário japonês em sua multiplicidade se demonstra na inclusão de diferentes versões para uma mesma narrativa. Enquanto registros históricos em sua maioria pretendem registrar uma perspectiva objetiva dos ocorridos – apesar de que, como escreveu George Orwell, a história ser escrita pelos vencedores, não permitindo haver um

registro imparcial –, o Nihonshoki se comprometeu a relatar não uma verdade única, mas as variadas interpretações para um mito.

Por vezes, as histórias dos deuses me causaram surpresa ou estranhamento por seu comportamento, enquanto em outros momentos pareceu-me que os sentimentos e ações dos deuses refletiam a própria natureza humana. Houveram também ocasiões em que, durante a leitura, recordei-me de outras mitologias, como, por exemplo, a narrativa em que Izanagi procura Izanami no Mundo dos Mortos, a qual me pareceu similar ao mito grego de Orfeu e Eurídice.

Essas semelhanças e associações me fizeram refletir sobre como existem elementos comuns que integram o imaginário de diferentes culturas em diferentes tempos. A luz, por exemplo, é um elemento de destaque em muitas cosmogonias. No Nihonshoki, a luz é o princípio da criação do mundo; na Bíblia cristã, a luz é a primeira criação de Deus. Em

associação à luz, a imagem do sol é um símbolo importante para o Japão, presente até mesmo em sua bandeira, e sua importância se demonstra no Nihonshoki através da figura da Deusa-do-Sol, Amaterasu, descrita como a mais maravilhosa das divindades. Essa descrição de Amaterasu demonstra o motivo de ela ter sido a divindade considerada como a antecessora da família imperial; nenhuma outra divindade, senão a do sol, rep-

resentaria tamanho poder divino passível de justificar o poder terreno do imperador.

Uma das minhas crônicas preferidas do livro está relacionada à Amaterasu. Ao se aborrecer com as brincadeiras maldosas de seu irmão, Sussanoo-no-Mikoto, Deus-do-Mar-e-das-Tormentas, Amaterasu se isola em uma gruta, lançando o mundo em escuridão. Para atraí-la para fora da gruta, Ame-no-Uzume, Divindade-do-Poder-e-da-Delicadeza realiza uma dança. Recentemente, ao realizar uma pesquisa sobre rituais xintoístas, descobri que esse mito narra a origem da kagura, um tipo de dança cerimonial. Essas danças eram realizadas originalmente por mulheres xamãs como parte de uma arte de divinação, uma vez que durante a dança essas mulheres incorporariam uma divindade. Mais tarde, a dança foi integrada ao teatro não como parte do espetáculo.



Figura 1 - A dança de Ame-no-Uzume, desenho autoral.

Entretanto, nem todos os deuses citados no Nihonshoki são tão imponentes quanto Amaterasu. Dos vários deuses e divindades, alguns se destacam ao serem relacionados com elementos de poder, como a lua ou o oceano, enquanto outros são de elementos mais banais, como os deuses do barro, da areia ou dos vales murmurantes. Alguns deuses até mesmo tem origens pouco “nobres”, como aqueles nascidos do vômito e excrementos de Izanami. Ainda assim, independente de sua origem ou atribuição, todos são seres divinos.

Durante a leitura, essa diversidade de deuses me fez pensar sobre a própria diversidade da vida. Consideramos determinadas coisas mais belas ou importantes do que as outras; um pavão pode ser tido como uma ave mais bela do que uma pomba, uma galinha tida como uma ave mais importante do que um cisne devido à seus ovos, e desse modo atribuímos relevância aos seres e elementos da natureza de acordo com o quanto eles correspondem aos nossos valores do que é belo ou útil. No Nihonshoki, tudo é divino. Sejam montanhas ou rochas, mares ou lagos, tudo encontrado na natureza corresponde à uma divindade, e em tudo é possível encontrar beleza.

Além disso, o nascimento dos deuses me levou a perceber a relação intrínseca entre a vida e a morte. Por exemplo, na crônica em que Tsukyoshi, o Deus-da-Lua, mata a Deusa-do-Alimento, de cada parte de seu corpo nascem outros deuses, cada

um relacionado a um alimento. Assim, a morte gera a vida. Do mesmo modo, na natureza a morte representa não só um fim, mas novos começos. Quando uma fruta cai do pé e apodrece, sua semente volta à terra e dá origem à outra árvore. A natureza se regenera constantemente, e as pessoas também, transformando-se. Cada transformação é a morte de quem fomos e o nascimento de um novo alguém. Quem sabe essas “mortes” não sejam necessárias para que possam nascer deuses dentro de nós?

Referência bibliográfica

Ô-NO-YASSUMARO; TONERI. Crônicas do Japão, Nihonshoki (720). Trad.: Lica Hashimoto. SESC, São Paulo.

ESSAYS IN IDLENESS AND HŌJŌKI

KENKŌ & CHŌMEI

DRIX PICCIONI MARQUES NOGUEIRA

Ler a palavra ócio durante o isolamento da pandemia foi muito diferente de lê-la em circunstâncias, digamos, usuais. Sinto que o ócio agora é tudo, menos ócio — o tempo se mistura e se sobrepõe a si mesmo em suas diferentes funções ao longo dos meses, que parecem vários ao mesmo tempo que tão poucos.



A delimitação do que é trabalho e do que é ócio parece tão enevoada quanto o passar dos dias entre as quatro paredes do meu quarto, que virou meu mundo inteiro no último ano. Os espaços de estudo e lazer se misturam, os afazeres e horários também, até que o ócio vira uma atividade de 24 horas diárias, assim como some completamente, sem rastros e espaço dentre o que são os deveres do cotidiano.

Desde a primeira menção aos “Escritos do ócio” nas aulas de literatura japonesa, fiquei instigado a entender que ensaios poderiam ser escritos sobre algo que, ao longo do tempo, foi perdendo o sentido no meu dia a dia. Antes do isolamento, havia aquela vontade de chegar em casa após o trabalho e o estudo e aproveitar meus momentos em frivolidade. Agora, essa separação se perdeu, e eu não consigo catalogar nada do que escrevo como do ócio.

Yoshida Kenkô, em suas centenas de passagens registradas, levou-me por pensamentos e questionamentos. Alguns deles eram quase cômicos, porque nada tinham a ver com a minha situação atual e eram, literalmente falando dado há quanto tempo os acontecimentos descritos aconteceram, distantes demais de mim para que pudesse haver

alguma aproximação. Outros, no entanto, seguem até o momento em que escrevo essas palavras ressoando na minha cabeça.

Muito foi falado sobre o isolamento, sobre a relação com o mundo material e os apegos que temos aos objetos de valor. Hoje mais do que nunca essas ideias fazem sentido pra mim, isolado há mais de um ano e com um quarto que já fora mais de uma vez limpo numa tentativa de passar o tempo (um ócio, talvez?).

Senti-me, de muitas maneiras, acolhido entre as palavras de Yoshida Kenkô. Na incerteza das circunstâncias atuais, talvez ler algumas palavras positivas sobre o isolamento e o contato com si mesmo era o que me faltava. O anacronismo dos ensinamentos é evidente, mas o esforço do autoconhecimento parece uma atividade universal da experiência humana e, se devidamente praticada, é adaptável a qualquer época.

Nas palavras do próprio monge cortês, na décima terceira passagem de seus escritos, “é do mais maravilhoso conforto

sentar-se a sós sob uma lanterna, livro aberto diante de si, e conversar intimamente com alguém do passado que você nunca conheceu”¹(Tsurezuregusa, 1330-1332).

São Paulo, 11 de Julho de 2021.

Referência Bibliográfica:

YOSHIDA, Kenkô. Essays in Idleness. In: KAMO NO, Chômei; YOSHIDA, Kenkô. Essays in Idleness and Hōjōki. Traduzido por Meredith McKinney. Londres: Penguin Books, 2013. Acesso em: 11 de Julho de 2021.

FRUITS BASKET

Natsuki Takaya

GIOVANNA MARQUES BALASCO

Entediada em mais um dia de pandemia, as festas de ano novo já tinham ocorrido e janeiro estava chegando na metade. O clima quente de verão tornava os dias incrivelmente longos e as noites piores ainda. De férias da faculdade e sem muitas escolhas do que fazer para passar o tempo, me dediquei à leitura de alguns livros da minha mãe que ela tinha guardado no armário, sendo esquecidos aqui em casa e que eu ainda não tinha dado chance de talvez me entreterem. Porém, logo descobri o motivo de terem sido colocados no armário. Entediada mais uma vez, resolvi voltar para minha rotina de infância e ler algum mangá.

Rolando pela longa lista e um site de mangás qualquer, nada chamava minha atenção. A maioria dos nomes ali listados ou não pareciam ser interessantes o suficiente ou não estavam completos, o que era um item necessário para mim na época. Após várias e várias páginas, meu olho brilhou e parei de respirar por poucos segundos quando encontrei o título do mangá que gerou um dos animes favoritos de minha infância, Fruits Basket. Apesar de ser um favorito, nunca tinha lido a obra original até o momento, a sensação foi similar com a de encontrar um velho amigo depois de anos sem nos vermos, sensação que foi aumentada pelas minhas memórias de criança de ir visitar minha tia e conversar com minha prima mais velha sobre vários animes e mangás, Fruits Basket sendo um deles e uma recomendação dela também.

Sabia que ele tinha ganhado uma nova adaptação recentemente e decidi ler antes de assistir os episódios já lançados até o momento. Não demorou para que essa minha decisão tenha se mostrado uma ótima escolha de leitura no meio dos meus dias longos de pandemia e verão. Apesar de uma história bem simples em um primeiro momento, a forma como cada personagem é desenvolvido me fez ficar apegada a cada um deles profundamente em um curto espaço de tempo.

Se você pesquisar hoje, muito provavelmente vai encontrar um pequeno resumo dizendo que Tohru Honda, a personagem principal, é uma garota no ensino médio que recentemente perdeu a mãe e está morando em uma pequena tenda no meio da floresta para não incomodar seus poucos outros familiares, até que sua situação precária acaba sendo descoberta por Yuki Sohma, o garoto mais popular da sua escola, e Shigure Sohma, parente de Yuki responsável por ele, e eles então a chamam para morar na casa deles. Entretanto tudo muda de rumo quando Kyo Sohma invade a casa querendo brigar com Yuki. Tohru, tentando impedir a briga, escorrega e cai em cima de Kyo, revelando o grande segredo da família Sohma: que alguns indivíduos se transformam no animal do seu zodíaco chinês correspondente quando abraçados por alguém do gênero oposto.

Tendo essa pequena descrição como base, é fácil, e eu diria até lógico, de certa maneira, supor que esse seja um anime

de comédia ou até “bobinho”. No entanto, a autora desenvolveu cada personagem ao longo dos capítulos adicionando camadas de profundidade na história com maestria, sem deixá-la arrastada ou deixando o leitor frustrado. Não somente isso, mas vários personagens menores e secundários também são desenvolvidos a ponto de ultrapassar as expectativas iniciais.

Vários pontos da história também vão contra o que é mostrado em vários outros animes, como o clichê do triângulo amoroso e o modo como o famoso episódio da praia, que grande parte dos animes tem, é desenvolvido, sendo transformado em um arco principal para o desenvolvimento da história, tendo vários capítulos que, com certeza, irão prender a atenção e arrancar suspiros ou até lágrimas de quem os ler.

Com o custo das versões físicas dos mangás, a mistura de emoções - por não poder ter comprado os mangás - é difícil de ser descrita, já que por um lado a oportunidade de me deleitar em virar cada página teria sido incrível e tornado a imersão muito maior, mas sei que com certeza teria estragado pelo menos metade de todos os volumes com minhas lágrimas. Nem sempre foram lágrimas de tristeza, várias vezes foram lágrimas de felicidade, ternura e amor, algumas até foram fruto de minhas próprias lembranças de capítulos anteriores e o sentimento de orgulho por ver o quão longe certos personagens tinham chegado, ver o tanto que eles tinham crescido e mudado

como “pessoas”.

Fruits Basket não é somente uma mangá, foi uma experiência maravilhosa que tive o prazer de viver esse ano. Tenho para mim que isso é mais que uma recomendação, é um presente que eu estou dando para que uma outra pessoa também possa sentir a mesma alegria na leitura. A maneira com que a história avança e é desenvolvida é feita de uma maneira sem igual, demonstrando em cada página, painel e traço o amor que a autora e equipe de publicação teve por cada aspecto do mangá, impossibilitando não derramar ainda mais lágrimas ao terminar de ler.

Se começar a ler foi como reencontrar um velho amigo, concluir a leitura foi como dizer adeus a esse amigo, não sabendo quando vocês iriam se ver novamente, com a persistente sensação de tristeza e amargor da despedida manchando a enorme alegria que o encontro trouxe.

Me aproveitando do clima frio vivido pela maioria dos alunos, a montanha russa de emoções que esses 106 capítulos e 12 volumes me fizeram passar não pode ser totalmente descrita sem que eu reforce mais uma vez o quanto eu recomendo esse mangá, então irei instigar a curiosidade dos leitores desta minha recomendação por meio de uma simples pergunta, que é talvez o maior marco da história para qualquer um que já leu Fruits Basket: quando a neve derrete, no que ela se torna?

Espero que todos tenham uma leitura tão prazerosa e emocionante como foi para mim.

RELATOS DE UM GATO VIAJANTE

Hiro Arikawa

IARA PINHEIRO

Durante a quarentena, devo admitir, me tornei mais sedentária do que me encontrava antes dessa situação. E não só fisicamente, acho que me esforçava apenas para acompanhar as aulas da faculdade e entregar tarefas nos prazos estabelecidos no meu estágio; não me sobrava ânimo para mais nada.

Nesses momentos em que me encontrava no mais puro ócio, apenas rolando o feed do Instagram, me deparei com uma postagem sobre um livro da literatura japonesa que possuía muitos comentários positivos em relação à obra; aquilo me despertou o interesse quase que instantaneamente. Já havia tentado entrar no mundo da literatura nipônica anteriormente, quando comecei a ler *Um artista do Mundo Flutuante*, do autor nipo britânico Kazuo Ishiguro, mas acredito que não era o momento certo para ler um livro com tamanha carga emocional, o que me fez afastar um pouco desse mundo maravilhoso.

Mas, retornando ao livro: *Relatos de Um Gato Viajante* me chamou a atenção primeiramente pelo título. Embora nunca tive gatos devido à rinite da minha irmã, sempre tive muito apreço e vontade de ter um para chamar de meu. Decidi embarcar nessa viagem com o tal gato viajante.

Foi uma aventura; ler um livro narrado por um gato era algo inédito. Nana, que tem esse nome porque seu rabo lembra o número sete, tem uma personalidade sarcástica, mas, ao mesmo tempo, cativante e, Satoru, seu dono, é uma pessoa doce e

apaixonada por gatos, que faria de tudo pelo seu amigo.

Satoru foi comprar a passagem no terminal da balsa e voltou com o rosto corado. – Ai, passei vergonha... Disseram que você não conta como passageiro. Ao preencher o formulário, ele tinha escrito meu nome como passageiro. Quando o pessoal do guichê descobriu quem era o tal “Nana Miyawaki (seis anos)”, eles caíram na risada. Às vezes Satoru é completamente sem noção.

Hiro Arikawa criou uma obra emocionante e de grande aprendizado. Ao ler, tive a sensação de que fazia a viagem dos dois companheiros junto com eles pelo Japão: ouvi os rugidos dos mares que amedrontaram Nana; presenciei a imponência do Monte Fuji, o triângulo que parece crescer para cima de nós; o tapete branco que cobria Hokkaido até se perder de vista. A van que percorreu a terra do sol nascente de ponta a ponta também foi meu refúgio pelos breves dias em que li e participei desse universo.

De todos os momentos, o que mais me marcou foi quando Nana aprende sobre a cor vermelha:

Satoru ia me contando o nome de todas as plantas. Também aprendi com ele que os frutinhas das sorveiras são de um vermelho intenso. Certa vez, vi na televisão uma pesquisadora falando que “os gatos têm dificuldade para distinguir a cor vermelha”, mas, ao ver as sorveiras, Satoru comentou que os frutos estavam bem vermelhos, e assim eu aprendi como é essa cor. Quer dizer, talvez a gente enxergue de jeitos

diferentes, mas eu aprendi como vejo o que Satoru chama de “vermelho”.

– Aqueles ali ainda não estão com as cores tão vivas...

Com certeza, Nana jamais se esqueceria dos tons de vermelho que aprendeu com seu fiel companheiro Satoru.

São Paulo, 06 de julho de 2021.

Referência bibliográfica

Arikawa, H. (2017). Relatos de Um Gato Viajante (1 ed.). (R. Khol, Trad.) Rio de Janeiro: Alfaguara.

アフター
アフター
アフター
アフター

APÓS O ANOITECER

Haruki Murakami

ISABELA KASHIMA

村上春樹

Foi em meio à pandemia de coronavírus que me vi cercada pelo mundo virtual, as aulas da faculdade se tornaram remotas, as relações que antes tinha foram restringidas à mensagens por aplicativos e discursos sobre produtividade predominavam no meio. Fomos engolidos pelo imediatismo e preocupações com prazos, além das notícias nada animadoras sobre a situação atual. Nesse período, resgatei alguns livros das prateleiras empoeiradas do meu quarto em São Paulo e os trouxe para a casa dos meus pais durante o isolamento social, entre estes livros estava *Após o anoitecer* de Haruki Murakami, me permiti ignorar a cobrança de me limitar a leituras acadêmicas e embarquei em mais uma releitura da obra.

A trama se passa em apenas uma noite, em que acompanhamos os misteriosos acontecimentos na vida das irmãs Asai, como espectadores de uma câmera, que intercala entre cenários da ordem da consciência e do onírico. Mari Asai vira a madrugada acordada, na agitação da vida noturna no centro da cidade, enquanto sua irmã, Eri Asai, jaz adormecida há dois meses, sua condição insere o aspecto místico e do desconhecido na narrativa. A noite parece interminável e há nela a suspensão das fronteiras entre o real e o fantástico.

Ao ler as detalhadas descrições do autor, pude ver as cenas se desenrolarem diante de meus olhos, e a partir delas notei semelhanças ao meu redor. Antes, por estar muito presa a tudo

que acontecia on-line, deixei de reparar no que estava à minha volta e viver o presente. Durante uma noite insone, o livro tornou-se meu refúgio, isolada em minha casa com uma família grande, o silêncio estrondoso da madrugada me acalmou. Me vi acompanhando Mari lendo solitária em uma mesa no Denny's, como uma pintura de Edward Hopper. Quando já amanhecia, e o livro acabava, ouvia a cidade acordando junto do que era descrito, apesar do silêncio da madrugada ainda ser denso, podia ouvir o eco de carros e caminhões passando pela rodovia mais próxima, alguns pássaros já cantavam e louças tiniam na casa ao lado.

O novo sol irradia uma nova luz na cidade. Os vidros dos prédios brilham, ofuscando os olhos. Não se vê nenhuma nuvem no céu. A única coisa que vemos é uma camada de poluição na linha do horizonte. A lua crescente se transformou num monólito de branco silêncio a flutuar no céu do leste, como mensagem distante e esquecida. [...] Enquanto isso, as ruas entre os edifícios ainda estão envoltas numa sombra fria. Nessas ruas ainda restam, intocadas, muitas das lembranças da noite que se foi. (MURAKAMI, 2009).

Isabela Kashima

Votuporanga, 29 de julho de 2021

Referência bibliográfica

MURAKAMI, Haruki. Após o anoitecer. São Paulo: Alfaguara, 2009. Tradução de: Lica Hashimoto.

DECLÍNIO DE UM HOMEM

Osamu Dazai

JOÃO PEDRO BOECHAT PEREIRA

Logo de início, o romance anuncia a tragédia da vida do protagonista. Desde a infância, Yozo já se percebia como alguém que era, essencialmente, diferente dos demais colegas. Ele descreve o seu sentimento de não-pertencimento e a angústia de não conseguir se conectar àqueles que o rodeiam, bem como começa a nutrir uma sombra que repudia a si mesmo.

Imagino que todos aqueles que já se sentiram deslocados do meio em que se inserem já, em algum momento, experimentaram semelhante angústia. Ainda, se considerarmos a importância que a cultura japonesa confere às relações internas entre os membros do grupo – うち –, acredito que a inadequação de Yozo tenha mais uma camada de rejeição se comparada à de uma criança ocidental.

O fato de não se sentir capaz de criar bons laços com os colegas da escola, com os membros da própria família e, em última instância, com a sociedade como um todo acompanha alguns questionamentos existencialistas que me chamaram especialmente a atenção, como:

“O receio de que a minha noção de felicidade estivesse totalmente em desacordo com a noção de felicidade do resto das pessoas fazia com que, noite após noite, eu me revirasse de um lado para o outro na cama, gemendo, quase a ponto de enlouquecer. Será que eu era feliz?”

Tenho certeza de que não só eu, mas também muitas outras pessoas já se perguntaram algo parecido. Afinal, o que é a

felicidade? O que me espanta são aqueles que passam a vida inteira sem se questionar se são felizes... Mas, ao mesmo tempo, indago-me se, talvez, a felicidade não seria um sentimento tão individual e subjetivo que, para alguns, não pensar sobre isso seja, em si, a sua própria maneira de ser feliz. De todo modo, a trajetória do protagonista parece nos presentear com uma dica para responder essa pergunta tão capciosa: a vida de Yozo, por se desenrolar no vetor contrário ao do que se espera de uma vida feliz, ilustra o que seria uma não-felicidade, constituindo um bom contra-exemplo para nós leitores.

Uma coisa que aprendi com a Lica-sensei, para além do riquíssimo conhecimento acadêmico, foi, em primeiro lugar, ouvir o que eu sinto sobre a obra que acabei de ler. Despojado de qualquer referência teórica, terminei a leitura de “Declínio de homem” horrorizado com o grotesco que se constrói ao longo da narrativa, mas foi depois de pesquisar sobre a vida e literatura de Osamu Dazai que descobri que esse é um romance autobiográfico, isto é, cenas horríveis, como a tentativa de suicídio duplo com a namorada, são representações literárias de experiências vividas pelo autor.

Recordo-me da tristeza, pena e melancolia que preencheram meus pensamentos naquela noite. Seria mais fácil ignorar o que li se eu soubesse que tudo aquilo não passava de ficção, mas o elemento autobiográfico me colocou num estado de ter-

ror. Foi difícil dormir.

Ao estudar um pouco mais, admirei a coragem de Dazai ao saber que ele foi um dos escritores que, em meio a um Japão extremamente militarizado, em que a censura era a regra e a violência era institucionalizada, utilizou o gênero do Watakushi Shousetsu para criar, de forma velada, a sua oposição ao sistema autoritário da época. Ao centrar a sua narrativa em fatos da sua vida pessoal e parodiar os romances europeus introduzidos na época, Osamu Dazai conseguiu construir a sua crítica ao Japão de seu tempo por meio desse dialogismo e intertextualidade.

Neste primeiro semestre de 2021, após cursar as disciplinas de literatura japonesa I, com a professora Lica, e V, com a professora Neide, meu interesse especial pela literatura japonesa moderna se intensificou. Para mim, é incrível como os autores, a partir da era Meiji, conseguiram combinar a tradição estética milenar da literatura japonesa clássica com as referências europeias que foram introduzidas no cenário artístico japonês.

A partir de agora, espero continuar estudando e lendo obras da literatura japonesa que me despertem ricas reflexões, assim como foi com o romance “Declínio de um homem” de Osamu Dazai.

João Pedro Boechat Pereira

DEZ NOITES DE SONHO

Natsume Sôseki

LAURA CAMACHO DE AZEVEDO

Confesso que esta obra foi meu primeiro contato com este escritor, embora já estivesse ciente de sua fama. Ao iniciar a leitura, seguindo as ordens cronológicas das Noites, senti-me um tanto atordoada e perturbada pela falta de lógica que as histórias apresentavam. Isso me ocorreu até chegar a Sétima Noite, cuja história era de uma lógica tremenda para mim. Não... pensando melhor, não acho que a palavra correta seja essa, pois compreende-se a lógica na mente e eu compreendi essa história em meu espírito.

Logo na primeira frase, fiquei intrigada com a ambientação, um navio no meio do mar. Embora tal cenário já tenha sido exaustivamente utilizado, o mar sempre guardou e ainda guarda imensos mistérios para o ser humano, cuja natureza é investigá-los para ter controle sobre eles. O interessante aqui é, portanto, o narrador-protagonista não ter controle algum da situação. Ele não sabe como chegou ao navio, o porquê de estar nele e, sobretudo, desconhece seu destino, fato que o incomoda profundamente.

De súbito, senti que este navio era a vida.

E quanto mais o narrador parecia contar-me sobre o navio, mais me convencia disso. O navio aparentava perseguir o sol

que ia para o oeste, mas ao perguntar sobre isso, recebeu uma outra indagação: "O sol indo para o oeste, seu limite é o oeste?". Isso suscitou outros questionamentos em minha mente. A luz é perseguida pela vida (e por aqueles dentro dela)? E o que representa a luz? Seria o que motiva a seguir em frente? E seria esse o limite?

Tais são apenas reflexões com respostas individuais ou até sem respostas; o que pode ocasionar em insegurança, exatamente o mesmo sentimento do narrador em diversas ocasiões. "Senti-me extremamente inseguro. " / "Fiquei extremamente inseguro". Logo ele percebe outros passageiros, estrangeiros, com inúmeras feições, o que não ajuda a confortá-lo. Também na vida há diversas pessoas que interagem entre si, estranhos que se tornam conhecidos e conhecidos que se tornam estranhos.

Numa certa noite, o narrador ouve um homem a falar com ele sobre astronomia e pensa não haver necessidade de se conhecer coisas como essa. Tal me fez refletir sobre como o ser humano se sobrecarrega com estudos, planos e carreiras, marginalizando coisas realmente importantes como o presente, o bem-estar individual e o daqueles com quem ele se importa.

Conforme a narrativa segue, o narrador fica cada vez mais entediado e pensa diversas vezes em morrer, até que finalmente: "(...) decidi-me que morreria"¹. É curioso notar que, em algumas ocasiões que ele descreve a cor das ondas, elas são verdes que se tornam um rubro enegrecido, de um azul infinito, violetas ou brancas. Mas, quando o narrador está para cair na água elas são negras.

A vida havia se tornado preciosa.

"Enquanto isto, o navio se distanciava soltando como sempre sua negra fumaça. Mesmo desconhecendo o destino do navio, reconheci pela primeira vez que certamente teria sido muito melhor se tivesse continuado nele; no entanto, (...) levando comigo um arrependimento e temor infinitos, caía silenciosamente em direção às ondas negras."¹

O navio segue seu rumo, assim como a vida, não importando quem se vá. Embora não se tenha certeza de seu destino, ainda assim parece-me melhor aproveitar os momentos que há da forma mais satisfatória possível e partir quando for a hora certa.

A Sétima Noite é um texto curto, mas que apresenta uma das principais características da literatura japonesa: a conden-

sação. Suas poucas palavras foram como um cascalho jogado no lago de meu espírito, que repercutiu em diversas oscilações de contemplação.

Isso foi o que senti.

Mas talvez tudo não tenha passado de um sonho sem sentido.

Referência Bibliográfica

'SÔSEKI, Natsume. Dez Noites de Sonho. In: Geny Wakisaka (Org.). Contos da Era Meiji. São Paulo: Centro de Estudos Japoneses, 1993, p. 103-105.

O PAÍS DAS NEVES

Yasunari Kawabata

LUIZA ANSEMI CANTONI

Em meio à loucura atual devido à pandemia, somada ao final de semestre do ensino à distância (EAD) e ao home-office, encontrei-me sem motivação nenhuma em meu cotidiano. Mal conseguia ler ou ver animes, que eram meus grandes hobbies, muito menos estudar. Forçada a focar nos trabalhos da faculdade, finalmente me encontrei perdida entre as leituras diversas, deparando-me com as obras de Kawabata, famoso escritor japonês que fora vencedor, inclusive, do prêmio Nobel de Literatura.

Foi maravilhoso sentir novamente o prazer da leitura em meu cotidiano um tanto cinzento. Após ler clássicos como a Dançarina de Izu e a Casa das Belas Adormecidas, a obra que mais me chamou atenção neste momento foi o País das Neves. Uma obra um tanto monótona e monocromática – repleta de branco, como estava minha vida.

Com diversas passagens um tanto inquietantes, o livro me incomodou bastante, ao ponto de me tirar de minha zona de conforto. A relação entre as personagens principais me pareceu bastante tóxica, me indignando e trazendo tons avermelhados para minha vida até em tão cinza. Digo tons avermelhados, pois inicialmente o que mais senti foi irritação por conta do modo com que Komako se portava – dizendo uma coisa, sentindo outra e agindo distintamente.

Creio que a obra pode ser interpretada como um triângulo

lo amoroso duplo, já que envolvia Komako, Yoko e a esposa de Shimamura. Portanto, a personagem principal possuía o triângulo amoroso “esposa, Komako e ele” e o outro “Komako, Yoko e ele”. Apesar de Shimamura descrever certo desconforto em relação à Yoko, é inegável que tinha um grande interesse por parte dele atrás de sua máscara de incredulidade, por isso considero que ela tomara parte no romance da personagem, inclusive gerando ciúmes em Komako. A aflição desta situação constrangedora de duplo triângulo amoroso termina, obviamente, em catástrofe com a morte de Yoko em um incêndio. O final desta situação não traz alívio, mas pelo contrário, aumenta a angústia e a inquietação, tanto do leitor, quanto de Shimamura.

Um fato engraçado, é que a obra se inicia com a personagem fugindo de sua vida e de seu mundo para o País das Neves. Shimamura o faz por meio de um trem, que após cruzar um certo túnel, encontra-se em um local totalmente tomado pela neve e por sua candura. Digo que isto é cômico, pois a obra serviu como uma passagem mágica para mim também, porém em vez de me trazer brancura, trouxe-me as cores novamente. Nunca estive tão alheia às leituras e estudos como estou agora. Me sentia estagnada em tudo, pequena, miúda, inexistente.

Shimamura trouxe reflexões sobre tais sensações ao descrever a vida dos insetos. Neste primeiro momento, ele os compara com os humanos. Ao reparar que apenas a mudança de

estação impacta deveras na vida dos insetos, gerando a morte de diversos espécimes até seu renascimento no próximo ciclo anual, a personagem atenta para o fato de que mesmo tendo vidas “insignificantes”, os insetos tentam se agarrar a ela, com um último espasmo de esperança antes de ficarem imóveis.

Porém, ao meu ver, no final da obra existe uma conexão com este trecho, gerando uma contemplação muito maior do que apenas isso. Shimamura acaba por comparar os insetos e os humanos com a grandiosa Via Láctea, trazendo um sentimento de pequenez e fragilidade imensuráveis, ao ter o seguinte pensamento:

“A Via Láctea... e ao contemplá-la também Shimamura teve a impressão de nadar dentro dela, de tal modo a sua fosforescência lhe parecia próxima. Era como se ela o tivesse aspirado para junto de si. Teria sido sob a impressão desta imensidade esplendorosa, deslumbrante, que o poeta Bashô a descrevera como um arco de paz sobre o mar enfurecido?”

Afinal, como comparar o grandioso universo que basicamente não considera o tempo para si, com um mero inseto que vive apenas 24 horas? Creio que com este pensamento, das duas uma: ou a personagem sentiu-se parte de algo maior que ela, tendo certo alívio ou sentido em viver, ou reconheceu-se completamente inexistente e só.

Apesar de a obra focar-se aparentemente nos triângulos

amorosos, em minha opinião ela revelou-se extremamente profunda, abordando temas como: sentindo da vida, universo e existência. Tal abordagem conseguiu me trazer sensações inquietantes que, como disse anteriormente, me trouxeram à vida novamente. A agonia da incerteza e da inconstância, o receio pelo fim, as motivações para viver... Todas as reflexões que o livro País das Neves trouxe para mim me salvaram em meio a uma situação que não conseguia superar sozinha, nem com ajuda de amigos e familiares. Sim, um mero livro tem muito poder e consegue trazer sentimentos reais, por meio de palavras simples e singelas.

São Paulo, 11 de julho de 2021

O FIO DA ARANHA

Ryūnosuke Akutagawa

MARIANA SOMERA

O conto “O fio da aranha” [Título original: 蜘蛛の糸 (kumo no ito)] (1918), de Ryūnosuke Akutagawa, foi publicado pela primeira vez na Revista Pássaro Vermelho (Akai tori) em 1918, e se encaixa em uma das divisões possíveis da obra de Akutagawa: se trata de uma Rekishimono (coisas da história) ou, mais precisamente, uma Kurishitanmono (coisas cristãs). Sendo assim, traz um inegável fundo religioso tanto na caracterização da história (personagens, enredo, cenário em que a história se passa) quanto na escrita em si, ainda mais por se basear em uma narrativa setsuwa budista.

Dado que o texto se baseia em outra obra, creio que não há como não mencionar a antiga narrativa no qual Akutagawa se debruçou para escrever este conto se o objetivo é realizar uma boa e profunda leitura. Após ler algumas das narrativas, a que mais se assemelha é a história do Tomo XVII, intitulada “Sobre o homem que comprou uma tartaruga, libertou-a e foi salvo pelo Jizō”, onde um homem de mesmo nome (Kandata) resgata uma tartaruga que seria morta por um pescador e, após a morte, por sua compaixão, é recompensado com um retorno ao mundo dos vivos.

A intertextualidade é uma característica recorrente nas obras de Akutagawa, e o manejo com que ele trabalha as obras nas quais se baseia é impressionante. Embora seja, de certo modo, fácil detectar as semelhanças entre as narrativas, as dif-

erências entre as mesmas é o ponto onde o autor brilha.

Para citar algumas, pode-se apontar que, enquanto a tartaruga se apresenta como uma criança monge e relata o ato de bondade para o oficial que leva Kandata, na narrativa aqui analisada Buda tem acesso a memórias da vida daquele homem assim que o encara, e a aranha do paraíso não se apresenta como a mesma salva pelo delinquente. Pode-se concluir, então, que Buda é uma entidade onisciente de certa forma, além de piedosa. Além disso, a descrição do submundo onde se encontra o Lago de Sangue é feita de maneira muito mais explícita e detalhada na escrita de Akutagawa.

Ambas as narrativas parecem carregar a mesma “lição moral” de que, se uma pessoa cometeu diversas atrocidades e não tiver a motivação interna de mudar, um único ato de bondade não compensará todo o mal causado. O Kandata que salvou a aranha, no fim, mantinha a mesma mentalidade egoísta pela qual era castigado, e Buda reconhece isso com tristeza no fim do conto. Embora seja questionável o porquê do Kandata que salvou a

tartaruga na setsuwa de base ir parar em um lugar onde haviam onis e pessoas amarradas¹, ele se mostrou tomado por compaixão em mais de uma situação, o que lhe garantiu o perdão. Nota-se, assim, uma possível e sutil crítica à mentalidade religiosa de que, uma vez que se admite seus pecados e tem

um ato de bondade, a pessoa já está salva. O cinismo quanto a essa questão se apresenta bem evidente ao longo do conto “O fio da Aranha”, tanto pela narrativa em si (onde no fim o homem não teve uma real mudança) quanto na escrita detalhista de Akutagawa. Achei interessante notar, também, a diferença na passagem do tempo: enquanto na narrativa antiga da tartaruga os acontecimentos se passam no tempo de três dias humanos, dando um grande peso (e me recorda da ressurreição de Cristo) ao retorno de Kandata, no conto de Ryûnosuke não se passam mais do que algumas horas no tempo do paraíso, sendo que o homem já havia escalado metade do percurso declaradamente longo quando o fio se rompeu.

Embora ambas as narrativas carreguem uma mensagem semelhante, o texto de Akutagawa me parece exprimir não só a visão do autor e sua interpretação dos acontecimentos, ao invés de simplesmente repassar a mensagem budista, mas também carrega um fator muito mais humano no corpo do texto. Uma das características marcantes da escrita do autor se trata do questionamento da natureza humana, da feiura do egoísmo humano, e essa característica me é bem evidente neste conto.

Mesmo a intertextualidade sendo forte e demandando uma leitura do *setsuwa* que servira de inspiração para melhor compreender o conto, “O fio da Aranha” carrega um caráter muito singular e intenso e pode muito bem ser aproveitado por si só.

Baseado em uma história que serve para ensinar a compaixão a quem ler ou ouvir, este conto também carrega uma mensagem muito importante de que buscar a vantagem sobre os outros não levará a lugar nenhum, e de que infelizmente há um lado muito ruim na natureza humana que, caso seja prevalente na vida de uma pessoa, um único ato bondoso não compensará o estrago que ela causou se ela não desejar mudar. É um conto forte, detalhista e profundo que, por fim, apresenta grandes características da genialidade de Ryûnosuke Akutagawa.

REFERÊNCIAS

AKUTAGAWA, Ryûnosuke. Contos fantásticos. Tradução Diogo Kaupatez. Editora Z, 2003 - São Paulo. Konjaku Monogatari-shu : narrativas antigas do Japão [recurso eletrônico] / organizadoras: Neide Hissae Nagaie, Olivia Yumi Nakaema. -- São Paulo : FFLCH/USP, 2018. 3.014Kb ; PDF. ISBN: 978-85-7506-318-7; DOI: 10.11606/9788575063187

1"[...] Diante dos portões, podia-se ver um jardim onde havia várias pessoas amarradas. [...] Durante a volta, avistei uma bela jovem de vinte anos, amarrada e sendo conduzida aos açoites entre dois oni." - Konjaku Monogatari-shu : narrativas antigas do Japão [recurso eletrônico], pgs.112-113. 2018.

DEZ NOITES DE SONHO

Natsumi Soseki

MATHEUS DE SÁ

“Eu tive este sonho:”

O escritor Natsume Sôseki, de 25 de julho a 5 de agosto, em 1908, com o Japão no final do Período Meiji, brindou os leitores do jornal Asahi Shimbun (朝日新聞) com dez narrativas complexas e intrincadas, que revelam diversas questões do inconsciente humano. Afinal, qual é a pessoa que nunca acordou e conversou com alguém:

“Nossa, eu tive um sonho tão estranho nessa noite... Posso te contar?” E é curioso como nossas vidas estão repletas de coincidências. No dia 29 de abril desse ano, ficamos sem energia elétrica aqui em casa durante o período da tarde e da noite. Eu e minha esposa, Sophia, tivemos a ideia de usar o laptop para passar o tempo, assistindo a um dos filmes que, surpreendentemente, ainda temos uma cópia de DVD. Esse filme era Dreams2 (夢), uma obra do também japonês Akira Kurosawa. Foi escolhido completamente ao acaso, mas a temática, e até mesmo a estrutura do filme, fizeram com que o texto literário, estudado nas aulas de 10 e 17 de junho, ecoasse muito mais profundamente em mim.

Acontece que ambas as obras apresentam uma estrutura episódica: enquanto que “Dez noites de sonho” traz dez pequenas narrativas oníricas, Dreams traz oito pequenas narrativas. E, embora essa diferença de dois sonhos quebre a semelhança entre as duas obras, a forma com que ambos os autores

abordam os sonhos (no filme, dizem que os sonhos são do diretor Akira Kurosawa), mostram um trabalho primoroso de resgatar a memória do Japão, ao passo que se valem dos sonhos para nos apresentarem reflexões sobre temas muito complexos.

Nas noites de sonho, temos: saudade, amor e morte (primeira noite de sonho); honra, respeito e seppuku (segunda noite de sonho); remorso, abandono e trauma (terceira noite de sonho); desilusão e engano (quarta noite de sonho); amor, infortúnio e o desconhecido (quinta noite de sonho); arte e dedicação (sexta noite de sonho); desesperança, tristeza e solidão (sétima noite de sonho); tempo, alienação e passividade (oitava noite de sonho); guerra e perda (nona noite de sonho); e propósito e ócio (décima noite de sonho).

Já nos oito sonhos de Kurosawa, temos: infância, respeito, responsabilidade e seppuku (primeiro sonho); beleza, saudade e tristeza (segundo sonho); medo, morte e consciência (terceiro sonho); guerra, remorso e trauma (quarto sonho); arte e obsessão (quinto sonho); medo do novo, da radioatividade e traumas pós bombas atômicas (sexto sonho); pecado e punição (sétimo sonho); e esperança e alívio (oitavo sonho).

Há claras intersecções entre as obras, como é possível notar ao ler as temáticas aqui citadas, as quais cada um dos sonhos retratados revela. No entanto, ambos os artistas apresentam,

também, um modo muito sensível de nos contar a realidade de suas épocas. Enquanto Natsume Sôseki reflete sobre as desilusões que a população japonesa do Período Meiji apresentava, Akira Kurosawa nos mostra como, após a Segunda Guerra Mundial, retomar uma vida sem traumas foi uma tarefa muito árdua. O medo e o remorso são sentimentos muito fortes, o que faz com que pesadelos sejam tão marcantes em nossas vidas. Por outro lado, algumas lembranças são muito mais doces. Isso ocorre quando nos lembramos de histórias da nossa infância, ou de amores antigos, como é o caso do primeiro sonho do conto e do primeiro sonho do filme. Fica nítida, também, a sensação de que a nostalgia, por mais que possa fazer com que fiquemos parados no tempo, como é o caso do vendedor de peixes na nona noite de sonho, e da vila parada no tempo, no último sonho retratado no filme, mostra também como, para seguir em frente, precisamos de tempo para refletir. E, afinal, os sonhos não servem para isso mesmo?

22 de julho de 2021

**KAPPA E O
LEVANTE
IMAGINÁRIO**

Ryūnosuke Akutagawa

MATHEUS GABRIEL TORRES

O narrador não-confiável em “No Matagal”

Minha relação com Ryūnosuke Akutagawa começou a muito tempo atrás, quando eu ainda estava no ensino médio. Após ler uma série de autores japoneses contemporâneos, estava com uma ânsia por ler mais e por isso acabei fazendo uma lista com vários nomes (muitos dos quais ainda não li, diga-se de passagem). Akutagawa estava no meio deles e passou-se muito tempo sem que eu tenha tocado em qualquer um de seus contos, apesar de conhecer os pormenores de sua vida graças algumas pesquisas as quais havia feito. No fim, precisou uma pandemia e um trabalho de faculdade para que eu finalmente inicia-se a leitura de sua obra.

Um de seus contos o qual mais gostei foi “No Matagal” (Yabu no Naka, 1922). Fiz sua leitura de forma esparsada, pois desde que tirei a carteira virei motorista oficial da minha família. Toda parada que fazíamos, eu pegava-o para continuar sua leitura. A história é narrada simulando depoimentos de várias pessoas em relação ao assassinato de um samurai encontrado no matagal. Temos desde o depoimento do lenhador que encontrou o corpo até mesmo o fantasma da vítima. As figuras centrais são o samurai em si, a mulher do mesmo e Tajōmaru (o suposto assassino). Cada um desses depoimentos possui pontos que contradizem o anterior, a cada página eu não conseguia saber qual

dessas pessoas estavam falando a verdade. Há também nisso uma questão interessante que cada ponto de vista carrega consigo as visões da pessoa, como quando a esposa do samurai interpreta seus olhares de forma completamente diferente do que realmente são. Nem mesmo com o último desses depoimentos, o espírito da vítima, fiquei seguro de ser a verdadeira versão dos fatos, pois nela há uma grande subjetividade, já que em seus momentos finais o samurai sente alguém retirar a adaga de seu peito, ficando dúvida quem seria essa pessoa é o Tajômaru ou a esposa do homem.

Ainda assim, mesmo com seus depoimentos parcialmente falsos, cada um deles, simulando ou não as emoções que exprimiam me fizeram refletir sobre algo. Tajômaru, por exemplo, falou sobre o motivo do destino do samurai, a ganância. O único motivo para que ele acompanhasse o ladrão para dentro do matagal era a promessa de encontrar tesouros: "Contei essa história ao homem, e vi que despertei sua cobiça. Depois-vede o que faz a ganância-, em menos de uma hora o casal já se achava comigo a caminho da montanha." (Yabu no Naka,1922). Fiquei refletindo sobre esse trecho durante um bom tempo e como esse mesmo desejo levou tantos homens a destino piores que o do samurai.

Essa é uma história trágica. As três figuras daquela noite fatídica tiveram finais horríveis: Tajômaru foi sentenciado à

força por seus crimes passados; a esposa vive com a dor daquela noite e a culpa; e o samurai, no purgatório, revive a dor e a tristeza que sentiu até o fim de sua vida. No fim, ainda chocado ao descobrir quem de fato “matou” o samurai, minha mãe me apressa para ligar o carro...estamos atrasados, logo o mercado irá fechar.

Referência Bibliográfica

AKUTAGAWA, Ryûnosuke. No Matagal. In: AKUTAGAWA, Ryûnosuke. Kappa e o Levante imaginário. São Paulo: Estação Liberdade, 2010. p. 287-301. Tradução Shintaro Hayashi.

TRILHAS LONGÍNQUAS

Matsuo Bashō

PABLO OLIVEIRA CAUSO

Lembro-me claramente do dia em que, nos primeiros meses de minha graduação, fui despreocupadamente até o Terminal Rodoviário do Tietê esperar o ônibus que semanalmente me levava de volta à minha casa no interior. Naquele dia eu fui surpreendido por uma pequena feira de livros que acontecia no segundo andar do terminal. Com um pouco de tempo livre, explorei pela pequena seleção de volumes oferecidos e saí de lá com duas obras: Batman - A Piada Mortal, de Alan Moore, e Trilhas Longínquas de Oku (Título Original: Oku no Hosomichi), de Matsuo Bashō. Naquele momento, mal conhecia a obra, e quem era Bashō.

Oku no Hosomichi ficou perdido em minha estante até este segundo ano de isolamento enfrentado por mim. E motivado pela faculdade, assim como pelo desejo de ler algo diferente do que habitualmente leio, devorei em uma única tarde o relato das últimas viagens feitas por Bashō em sua vida, e visitei junto dele e de seu discípulo, Sora, as terras distantes de um tempo remoto.

Acompanhado de uma playlist de Koto no youtube, fui junto do autor aos locais que ele mesmo havia conhecido apenas através da literatura. Desde Edo até Matsushima, e de lá para muitos outros lugares do norte distante de Honshu. Visitei templos, montanhas sagradas, locais históricos, povoados e centros comerciais. Através da poesia de Bashō, senti até mesmo

o frio vento do outono, e escutei claramente toda a natureza descrita na viagem.

Ao terminar a obra, vieram à minha mente uma série de pensamentos. Descobri meu amor por relatos de viagem antigos, e sobre o quanto descrevem um mundo tão diferente, mas ainda assim tão semelhante ao atual. O próprio autor visitava locais e histórias que estavam separados por séculos dele próprio. E eu, séculos depois, presenciei estes mesmos locais, não de maneira física, mas como Bashō havia presenciado a princípio, ao ler os antigos poemas que detalhavam essas terras distantes.

Penso o quanto a nossa percepção sobre o mundo mudou desde os tempos antigos. A globalização fez maravilhas ao deixar tudo tão próximo e rápido, mas não deixo de pensar se não perdemos algo com tudo isso também. A viagem de Bashō de Edo até Matsushima na obra é de quase um mês, durante o qual ele visita uma série de locais, e conhece diversas pessoas e paisagens, e tem várias sensações que, caso fosse de trem (um trajeto de cerca de 3h), seriam quase completamente perdidas.

É esse olhar próximo, essa lentidão dos acontecimentos, que deixa a obra tão profunda e tocante para mim, que conto nos dedos das mãos quantas vezes saí de casa nos últimos dois anos. As paradas e os curtos poemas feitos em homenagens às pequenas coisas da viagem dão mais profundidade ainda para mim, quase como pausas para respirar em meio a leitura, em

meio a todo o caos que cerca o mundo no presente.

Meu desejo é que, uma vez que esteja livre dessas amarras que nos prendem em casa, eu vá novamente à uma rodoviária como a que encontrei este livro, e pela primeira vez em um bom tempo, não pelo destino, mas pela viagem, de uma boa volta.

Referência Bibliográfica

Bashō, Matsuo. Oku no Hosomichi. Tradução de Meiko Shimon. São Paulo: Escrituras Editora

CONTO DO CORTADOR DE BAMBU

RAFAEL SCHWARZWALDER

A princesa Kaguya não se curva ao desejo de seus pretendentes ou de seus pais. É fiel apenas a seu próprio. Enquanto nós humanos tantas vezes recuamos com medo de nossa própria potência, a princesa é firme e deixa claro o que quer. Chora, desafia e declara abertamente sua raiva para uma sociedade de sistema hierárquico rígido, tantas vezes atropelador da economia dos afetos.

Isso é o que mais me chamou a atenção ao ler o Taketori Monogatari, obra literária do período Heian, quando a língua japonesa já havia se consolidado em uma forma escrita funcional e o uso do chinês não se fazia mais necessário. Acredito que este famoso conto deva ter sido em outros tempos uma tradição oral. O caráter de assemblage de seu elenco de personagens e a maneira mais ou menos episódica com que seus temas são concatenados deixa pistas de sua construção. Ainda, podemos desconfiar que o cortador de bambu tenha sido recolhido de histórias que circulavam entre os camponeses e trabalhadores. Afinal, de que outra maneira, sua protagonista poderia se erguer acima da vontade de príncipes, ministros e até do próprio imperador?

Eles ficam prostrados sem poder senão acatar, os desejos da princesa que, assim como uma força da natureza, é incapaz de trair sua essência, para o bem ou para o mal. Kaguya é apenas o que é e tentar mudar sua natureza implicaria em sua morte.

Esse respeito e admiração que normalmente seriam dirigidos a uma divindade, aqui são direcionados para o desejo de uma mulher. Fato que me parece extremamente ousado para a época e o contexto em que esse conto foi produzido.

Gostaria de ter um repertório maior de estudos sociológicos desse período para saber se os valores retratados no cortador de bambu tinham algum respaldo em processos reais de uma sociedade em disputa onde as mulheres mesmo que através da ficção, afirmavam seu desgosto com o casamento. Afinal, sabemos que na tradição clássica japonesa, foram significativas, a presença e o prestígio de escritoras.

Diversas vezes olhei para o Japão como um lugar particularmente atrasado no debate sobre igualdade de gênero. No que diz respeito aos direitos das mulheres, a sociedade japonesa parece (pelo menos a um observador externo) trazer a discriminação para dentro de sua cultura de maneira sufocante e naturalizada. Sei através de reportagens e documentários¹ das dificuldades que as japonesas têm com a cultura do assédio, stalking e violência contra a mulher, hiper sexualização da infância e adolescência, discriminação no ambiente de trabalho e a pressão social para tornarem-se donas de casa e abrirem mão de suas carreiras profissionais. O cineasta Yasujiro Ozu soube retratar muito bem em alguns de seus filmes², as pressões que uma mulher sofre dentro do ambiente familiar e a cultura de

subordinação ao pai e ao marido. Não que esses fenômenos representem alguma novidade para nossas militantes do mundo ocidental, mas muitas vezes me perguntei se havia alguma condição específica na cultura japonesa que impedia o feminismo de ter uma disseminação mais efetiva.

Nesse sentido, a princesa Kaguya me surpreendeu apresentando uma figura feminina que não apenas resiste ao destino do casamento forçado como também não se deixa aprisionar pela lógica do ressentimento e recalque do desejo. O conto de Kaguya é bastante celebrado dentro da identidade cultural japonesa e dependendo da forma como for trabalhado, traz em si uma oportunidade fecunda de introduzir o tema da igualdade de gênero já no ensino infantil de meninos e meninas.

Agora, tendo tocado em destino e ressentimento, sinto que devo me explicar. Recentemente li um artigo da professora Maria Rita Kehl na revista virtual *Outras Palavras*³ onde ela discute a predominância de heróis e heroínas ressentidas em certa produção cinematográfica e as estratégias de identificação com o público que os roteiristas lançam mão ao escreverem esse tipo de personagem.

O ressentido é aquele que em nome de uma suposta superioridade moral, não ousa assumir a responsabilidade do próprio desejo e se exime de confrontar sua vontade com o mundo e os outros seres desejantes. Volta-se para dentro, recalçando o

impulso vital e tirando gozo de um processo de auto penitência que aponta o dedo para o outro (aquele capaz de fruir plenamente seu desejo), como seu algoz.

Em determinada altura do artigo “O ressentido e sua estética”, a autora faz uma comparação entre uma obra exemplar da estética do ressentimento, o filme *O Piano* de Jane Campion, com uma obra diametralmente oposta do ponto de vista dos afetos, o filme *Dead Man* de Jim Jarmuch. O protagonista de *Dead Man* ao contrário da personagem central de *O Piano*, ao sofrer uma reviravolta em sua vida, ao invés de se prender em um ciclo melancólico, implica-se em sua situação presente e encara seu destino na posição de agente. Depois de muitas peripécias envolvendo seu companheiro nativo americano, esse destino envolve aprender a morrer.

O que me traz à terceira parte do *Taketori Monogatari* onde a princesa Kaguya descobre ser uma habitante do povo da lua e precisa se preparar para retornar a seu país de origem.

Tomada de tristeza, a princesa fica fragilizada e apesar de alertar os humanos sobre a impossibilidade de lutar contra o povo da lua, permite-se deixar levar por aqueles que querem impedi-la de ir ao encontro de seu destino. No entanto, esse momento de passividade rapidamente se inverte quando ao compreender a inevitabilidade de seu retorno, Kaguya toma as rédeas do processo e dá o tom de sua despedida, distribuindo

recados e presentes e cumprindo seu dever. Sendo o casal de velhos e o imperador, os únicos a sofrer de ressentimentos.

Não consegui apontar com firmeza em minha leitura, se essa passagem final do cortador de bambu pode ser lida como uma alegoria para a morte. Mas no momento, a impressão que tenho é que a princesa Kaguya é uma verdadeira simbolização de uma vida que vai na contramão do recalque.

Referências

1 Mini doc da agência de televisão Al Jazeera sobre a crise de stalking de mulheres no Japão:

<https://www.youtube.com/watch?v=eNbNjoxhkG8>

2 Assista ao filme Tokyo Boshoku, 1957 de Yasujiro Ozu.

3 O ressentido e sua estética por Maria Rita Kehl, revista Outras Palavras, agosto de 2021:

<https://outraspalavras.net/outrasmidias/kehl-o-ressentido-e-sua-estetica/>

海辺の力

KAFKA À BEIRA- MAR

村上春樹

Haruki Murakami

RAISSA APARECIDA SILVA COSTA

Em uma tarde tranquila de sexta-feira do segundo ano pandêmico, dei início a uma das melhores leituras de minha vida. Todavia, deixe-me contar brevemente como essa fantástica obra chegou em minhas mãos.

No primeiro ano de pandemia me vi em completo desânimo e tristeza devido a algumas coisas que ocorreram, e ao buscar conforto na literatura deparei-me com "Norwegian wood" de Haruki Murakami. Após aquela leitura decidi ler antes de completar vinte anos (em novembro deste ano), vinte obras do autor. Tal escolha me ocorreu porque encontrei nas obras do escritor nipônico uma proximidade nunca sentida. Seus personagens, muitas vezes, estão em uma faixa de idade próxima à minha, trazendo a sensação de que estamos amadurecendo juntos.

Foi com esse intuito que iniciei a leitura de "Kafka a beira-mar". A confusa obra trata do pós-guerra, autoconhecimento e poderes sobrenaturais, tudo o que eu precisava e não sabia. Seu protagonista é Kafka Tamura, um jovem de quinze anos que decide fugir da casa do pai para escapar de uma terrível profecia. Em sua fuga ele conhecerá um homem idoso chamado Satoru Nakata que tem o incrível dom de conversar com gatos.

O livro me impactou em diferentes aspectos, mas sem dúvida um de seus pontos fortes é a sua engenhosidade na construção da história. Vamos do passado para o presente e do

real para o psicológico em questão de páginas, o que, em um primeiro momento, pode causar certa confusão, mas que ao final da leitura nos confere a realização de ter completado um complexo quebra-cabeça. Talvez, essa sensação seja influência da minha graduação e/ou minha terrível obsessão por estudar estruturas de obras literárias, todavia, ela me fez ficar agarrada ao livro e ao menino Tamura até o fim.

Também anotei em um pequeno caderno cada pista que me era dada e cada reviravolta que sucedia, entretanto, nem todas as minhas perguntas foram respondidas e fiquei mais entusiasmada por isso. Murakami nos deixa claro que nem tudo tem respostas e podemos aprender com isso, assim como Kafka estamos a beira-mar em uma vida repleta de surpresas,

o que pode ser desalentador para alguns, mas para mim, neste momento, é a esperança que preciso para continuar vivendo.

Nem sempre estaremos no controle de tudo e possivelmente teremos alguns medos e receios, mas, como afirma Murakami (2012, p. 9): "Em certas ocasiões, o destino se assemelha a uma pequena tempestade de areia, cujo curso sempre se altera".

Assim, não pretendo fugir de casa como o protagonista, nem mesmo tenho uma profecia que me aguarda (eu espero) ou conheço um senhor que preveja que peixes vão cair do céu, mas compreendi com a obra e com os últimos acontecimentos que o

mundo pode nos arrebatrar de diversas maneiras, apresentando situações variadas, nem sempre positivas e definitivamente longe do esperado, mas mesmo que eu não queria me defrontar com elas, terei que aprender, assim como Kafka a encará-las.

Bibliografia:

MURAKAMI, Haruki. Kafka à beira-mar. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012. Tradução de: Leiko Gotoda.

**SOBRE O MARIDO
DA PRINCESA DE
ROKUNOMIYA
QUE SE
TORNOU MONGE
E RENUNCIOU
AO MUNDO**

RENATO SANTIAGO



O agora é passado. Ainda no início de um dos contos de Konjaku Monogatari-shū, senti-me subitamente tomado de uma sensação diferente, peculiar e curiosa, quase como que de uma nostalgia de dias esquecidos, que não retornam.

Um dia frio de inverno, tratei de me reconfortar em minha cadeira, envolto em cobertor macio e com um aquecedor ao lado, em minha mesa, na busca de leituras e inspirações. Como tenho de tradição costumeira, preparei a bebida quente predileta, e dada a iminência de distrações a que sou demasiado propenso, mesmo ao mínimo ruído, utilizando um headset que abafa em tudo os arredores procurei algum som ambiente calmo e suave que por fim me muniu da preciosa concentração. O som do Shakuhachi, e o borbulhar das águas correntes me soavam tranquilizantes, de maneira a esquecer por breve momento os problemas cotidianos massivos, agora esvaecidos em respiração profunda e contemplativa.

Dentre as obras da Literatura Clássica Japonesa, me tomei de maior interesse pelas dos relatos, Nikki 日記 e Setsuwa 説話, pois parece que possuam algo de muito caro da personalidade na tradição oral. Sobretudo me chamou a atenção a de Konjaku Monogatari-shū (Coletânea de Narrativas em que o agora é passado) 今昔物語集, que foge dos padrões da

literatura do período Heian - mais restrita e contida nos

moldes da nobreza, do refinamento e da sutileza - como havia se dado até então. Num contexto da iminente decadência aristocrática, rompe com os limites impostos da aristocracia e abarca um maior universo do possível, expondo tanto narrativas Seculares, de temas e personagens diversos, quanto narrativas budistas, retratando seus temas mais preciosos através dos relatos.

Durante a leitura dos contos, já tomado pelo sentimento de uma viagem cósmica ao passado, uma fuga muito almejada, chamou-me a atenção o conto "Sobre o marido da princesa de Rokunomiya que se tornou monge e renunciou ao mundo". Intrigado, apressei-me a correr os olhos sobre a obra, enquanto apreciava em meu tempo, o sorver de pouco a pouco do favorito Guen'mai chá.

Ela tinha pouco mais de dez anos, era de uma beleza ímpar e, a começar pelos seus cabelos, sua aparência e seus modos eram perfeitos.

Possuía natureza refinada e jeito gracioso. Distinguindo-se, portanto, pela sua beleza, estava à altura de ser cortejada pelos mais renomados jovens da nobreza.

Ainda jovem, a filha do nobre vice-oficial parecia exalar em sua beleza um reflexo de seu entorno, fruto sublime da grandiosidade de sua família, sua ancestralidade milenar, de sua história que a precedia e agora a concedia tal qual como uma cerejeira na primavera, em seu auge.

Sem me dar conta e já envolto pela narrativa, me vi transportado ao ambiente, dentro do terreno de sua morada, constituída de diversas construções ordenadas, de arquitetura e configuração singulares, o Shindenzukuri. Vislumbrando desde a bela madeira das vigas de encaixes perfeitos intercaladas com a sutileza do Shōji translúcido, pelo qual se deixava passar os raios que banhavam os ambientes em riqueza iluminada, o som da água borbulhava no lago de frente à casa principal, e o vento soprava suave das frondosas árvores, penetrando por dentre os corredores e a esvoaçar sutilmente os cabelos da delicada princesa, observada pelo pai sentado rijo à varanda, zeloso à moda antiga, sem transparecer tamanha comoção, ainda que a ela desejasse o mundo. Bastava-se sonhando.



Irradiado o calor e tomado de melancolia, tomei a xícara e a percebi vazia: No fundo, as folhas jaziam secas.

O agora é passado.

São Paulo, 29 de julho de 2021.

Referências Bibliográficas:

NAGAE, N. H. NAKAEMA Y. Konjaku Monogatarishū: Narrativas Antigas do Japão – Tomo XIX/Narrativa 5 - p. 127

YOSHIDA, L. N. Breves considerações sobre o universo das narrativas Setsuwa. Estudos Japoneses, [S. l.], n. 15, p. 95-105, 1995. DOI: 10.11606/issn.2447-7125.v0i15p95-105. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/142716>. Acesso em: 30 jul. 2021.

YOSHIDA, L. N. A época clássica japonesa e suas manifestações literárias. Estudos Japoneses, [S. l.], n. 19, p. 59-75, 1999. DOI: 10.11606/issn.2447-7125.v0i19p59-75. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/143130>. Acesso em: 28 jul. 2021

imagem: 黄昏の平城京朱雀門 autor: 名古屋太郎 ; disponível em:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:070513_Suzakumon_at_

twilight.jpg trilha sonora: <https://youtu.be/q6HbU9Mpcmw>

RELATOS DE UM GATO VIAJANTE

Hiro Arikawa

TATIANA VALÉRIA SILVA

Alguns amigos, muito queridos, leram Relatos de um gato viajante de Hiro Arikawa e me recomendaram com certa insistência. “É muito meigo e muito triste”, eles disseram, várias e várias vezes. Faz mais de um ano que não os vejo e, ao ler o livro que eles tanto recomendaram, senti que a saudade aumentou, mas, enquanto ria e, muitas vezes chorava, como eles devem ter rido, e como devem ter chorado, eu senti a distância entre nós diminuir, mesmo que por pouco tempo.

Escolhi falar sobre esta história não apenas pela história em si, que é muito boa, mas pelas pessoas que ela me lembrou enquanto era lida.

O livro conta a história de Nana, um gato sarcástico e com muitas opiniões, que estava acostumado a ser um gato de rua até que um humano, Satoru Miyawaki, decide cuidar dele após um acidente. Nana tem o rabo parecido com o número 7 e foi por isso que recebeu este nome. Satoru e ele vivem na companhia um do outro por cinco anos, até que Satoru o informa que precisarão procurar outra pessoa para cuidar dele.

A procura por um novo dono se dá através das várias viagens que Satoru e Nana fazem pelo Japão, visitando antigos conhecidos de Satoru ao mesmo tempo que revisitam seu passado. Como diz o título, cada capítulo é um relato diferente sobre as pessoas que marcaram a vida de Satoru e como ele as marcou também. Nana é um gato muito esperto e que com-

preende muito bem o mundo dos humanos. Ele tem muito a dizer sobre cada nova descoberta sobre seu dono, o que torna a leitura leve mesmo nos momentos mais sensíveis.

A forma carinhosa com a qual Satoru trata cada um dos seus conhecidos e a maneira com que cada personagem lida com os altos e baixos da vida, tornaram a leitura algo muito próximo de um abraço carinhoso em tempos difíceis.

A obra fala sobre luto e despedidas, o que justifica as lágrimas, mas também nos mostra o que pode vir depois da dor. Nana, Satoru e seus conhecidos passaram por momentos dolorosos. Alguns ficaram bem em pouco tempo, como o próprio Satoru e Yoshimine, alguns ainda estão se curando, como Kosuke, porém vemos que o importante da obra é a chance de observar pessoas normais, lidando com suas vidas cotidianas apesar

de toda dor e lidando com ela da melhor maneira que podem. E tudo isso com o apoio de outras pessoas, nunca sozinhas.

A história que Nana e seu dono nos contam é muito bem-vinda nesse momento tão difícil que é a pandemia. Pensei em meus amigos, nos momentos difíceis que eles passaram nesses quase dois anos de pandemia, e nos momentos que eu passei também, e como cada um de nós também está esperando o que vem depois da dor. Mas esperamos juntos, assim

como lidamos com essas situações juntos, tal qual Nana, Satoru e os amigos que eles visitaram.

São Paulo, 19 de julho de 2021.

Referência Bibliográfica

ARIKAWA, Hiro. Relatos de um gato viajante. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2015. Tradução de: Rita Kohl.

**KAPPA E O
LEVANTE
IMAGINÁRIO**

Ryunosuke Akutagawa

THAISA T C BARROS

Sensibilidade.

Sem dúvida, Ryunosuke a possuía.

Desse modo, damos início ao Prefácio escrito por Shintaro Hayashi em Kappa e o Levante imaginário, uma seleção de 11 contos de Ryunosuke Akutagawa, os últimos do escritor publicados em vida, e organizados sob um critério cronológico. Vale dizer que, em todas as histórias da coletânea, vemos a sensibilidade como a base da construção narrativa que elabora, acima de tudo, uma crítica impiedosa à sociedade japonesa. Ao misturar elementos como o místico, o horror e o cinismo, Akutagawa nos permite conhecer, em sua linguagem simples, um pouco de seu modo de ver e sentir o mundo, que é, sobretudo, amargo e sem salvação.

O auge desse sentimento de condenação pode ser visto no 6º conto - Jigokuhen (traduzido como Inferno) - apresentado na pequena antologia, que narra o processo de pintura de um biombo, representando o inferno, por Yoshihide, um velho artista talentoso e perverso, em troca da dispensa de sua filha do trabalho de servente do grão-senhor de Horikawa.



Como resultado, a arte é a própria solidificação do horror: uma carruagem ardendo em chamas, despencando do alto e carregando adentro a figura de uma bela mulher que grita em sofrimento e agonia. Descobrimos mais tarde, que tal quadro retrata uma cena que ocorreria no desfecho da narrativa, onde, Yoshihide, com um olhar vidrado, seria obrigado a contemplar o fogo envolver a sua filha amada, incapaz de mover-se, em um ato de submissão ao sacrifício visto como necessário para, enfim, completar a tela que se tornaria a sua obra-mestra.

Não costumo gostar de histórias com linhas narrativas que beiram o grotesco, mas, se *Inferno* atraiu a minha atenção e agradou-me, certamente, foi obra da sensibilidade que carrega.

Akutagawa desconstrói a moral e a humanidade em seu conto por meio de uma crítica mordaz, pois, como é possível a sociedade aceitar a existência de um pai que permite a tortura e a morte de sua própria filha, e ainda, experienciar o êxtase e o renome que são frutos desses acontecimentos? A arte, que surge sob tais circunstâncias, deveria ser legitimada e venerada como uma “arte”?

Não pude deixar de sentir que *Inferno* instiga o leitor a esses grandes questionamentos de forma muito sublime, a repensar nos sacrifícios que todos nós somos obrigados a fazer ao longo da vida e suas consequências.

Por fim, o suicídio cometido por Yoshihide ao final da nar-

rativa, na noite seguinte ao término do biombo, parece sugerir o desgosto de um artista pela sua própria obra, um sentimento tão universal que, muitas vezes, não sabemos como lidar. Afinal, nada resta além de resignar-nos quando acabamos odiando a nossa própria criação, que tanto nos sacrificamos para finalizar. E mais uma vez, deparo-me com a crueldade sensível de Akutagawa, angustiando-me com o seu humor ácido e admirando a genialidade de sua construção estética, que descrevem a dualidade dos nossos sentimentos e ações que são, sobretudo, a prova da nossa humanidade.

Referência:

AKUTAGAWA, Ryunosuke. Kappa e o Levante imaginário. São Paulo: Estação Liberdade, 2010. Tradução e Prefácio de: Shintaro Hayashi.

RELATOS DA MINHA CABANA

Kamo no Chōmei

VITOR GESCHINI

Minha mãe sempre me dizia na infância que nós não podemos controlar o que acontece ao nosso redor, mas podemos controlar como reagimos a isso. Essas palavras, para mim, nunca fizeram tanto sentido como nesse período em que vivemos.

Durante a minha vida inteira tentei me distrair com ruídos e sons que falassem mais alto do que a melancolia inerte do coração humano. Sempre me cercando de pessoas e lazeres. Mas, por mais barulho que eu fizesse, aquele sentimento de vazio sempre prevalecia.

Inicialmente, como todo mundo, recebi o isolamento social como algo extremamente custoso e revoltante. Sendo privado do contato humano e de poder sair e passear pela cidade, passava semanas sem sair de casa, estava cada vez mais estressado e irritado até que um dia decidi sair; caminhar para esfriar a cabeça. Para respeitar o distanciamento social resolvi seguir uma rota diferente da de costume, para evitar espaços com aglomerações. Fui caminhando até que me deparei com uma região completamente abandonada da minha vizinhança, um longo terreno abandonado, ocupado de árvores e infestado de grama alta.

Era um lugar extremamente refrescante e pouco demorou para eu perceber um número curioso de animais de rua na região e percebi que era ali que os animais indesejados eram

abandonados. Logo que me sentei, para aproveitar um minuto de sol, me vi cercado de cães e gatos magros que estavam perceptivelmente carentes, seres que sentiam a falta do carinho e afeto (assim como eu). Meu plano era uma caminhada de 30 minutos, mas quando tinha me dado conta já estava com eles por quase 4 horas!

Desde então, o meu dia não parece completo se eu não sento uma hora para alimentá-los e desfrutar de suas companhias. Sempre vou acompanhado de um bom livro para relaxar ali no silêncio daquele pequeno pedaço de verde. É engraçado como que algo tão simples e tão mundano conseguiu emancipar de mim um certo amargor que sempre estava fixo em minhas ideias. Acredito que todo aquele barulho apenas prendia dentro de mim todas as inseguranças, para me machucarem por dentro. Foi com o silêncio que essas intempéries fluíram e vazaram para fora de mim, pouco a pouco.

Em um sábado qualquer sentado ali na grama, eu decidi revisar a matéria de minha disciplina de literatura japonesa, passando de histórias fantásticas sobre kamis, homens e mulheres, guerreiros e xóguns, imperadores e cortadores de bambu. Até que cheguei na história de um monge, a sua foto era de um homem debruçado com a expressão de angústia em tons amarelados. Seu nome era Kamo no Chomei e ele viveu de 1155 a 1216.



Sua história está entrelaçada com um dos períodos de maior caos no Japão. Uma era marcada por fome, guerras, desastres naturais e miséria. Em meio a tudo isso, ele decide entrar em reclusão em meio a mata e passa a viver em uma cabana de onde viria o seu relato de vivência. Sua escrita era feita “ao sabor da pena”, estava sempre ligada com essa dualidade entre a natureza calma e provedora e o seu lado destrutivo e impiedoso. Sua vida me fascinava, constantemente eu via pontos da minha realidade em sua história. Um povo com fome, um país desestabilizado, um governo que não ajuda, as dores de um incontável número de mortos e então, o isolamento.

É claro que nossos contextos têm inúmeras diferenças, eu tenho noção do enorme anacronismo que pode vir a ser essa comparação. Mas eu não consigo deixar de sentir essa conexão de que quando o mundo parece pesado demais de se viver, um regresso para com o contato com o natural, com o silêncio, mas acima de tudo o contato com a vida pode ajudar a lidar com tudo que nos cerca, mesmo não podendo mudar a dura realidade que nos cerca, podemos controlar como reagimos a ela.

Referências bibliográficas:

Kamo no Chomei. The Ten Foot Square Hut and Tales of Heike. Trans. A.L. Sadler. Charles E. Tuttle Company: Tokyo, 1972.



